GASTÃO CRULS

A AMAZÔNIA MISTERIOSA

Romance

Não se me afigura bem omitir certas coisas, principalmente as que se passam longe do mar, embora a muitos possam algumas delas parecer prodigiosas e incríveis.

PLÍNIO, *História Natural*
Liv. VII, Cap. I.

☆

6ª EDIÇÃO

☆

Amaz
869.93
C955

EDIÇÃO DA «ORGANIZAÇÃO SIMÕES»
RIO 1953

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
Reg. e Fls. 48 do Catálogo inventário
sob nº 1499
Em: 26/03/1031

As edições anteriores deste livro são de
1925, 1926, 1928, 1935 e 1944

RESERVADOS OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO, TRADUÇÃO
E ADAPTAÇÃO PARA TODOS OS PAÍSES

A

Álvaro Ozório de Almeida

CAPÍTULO I

AS ÚLTIMAS PÁGINAS DO DIÁRIO

17-XII-191... Mais um dia monótono e cansativo. Pensando abreviar caminho, logo de manhã, ao deixar o acampamento, entramos por um paranamirim, que nada fazia prever fôsse tão tortuoso e inçado de obstáculos.

Os camaradas passaram a maior parte do tempo dentro dágua e, ao fim do dia, era quase insignificante o nosso avanço. É que tivemos um imenso trabalho para cortar alguns grossos troncos de árvores, abrir caminho nos bancos de areia e livrar a igarité dos pedrais em que por vêzes encalhou e estêve a pique de espatifar-se.

Felizmente, ao anoitecer, chegámos à ponta da ilha que bifurca o rio neste ponto e, amanhã, prosseguiremos mais fácil viagem pela corrente larga, já distendida à nossa frente num esplêndido estirão.

Como episódio cômico, o Pacatuba, à hora do almôço, julgando ter descoberto uma porta de abelhas, levou algumas ferroadas de terríveis cabas. Embora apiedados da sua sorte, não pudemos deixar de dar boas gargalhadas, tal a cara impagável com que êle ficou, de testa toda encalombada e beiçorra enorme e muito vermelha.

18-XII-191... Fizemos descanso hoje. Vários motivos nos levaram a isto. Em primeiro lugar, a nossa canoa, com os trancos de ontem, está precisando de nova calafetagem. Por outro lado, o Manoel nos presenteou com uma

magnífica anta, morta pela manha, junto de um barreiro, e é preciso esquartejá-la e aproveitar bem a carne, pois os nossos víveres vão escasseando. Valem-nos a pesca e a caça, agora abundantes, na época da vasante. Ainda esta noite, o Braulino pescou um grande pacu, muito elogiado ao almôço.

De espingarda em punho, andei a percorer a ilha, na companhia do Pacatuba. Há praias encantadoras. Numa delas, de areia muito alva, estavam em flor alguns araçàzeiros, que impregnavam o ar de perfume delicioso. Aí tomámos banho. O Pacatuba tem pavor das piranhas, arraias e candirus, e põe sempre mil cautelas para entrar no rio. Também, coitado, habituado ao regime das sêcas do nordeste, vir perder-se neste mundo de águas que é a Amazônia!

De volta ao acampamento, já encontrámos o Manoel empunhando a viola, rodeado pelos companheiros. Êles sempre apreciam êsses dias de folgança, principalmente depois de um trabalho como o de ontem.

À tardinha, sentado num casco de tartaruga, que me serve de banco, assistí à revoada vesperal dos papagaios, araras e patos bravos. É espetáculo de todos os dias, mas que não me canso de observar. Os papagaios e araras voam geralmente aos pares. Os patos passam aos bandos, dispostos em V, ou então numa linha quebrada.

19-XII-191... Dia bem aproveitado. Viajámos de sol a sol, apenas com duas horas, das onze à uma, para almôço e ligeiro descanço enquanto o calor era mais vivo. O estirão quase não tinha acidentes e, por largo tempo, gozámos de um horizonte amplo e alegre. É magnífica a gradação dos verdes quando se alcança com o olhar um longo trecho da faixa de vegetação que borda o rio dos dois lados. Os cumarus em flor dão a nota festiva à

paisagem, com as suas largas copas engrinaldadas de vermelho.

A trovoada veio hoje mais tarde. Felizmente, já havíamos portado em lugar seguro, à boca de um igarapé remansoso. Foi também uma felicidade havermos decidido dormir mesmo na canoa, senão teríamos tomado um formidável banho.

O Pacatuba está cada vez mais saüdoso dos seus e parece-me que, de dia para dia, lhe cresce o arrependimento por me ter acompanhado nesta aventura. Não cessa de falar na mulher e nos filhos, e por tudo suspira pelo seu Mamanguape. Êle teve muito ânimo enquanto estávamos em contacto com o mundo e, de vez em quando, topávamos uma ou outra barraca de seringueiro. Mas, agora, que vivemos em pleno êrmo, e são cada vez maiores as probabilidades de encontro com os índios... Creio já haver mais de um mês que tivemos o último vestígio do civilizado. Assim mesmo uma tapera miserável, com alguns cajueiros e limoeiros à sua frente, e uma roça de maniva afogada pelo mato.

20-XII-191... Voltámos hoje ao regime dos canais entre ilhas, dificultado por algumas corredeiras e dois ou três saltos, sendo que num dêstes tivemos de fazer a varação por terra. A pesar de ser um trecho pequeno, o trabalho foi penosíssimo. E ainda não estamos nas cachoeiras! O Manoel, o nosso cachoeirista, continua a julgar indispensável a substituïção da igarité por montarias se quisermos transpor as quedas de cima. Esta idéia me apavora, só com a lembrança do tempo que iremos perder na construção das novas embarcações.

Estamos nas últimas tiras de carne de anta, e é preciso poupar o resto dos paneiros de farinha. O João matou hoje um cuatá, que foi petisco para todos. Eu é

que ainda não me pude habituar com a carne de macaco. Parece-me que daí à antropofagia vai tão pouco... C João trouxe também uns côcos de patauá, logo aproveitados num bom mingau.

21-XII-191... Tivemos hoje um espetáculo inédito e que pôs em reboliço a nossa igarité. Surpreendemos uma vara de porcos que atravessava o rio a nado. Matámos alguns a tiro; outros foram mortos mesmo a pranchadas. O Piauí e o João atiraram-se logo nágua, e o primeiro ainda trouxe um dos porcos com vida.

Os papagaios, araras e tucanos andam em grande alvorôço e o dia todo fazem enorme grazinada à nossa volta. Dizem os homens que é por causa das bacabas que estão em fruto.

Quase sempre fazemos agora um repouso maior durante o dia, à hora em que o calor é mais forte e a viagem se torna verdadeiramente penosa. Como os dias são muito longos, ganhámos o tempo perdido saindo mais cedo pela manhã e remando até mais tarde.

Ia-me esquecendo dizer que, na noite passada, tivemos onças bem próximo do nosso acampamento. O Braulino, que estava de sentinela, foi quem deu o primeiro alarma; mas não era preciso, pois, pouco depois, os urros tornaram-se formidáveis e certamente nos teriam acordado. Pelo jeito, devia ser um casal que andava de amores, — uns amores de gato em ponto grande, agravados pela solidão de em tôrno. É incrível o barulho que se faz na mata por uma hora dessas. Dir-se-ia que, ao primeiro rugido da onça, toda a natureza desperta sobressaltada e há um verdadeiro salve-se quem puder entre os habitantes da floresta. Num clamor confuso, ouvem-se então roncos e assobios de macacos, gritos aflitivos de pássaros, estalidos de ramos que se partem, tropeada de animais nas fôlhas sêcas. Até

o cachorro do Piauí, que se mostrara corajoso no início e dera uns latidos valentes, ao ouvir os urros mais perto, meteu o rabo entre as pernas e veio aninhar-se bem junto das nossas redes. O Pacatuba teve também o seu medozinho e preferiu passar o resto da noite conversando com o Braulino.

22-XII-191... O Pacatuba amanheceu indisposto, com vômitos e diarréia, o que nos reteve no acampamento. Creio que, ontem, carregou demais no tucupí, sem o qual não passa para temperar o peixe. Demos-lhe um chá de erva-cidreira e depois o Trindade preparou-lhe um cozimento de caamembeca.

O Pacatuba ficou logo receioso de que estivesse com o maculo, de que ouvira falar. Para animá-lo, eu disse, em ar de troça, que não havia temer. Se êle estivesse mesmo com a doença, teríamos o recurso do terrível sacatrapo embebido numa mistura de cachaça, pólvora, fumo e pimenta, bárbaro supositório com que, em outros tempos, se fazia a cura do maculo. O Pacatuba protestou logo, dizendo preferir morrer a ter de sujeitar-se a semelhante tratamento. Contei-lhe, então, a história, referida por Severiano da Fonseca, na sua VIAGEM AO REDOR DO BRASIL, de certo capitão-general de Mato-Grosso que dizia a mesma coisa e até ameaçara de enforcamento quem lhe aplicasse o supradito supositório, caso viesse a adoecer e conseguisse salvar-se. Dias, depois, entretanto, êle caía com o mal, e de uma forma tão grave que em poucas horas já estava desacordado e prestes a morrer. Vendo-o neste estado, e quando já se haviam esgotado todos os outros recursos de tratamento, um pobre homem do povo, cheio de zêlo pela vida do capitão-general, tomou-se de coragem e resolveu aplicar-lhe o sacatrapo afamado, que teve efeitos milagrosos e em pouco o restituía à saúde. E' bem de ver que o capitão-general,

longe de chamar a contas o seu salvador, ainda o grati- o ficou generosamente.

Aproveitando o descanso forçado, o João e o Galdino foram gapuiar num baixio próximo, onde, ontem à tarde, ouvimos cantar os socós. De lá trouxeram duas tartarugas e alguns jandiás. O Braulino passou o dia preparando óleo de bacaba, para substituir a nossa manteiga de tartaruga, já quase no fim. Não me afastei muito do acampamento, para não deixar só o Pacatuba, que à tardinha estava francamente melhor.

23-XII-191... Só deixámos o rancho às duas horas. De manhã, com o João e o Galdino, fui ao baixio onde êles pescaram ontem e me disseram ter visto alguma caça. De fato, matei duas anhumas e três marrecas. Infelizmente, duas destas, já mortas ou feridas, cairam num aningal, e foi impossível achá-las.

Para alcançar o ponto da caçada, marginámos um furo encantador, onde o sol mal penetrava, tão espêssa era a trama de galhos e cipós que se fechavam sôbre o veio dágua, num verdadeiro túnel de verdura.

Ao escurecer, depois de quatro horas de viagem, abicámos numa praia de cambão. Aí banqueteámo-nos à farta, graças às anhumas e jandiás. Como sobremesa, o Trindade arranjou-nos um mel delicioso.

Temos tido umas lindas noites de luar, que enternecem os nossos homens e fazem o Manoel dedilhar a viola, cantarolando modinhas à meia voz.

24-XII-191... Demos hoje um bom avanço na jornada, porque os nossos homens não querem trabalhar amanhã.

O Pacatuba esteve todo o dia tristonho. Provavelmente, andou se lembrando dos Natais anteriores, passados

na companhia da família. Contudo, num dado momento, fêz-me dar boas gargalhadas. Por qualquer motivo, vim a falar em judeus e êle, muito ingênuamente, pediu-me que lhe explicasse a origem dessa gente. Disse-lhe, então, qual era a situação dos filhos de Israel, o único povo sem pátria desde que sôbre êles pesara a maldição divina. E o Pacatuba, muito apiedado: "Coitados! Isto ainda é pior do que ser português". Não sei onde êle foi buscar essa prevenção contra os portuguêses, mas o fato é que é de tôdas as horas. Quando ainda estávamos em Manaus, pensei contratar um português muito desejoso de viajar conosco, mas êle tantas me disse a respeito dos *marinheiros*, que acabei por não trazer o homem. É verdade que êle também não gosta dos cafusos, aos quais chama *taiocas*, e só por êsse motivo até hoje não vai muito com o Galdino, um dos nossos melhores auxiliares.

Seria que o Pacatuba me tivesse pegado a sua tristeza? Hoje, pela primeira vez, dei razão a Agassiz, quando fala na "monotonia triste e enfadonha" das païsagens amazônicas. É verdade que, mais do que nunca, estamos agora num trecho em que o rio é tortuoso e a floresta, fechada e opressiva, nos cerca por todos os lados. Uma ou outra árvore florida, ou a plumagem brilhante de qualquer pássaro são incidentes mínimos e sem nenhum relêvo, quando se tem diante dos olhos a amplidão do mataréu sem fim. Nem mesmo há aquí a gradação dos verdes. Uma única e mesma tinta sombria empasta tôda a vegetação, das frondes altanadas às plantas mais mofinas. Até as palmeiras, em outros pontos de uma pujança e variedade incríveis, uniformizam-se aqui nas tristonhas jarás, de palmas ralas e estipes delgados.

Tão denso é o paredão de verdura corrido à beira do rio que, já ao anoitecer, remámos por mais de uma hora, à procura de qualquer aberta, onde pudéssemos fazer um

pouso melhor, para passar o dia de amanhã. Afinal, já cansados, decidimo-nos por um desbarrancado à margem direita, assim mesmo muito sujo e quase todo coberto de flecheiras e oiranas.

25-XII-191... Ontem à noite, quando já nas redes e sob os mosquiteiros, o Pacatuba entrou a falar longamente dos seus. Lembro-me ter adormecido acalentado pelo pio triste do murucututu e recordando-me da frase pitoresca em que êle me dizia que se por aquelas mesmas horas estivesse em Mamanguape, andaria "pastorando" igreja onde pudesse assistir à missa do galo com a família.

Como se poderá passar um dia de Natal isolado do mundo, em plena selva amazônica? Foi esta a primeira pergunta que me fiz hoje de manhã, transportando-me pelo pensamento ao lar longínquo e dominado por uma onda de saüdade. E só então compreendi bem os versos do poeta: *Home! sweet home!*

Quando me levantei e fui até o japá da nossa igaritê, já o Pacatuba estava agachado junto da sua canastra a enfeitar com algumas flores de algodoeiro bravo, colhidas junto do acampamento, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, sua companheira inseparável.

O João, Galdino e Piauí, mais práticos, saíram cedinho para pescar e caçar.

Aproveitei a manhã para botar em ordem algumas notas e examinar nos mapas o roteiro da viagem. Parece-me que já andamos muito próximos do outro rio, acima do qual devem começar as cachoeiras. Pelo menos, é essa a opinião do Manoel, o único, dentre nós, que já se perdeu por estas paragens.

É preciso conhecer o que é a imensidade da Amazônia para poder avaliar a mesquinhez ridícula que assumem as cartas geográficas, quando, diante delas, procuramos refa-

zer mentalmente algum trecho já percorrido. Distâncias enormes, entrecortadas de rios caudalosos e florestas imensas, minguam então aos nossos olhos e o que exigiu dias e dias sem conta de lutas e sacrifícios para ser vingado, aparece como o itinerário de qualquer jornada amena e ao alcance do primeiro turista displicente. Assim sucede com a região em que viajamos, uma das menos conhecidas, e onde há rios e rios que nem figuram nas cartas.

Apesar do sueto, o Manoel passou todo o dia a fazer reparos na igarité, a eterna menina dos seus olhos. Auxiliado pelo Trindade, também muito habilidoso, êle reformou por completo a sua tolda, reforçando-a, além do mais, com uma esteira de ubuçu. É incrível o cuidado que êle tem com a canoa, à qual por vêzes se dirige como se tratasse com outra pessoa. Então, quando estamos num trecho mais difícil do rio e quando há obstáculos a vencer, como gorgulhos, bancos de areia, etc., é um pagode vê-lo conversar com a igarité, animando-a com palavras carinhosas: "Anda, minha negra! Vamos, dengosa! Tem paciência, que é só mais um pedacinho..."

O pessoal que foi à caça, melhorou-nos a boia. Tivemos bons palmitos e, sobretudo, uma paca que o Trindade, o nosso Vatel, preparou com esmêro, envolvendo-a prèviamente em fôlhas verdes, para não perder a gordura, e assando-a depois a fogo lento, num espeto.

Por ser dia de exceção, o pessoal teve hoje abrideira ao almôço; e, à tarde, também carreguei um pouco mais nas doses que lhes costumo distribuir. Não sei se foi por isso que o João e o Galdino tiveram um forte bate-bôca à noitinha, e no qual precisei intervir com energia, antes que as coisas se azedassem. Motivou-o, como sempre, uma futilidade. Junto do nosso acampamento, nos galhos de uma ingazeira, havia vários ninhos de japins, como são conhecidos aqui os nossos guaxes, mas que o João, cea-

rense, queria que fôssem xexéus. Japins do extremo norte, guaxes do sul e xexéus do nordeste, é tudo uma única e mesma coisa, e ambos teriam razão se não quisessem que fôssem pássaros diferentes. O Pacatuba, como bom paraibano, ia meter o bico na discussão, mais talvez para inticar com o Galdino, de quem não gosta, do que mesmo para apoiar sinceramente o João. Por fim, tudo serenou da melhor maneira, enquanto os japins continuavam na sua algaravia, travesseando nos ramos da ingazeira, e não sei se discutindo também a sua identidade.

26-VII-191... É de causar espanto a sensibilidade especial que têm alguns dos nossos homens para fazerem a previsão do tempo. O Manoel, então, não falha. Ainda hoje, por volta de uma hora, estávamos com um dia lindo, quando êle começou a torcer o nariz, dizendo que teríamos "coisa grossa". Sorrí incrédulo, olhando o céu sereno e de um azul sem manchas. Pois bem; uma hora depois já o cenário era outro. Grandes nuvens enfarruscadas surgiam de todos os lados e, em pouco, a luz parecia descer de um céu de chumbo. A atmosfera era então abafante e toda a natureza, imóvel, traía um ar de susto, como a recear o desencadeamento da tempestade. Apenas, junto das praias, bandos de gaivotas irrequietas, espicaçavam-se aos gritos, rasando a água em vôos baixos. Não tardou que o vento aparecesse. A princípio, um bafo morno, pressentido ao longe pela agitação das imbaúbas, cujas fôlhas deixaxam ver o dorso esbranquiçado. Depois, a zurriada de lufadas fortes, que sopravam na floresta e chegavam até o rio, esbracejando o arvoredo e enfurecendo as águas. Foi só o tempo de carregar nos forquilhões e meter a igarité entre as canaranas de um espraiado. Aí, longe da terra firme, não corríamos o risco dos esbarrondamentos e quedas de árvores. Mais alguns minutos e a chuva caía a jorros, entre relâmpagos que lanhavam o céu de lado a lado. Nunca vi

trovões tão fortes e repetidos. Era um estrondo constante, a repercutir longamente na mataria. O Pacatuba acocorou-se num cantinho da tolda, com a cabeça entre as mãos e a imagem de Nossa Senhora sôbre os joelhos, e a cada faísca mais forte, fazia o sinal da cruz. Também, menos de duas horas depois, já o tempo estiava e a paisagem parecia renascer, tocada por um sol muito brando e de novo espelhando sombras nítidas na água serena do rio.

Se não me falha a memória, é de Bates a justa observação de que a natureza tropical vive intensamente e, livre do inverno, faz no curto espaço de algumas horas o ciclo das três outras estações. Tivemos hoje um dia dêstes: primavera pela manhã, com uma temperatura agradabilíssima e flocos de neblina esgarçando-se sôbre a corrente; verão ao meio-dia, de sol a pino e bochorno inaturável; outono fugidio à tarde, com o aguaceiro que esgalhou as árvores e tapeçou o chão de fôlhas sêcas e flores murchas.

Resolvemos dormir mesmo na igarité, para ver se fugimos dos mosquitos, cada vez mais ferozes.

27-XII-191... O rio baixa a olhos vistos e já são freqüentes os trechos em que temos de lançar mão das forquilhas. Com isso, amiudam-se as praias e as águas se represam em baías e poções, onde o peixe piririca, atraindo jacarés e aves ribeirinhas. A presença das garças por aquí é sinal de que já secaram as lagoas e baixios interiores.

Não avançámos muito hoje porque estamos desfalcados de dois homens. O Piauí teve um forte acesso de febre à noite passada e o Braulino está com um pé muito inflamado, por se ter ferido, durante o banho, num ferrão de arraia. Para o primeiro, havia o quinino da minha farmácia. O Braulino, na iminência de entrar no canivete, se não melhorar de hoje para amanhã, ficou aos cuidados do Pacatuba,

que lhe preparou um emplastro de banha de jacruaru, um lagarto daquí e que êle diz ter os mesmos efeitos da banha do tejuaçú, do nordeste.

Apesar de estarmos em rio de águas pretas, temos tido muitas pragas: de dia, piuns e mutucas: à tardinha, maruins; de noite, carapanãs.

Esquecia-me de dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça. Desta vez, porém, estávamos mais a salvo, pois dormíamos mesmo na igarité, a alguns metros de terra.

28-XII-191... Só desarranchámos às oito horas, depois de ter tratado do pé do Braulino que se livrou desta vez do bisturí. O Pacatuba está radiante com a eficácia da sua pussanga, embora me garantisse que a inflamação ainda cederia mais depressa se eu houvesse consentido que êle aplicasse sôbre a ferida um sapo cururu aberto pelo meio!

Durante o dia, quando bordejávamos um capão de mato, o Manoel avistou um tamanduaí, que o Trindade abateu com tiro certeiro. Experimentei-lhe a carne ao jantar. A despeito da minha natural repugnância, tive de concordar com os companheiros que o seu gôsto não é de todo mau. Pernoitámos num extenso areal da margem esquerda, onde, às ave-marias, ouvimos a melopéia triste dos guaribas.

29-XII-191... Passámos a manhã na praia, enquanto os nossos homens preparavam novos varejões. Distraí-me apreciando a boa camaradagem existente entre as garças e os jacarés. Vi-os reünidos num mesmo alagadiço, onde imóveis, pareciam se aquecer ao sol. Algumas das garças, linheiras, brancas de neve, elegantíssimas, descansavam sôbre o dorso dos horrendos sáurios.

Como o rio está cada vez mais estreito e sêco, a viagem, embora mais cansativa, torna-se muito aprazível. E' que assim não se perdem os acidentes da paisagem, lentamente renovada aos nossos olhos. Ainda se vê um ou outro ingá em flor, pondo uma mancha branca entre as franças rubras das sorveiras e cumarús e os ramilhetes amarelos dos altíssimos piquiás. As inajás e bacabas predominam agora entre as palmeiras. Do côco destas últimas, o Piuaí nos preparou um delicioso vinho, muito apreciado por todos. Como se vê, não são só os tucanos e papagaios que se regosijam com a frutificação das bacabas...

Ontem, à noite, já depois do jantar, foi que me lembrei que fazia anos. Falando a respeito com o Pacatuba, êle disse-me, depois de pensar algum tempo: "Que coincidência! Hoje, lá em casa, também se festejam três aniversários". E como eu me espantasse: "Sim. Minha mulher faz trinta anos e meio; o André, o meu segundo, oito anos e três meses; e o Lourenço, o meu caçula, um ano e quinze dias".

30-XII-191... Estamos com índios nas imediações! Foi esta a novidade sensacional do dia e já agora assunto de todas as nossas conversas. De manhã, quando ainda estávamos no rancho, o Manoel e o Galdino foram dar uma batida nas proximidades e, pensando entrar por um caïdor de anta, chegaram a um tapiri de índios, onde não havia ninguém, mas do qual trouxeram um balaio e uma cuiambuca cheia de bebida fermentada. O balaio continha, além de caça moqueada e um punhado de favas, certa porção de cera, maços de fibra de tucum e algumas pontas de flecha. Êles voltaram logo ao acampamento, muito atemorizados, mas eu fi-los regressar ao tapiri, para repor no lugar os mesmos objetos, deixando também algumas lembranças para os índios: espelhinhos, miçangas, anzóis. Não posso sa-

ber de que tribo se trata, mas o balaio era muito bem trançado, com fibra de duas côres. Temos agora de ser mais cautelosos, e eu já pedi ao Manoel que acabasse com as cantorias à noite.

O Manoel acha que estamos muito perto das cachoeiras. Os ganchos e forquilhas entram cada vez mais em função. Com isso o trabalho torna-se exaustivo e é muito menos rendoso.

Por proposta do Pacatuba, vamos dormir na igaritê. Êle pretextou o excesso de carapanãs nas praias; mas eu creio que o verdadeiro motivo é o receio dos índios.

31-XII-191... Tivemos de fazer uma varação, para fugir de duas pancadas que eram intransponíveis. Foi êsse o motivo por que quase não avançámos, embora, ao fim do dia, todos estivessem fatigadíssimos.

Por mais reduzida que seja a bagagem, é sempre penoso o trabalho de carga e descarga. Além do mais, a nossa canoa, aos poucos se vai transformando numa verdadeira arca de Noé. O Piauí tem um macaco-prego; o João, um lindo anacá; o Pacatuba, dois surucuás e um caraxué. E só não é maior a bicharada, porque estou sempre protestando. Ainda há alguns dias, o Galdino queria conservar vivo um tatùzinho, pacientemente desentocado por êle, mas que acabou mesmo na panela. Eu compreendo que se preze, ao menos para deleite da vista, um papagaio como o anacá, sem dúvida um dos mais belos da região com a sua coifa de penas encarnadas e azues, sempre pronta a eriçar-se quando está irritado; o mesmo já não digo do implicante macaco-prego, do Piauí, que todas as manhãs põe em polvorosa a igaritê, principalmente quando ouve o assobio dos seus irmãos, na mata.

Depois de um largo trecho de barrancos e talhadões, conseguimos abicar numa praia espaçosa, onde aguardaremos a passagem do ano. Era preciso mesmo um dia

de repouso, para fazer novo calafeto na igarité, que começa a fazer água.

1-1-191... Que nos trará de bom o ano novo? Ainda perdurará pela Europa o sôpro de loucura que ensanguentou os países mais civilizados? Fiz-me esta pergunta hoje de manhã e veio-me o desejo de saber de cór, para podê-los recitar aqui, a céu aberto e junto da floresta primitiva, os belos versos de Byron, na sua ORAÇÃO À NATUREZA.

Mas voltemos à mesmice dos nossos dias. Entre o café e o almôço, na companhia do Pacatuba e do Trindade, andei atirando numas marrecas e passarões, à beira de um brejo, orlado de capim membeca.

Nada mais lindo do que ver os passarões, garças e um outro tuiuiu baterem as asas de súbito, ao primeiro estampido do tiro e, em volteios rápidos e cada vez mais amplos, remontarem-se ao azul, demandando paragens solitárias.

Se não voltei de todo panema da caça, também quase não trouxe nada: apenas duas marrecas e uma curicaca. Felizmente, o Galdino já nos tinha garantido a boia com uma magnífica piraíba, pescada durante a noite.

Depois de bem almoçados, resolvemos avançar mais um pouco. A canoa já estava pronta e seria extremamente fastidioso passarmos o resto do dia a olhar uns para os outros, acocorados numa nesga de praia. Nestas paragens, ainda o melhor é viajar, viajar sempre. Só assim não se tem tempo de cair no desânimo, pensando no que ficou atrás e nos males que ainda podem vir.

Tenho agora por hábito fumar, à tardinha, um cigarro, estirado sôbre a tolda da igarité. Serve-me de colchão macio o pari de ubuçu trançado pelo Trindade. A manobra requer algum equilíbrio, mas tem suas compensações.

Voltado de face para o céu, a essa hora de um azul muito terno e onde, por vezes, já começam a cintilar as primeiras estrêlas, acompanho o vôo das aves retardatárias, que vão em busca de seus ninhos. Quem não fica em si com êsse meu capricho é o Pacatuba, que não cessa de me gritar, lá de baixo: "Olhe, *seu* doutor, que uma queda daí é serviço de gancho". Hoje, mais do que nunca, êle repetiu os seus avisos, e o fato é que estive mesmo, vai não vai, para virar. É que, num dado momento, a canoa rascou o fundo e quase perdi o equilíbrio.

Fizemos pouso numa ilhota, com grande satisfação do Pacatuba e do Braulino, agora sempre desconfiados da terra firme, depois que tivemos notícia dos índios. À noite passada, pretextando frio, o Pacatuba remexeu-se muito. Não há dúvida que a temperatura caiu pela madrugada; mas não seria também um mêdozinho dos selvagens?

2-1-191... A correnteza aumenta e começam a aparecer as piaçabas. Isto é indício certo da proximidade das cachoeiras. Vencemos hoje uma garganta encurralada por grandes barrancos, onde a cebola brava abria as suas flores entre festonadas de verdura.

3-1-191... Hoje, quase todo o dia, tivemos de recorrer aos ganchos e forquilhões. Felizmente o pessoal está habilitadíssimo para estas manobras. Então, quando se juntam o João de gancheiro e o Manoel e Braulino de forquilheiros, faz gôsto vê-los na faina, tal a precisão e o ritmo dos seus movimentos. Em todo o caso, o trabalho é penosíssimo e muito pouco rendoso. Por outro lado, a canoa, renteando a margem, enche-se de tôda sorte de detritos, galhos podres, fôlhas sêcas, torrões de terra, e é preciso estar constantemente a limpá-la. Quando não acontece, como já nos sucedeu, mexer com uma casa de marimbondos

ou jogar para dentro da canoa um enxame de formigas perigosas.

Vimos hoje uma pinguela que é sem dúvida caminho de índios. Ligava a praia a uma ponta de ilha, onde parámos para almoçar. Durante o percurso da tarde, interrompemos por um instante a viagem, porque o Manoel avistou uma mamorana, reconhecida por suas flores rajadas de vermelho e branco, e quis aproveitar para colhêr um pouco de estopa. Fizemos alto nas vizinhanças de uma cachoeira, que amanhã será transposta com o recurso dos cabos.

4-1-191... Conheci hoje a verdade do seguinte provérbio, muito em voga por aqui: "Não há inferno para os cachoeiristas, pois êles já fizeram o seu purgatório". De fato, são sem conta os lances que demandam esforços continuados, calma, atenção e presença de espírito, quando se tem de vencer alguma cachoeira numa embarcação um pouco maior, como é a nossa, e que com qualquer manobra em falso ou mais precipitada poderá partir-se. Felizmente, tinhamos bons cabos e o Manoel mostrou-se de uma perícia a tôda prova. O trabalho ainda foi mais dificultoso, porque havia poraquês no rio, e os nossos homens, obrigados a trabalhar dentro dágua, de vez em quando recebiam descargas dos terríveis peixes elétricos. Como compensação, nos pedrais batidos pela correnteza, colhemos muito carurú, que vem reforçar a nossa escassa provisão de sal. Nas mesmas pedras limosas, viçavam também lindas sobrálias de flores róseas, conhecidas aquí por *baunilha do caçador*.

O Manoel pensa que já é tempo de abandonarmos a igarité. Na sua opinião, daquí por diante, teremos pancadas e travessões muito fortes, exigindo freqüentes e longos varadouros. O diabo é que nós oito não nos arranjaremos numa única montaria.

Acampamos próximo de um têso de terra firme, onde o Manoel, amanhã, vai escolher madeira para a construção das novas embarcações.

5-I-191... — O Manoel saiu cedo com três homens e, à tarde, voltou dizendo que havia conseguido, muito perto da praia, duas itaúbas. Amanhã os tóros devem ser arrastados até aqui para ser começado o trabalho dos cascos. Quero ver se tomo parte ativa na construção das canoas. Só assim o tempo passará mais depressa. Temos, em todo o caso, serviço para muitos dias.

O Trindade, sempre incansável, resolveu construir um tijupar, onde eu e o Pacatuba ficaremos melhor acomodados. A floresta, neste ponto, é de uma grandiosidade sem igual e, logo à beira do rio, existem gigantescas sumaumeiras. Quero ter uma sensação mais longa da mata virgem. Para isso estou projetando uma caçada na companhia do Piauí, que passa por bom mateiro.

CAPÍTULO II

PERDIDOS...

— Então, Piauí, estamos mesmo perdidos?

— Eu não sei, *seu* doutor, mais acho difícil. Seria a primeira vez que me perco no mato. O senhor vai ver que daquí a pouco, quando menos se esperar, a gente encontra uma trilha e está de novo no acampamento.

— Mas olhe que já são três horas e, não leva muito, começa a escurecer.

O Pacatuba não falava. Sentado diante de mim, sorvendo a pequenos goles a água que fôra colhida numa fôlha de imbé, com a roupa suja e tôda em rasgões, êle tinha um ar pasmado e do seu rosto macilento e sumido sob o largo chapéu de jupatí, só se viam os grandes olhos que faulhavam esbugalhados, traduzindo a angústia que lhe ia n'alma.

Na verdade, a situação não era das mais agradáveis.

Tínhamos saído por manhãzinha, afim de conhecer um pouco da mata virgem, conforme eu projetara na véspera. Confiante na argúcia do Piauí, eu me deixara conduzir despreocupadamente, até que, pelas onze horas, quando falei em voltar, o nosso guia se mostrou desnorteado.

Estávamos, então, em plena mata, sob o estendal intérmino das frondes verdes, que não deixavam aberta por onde se divisasse uma única nesga do céu.

Sumaumeiras gigantescas, tocarís hercúleos, majestosos cedros, abrindo as ramas no alto, faziam o travejamento dêsse maciço zimbório de verdura, que transverberava cla-

ridade vagas, deixando o recesso da mata num crepúsculo esverdeado. Aí, numa luta surda mas de todos os instantes, comprimia-se, amotinada, a legião sem fim dos outros vegetais. Árvores portentosas confundindo raízes e sapopemas na difícil conquista do solo; troncos seculares abarcados por cipós constritores; copagens grenhudas entretecidas de monstruosas trepadeiras; forquilhas cravejadas de caragoatás e parasitas; moitas espêssas de palmeiras; tufos sombrios de folhagem; estolhos aculeados e refilhos gavinhentos rojando pelo chão, unhando a galharia, engrimpando-se nos ramos; hastes colubreantes, volutas sarmentosas e redouças virentes; — tudo aquilo revôlto, emaranhado, inóspito, mas borbulhando viço e regorgitante de seiva, na "frescura eterna da vida orgânica", subia às avançadas para o azul, num mesmo ansêio de luz.

Era por essa mesma luz que nós também aspirávamos, viesse ela apenas da estreiteza de uma fresta que nos abrisse perspectivas, permitindo ajüizar da maior ou menor proximidade do rio. Mas, para tanto, seria preciso dominar a floresta, sobranceando o monstro de grenha verde que nos retinha entre as suas malhas. E, assim mesmo, na bacia infindável da Amazônia, onde os horizontes são ilimitados e quase sempre se esbatem numa linha unida...

Barafustando por um lado e outro, às tontas, mas sem desfalecimentos, já tínhamos andado por mais de três horas, quando parámos à beira daquele ôlho dágua, que nos mitigara a sêde. Por todo alimento, até aquela hora, tínhamos comido apenas alguns frutos de abiorana. O Piauí propôs que preparássemos um pouco da caça morta pela manhã, mas achei melhor não perder tempo e, de novo, aos agachos entre os ramos e tropeçando nas lianas, recomeçamos a tresvoltear pela mataria, agora seguindo um vêio dágua, na esperança de que êle nos conduzisse a qualquer furo ou igarapé, mas que, logo abaixo, se chupava entre o

folhiço; mais adiante, rompendo por um carreiro de antas; aqui, abatendo a golpes de facão as cordas do cipó-escada; acolá, afastando os festões da jacitara espinhosa...

Infelizmente, tudo parecia em vão e, mais uma vez, estacámos desalentados. O Pacatuba queria insistir nos tiraços para o ar, se eu não lhe lembrasse que a nossa munição já era pouca e mais valia poupá-la. Foi quando o Piauí voltou a apelar para a ressonância das palhetas da sumaumeira, processo muito usado pelos seringueiros quando querem comunicar-se com os companheiros distantes. Tomando de uma grande pedra, êle, repetidamente, abalou o silêncio da brenha, dando algumas pancadas sêcas e espaçadas numa enorme sapopema. Como das outras vêzes, porém, os rebôos se perderam ao longe, num éco arrastado e surdo, e sem qualquer resposta.

E a noite descia célere.

Grossos panos de sombra enchiam os desvãos da floresta, desluzindo-lhe os verdes e tornando-a ainda mais lôbrega e misteriosa.

Como estivéssemos num recanto de vegetação menos densa, o Pacatuba subiu aos altos de uma gameleira, tentando ter um golpe de vista mais amplo sôbre as cercanias. Embuçado pela folhagem, e porque se demorasse, interpeleio, cá de baixo.

— Então, Pacatuba, vê-se alguma coisa?

E êle, muito desconsolado:

— Qual nada, *seu* doutor! A mataria está mesmo impertinente... É pé de pau que não acaba mais.

Pelo adiantado da hora, sentíamos o dia perdido e chegava-nos o desânimo. Exaustos, esfomeados, seria baldado outro esfôrço, quando a mata se enoitava e era cada vez mais difícil abrir caminho entre a galhaça enredada e garranchenta. Mais valia, portanto, arrumarmos um pouso por alí mesmo, onde fizéssemos fogo, preparando

qualquer coisa para comer. A mais, estávamos junto de um córrego e depois talvez fôsse difícil encontrar água tão perto. Além disso, tínhamos ali também um grupo de inajás, de que poderíamos aproveitar os palmitos. Foi esta a proposta do Piauí, que era o mais calmo dos três, embora se mostrasse muito vexado pela sua desorientação.

— Mas, então, *seu* doutor, nós vamos morrinhar por aquí? disse o Pacatuba, como que a apelar para mim, e com uma cara de quem já se sente flechado pelos índios ou está na iminência de ser devorado por alguma onça.

Foi o Piauí quem respondeu:

— E que é que se há de fazer? Olhe, ninguém está mais envergonhado do que eu. A gente ganhar fama de mateiro e, depois de tantos anos, ficar desmoralizado dêsse jeito! O que vale é que, amanhã, bem cedinho, com a luz do dia, eu tenho a certeza de que tomo tento e vamos direitinho até o rio.

— Pode ser... Mas eu preferia não ter de passar a noite neste meio de mundo. Não era à-tôa que eu estava apragatado com êste passeio, resmungou o Pacatuba.

Acendí um cigarro e pus-me a meditar sôbre a situação, enquanto o Piauí preparava o nosso rancho, batendo o mato mais próximo e juntando sacaís para fazer a fogueira.

Que pensariam de nossa ausência os companheiros, deixados pela manhã, na construção das montarias, e dos quais nos despedíramos dizendo regressar para o almôço? Certamente que não nos vendo chegar até aquela hora, já deveriam ter previsto algum acidente e, sem dúvida, estariam também internados pelo mato, à nossa procura. O pior é que não se fôssem perder também.

Empunhando o facão, o Piauí derrubava agora uma palmeira inajá, e o Pacatuba, sentado à beira do córrego, depenava pacientemente um cujubim.

Com a aproximação da noite, a mata começava a animar-se. Da crista do arvoredo mais alto, onde, aos raios do sol, sazonam frutos e se abrem as corolas perfumosas, desciam bandos de macacos e esfusiava a passarinhada em busca de seus ninhos. É que a natureza amazônica reproduz os jardins suspensos de Semíramis. A muitos metros do solo, as frondes portentosas tecem-se num vergel florido que atrai, durante o dia, todos os habitantes da floresta. Assim, enquanto no recesso da mata tudo é silêncio e obscuridade, vai lá por cima uma agitação constante. São ramos que vergam ao pêso dos animais; araras e tucanos que trincolejam sementes duras; flores que se esfarfalham tocadas pelos beija-flores; gritos agudos, chilreados álacres; frêmitos de asas, ruge-ruge de penas... A noite, porém, traz a transmutação do cenário. Povoa-se o subosque em detrimento do dossel de verdura. A bicharada baixa a seus esconderijos. Estalidam galhos. Sombras esgueiram-se na meia luz do crepúsculo. As aves aconchegam-se entre a folhagem. Era o que eu observava agora, ouvindo ao longe o côro triste dos guaribas, concertando com as outras muitas vozes que me cercavam: pios flébeis,chilidos, assobios, e até o rechino de algumas cigarras e a coaxação dos primeiros sapos.

Antes que a escuridão fôsse mais forte, o Piauí preparou-nos um palhal entre as enormes sapopemas de uma sumaumeira. Aí poderíamos descansar mais protegidos da visita de qualquer fera, sobretudo se o fogo fôsse mantido sempre vivo. Para isso, um de nós ficaria de sentinela, enquanto os outros dormissem.

Quase não pude comer, tanta falta me fez o sal. Foi pena, pois os palmitos eram lindos e estavam muito tenros. O Pacatuba e o Piauí unharam fortemente o cujubim. Por proposta do segundo, que quis fazer a primeira guarda, o Pacatuba e eu recolhemo-nos ao abrigo, onde,

em pouco, estirados sôbre um leito de fôlhas, éramos vencidos pelo sono.

Quando acordei, alta noite, aos revérberos da fogueira, que fôra atiçado pelo Piauí, trazia a lembrança de um sonho estranho. Como que por encanto, todos os vegetais da floresta haviam perdido a membrana de celulose, que os imobiliza, e eram agora entes sensificados que se moviam com desembaraço e vagueavam em liberdade, deslocando lentamente o raizame, à maneira de grandes tentáculos.

Falando a respeito com o Pacatuba, êle disse-me: — Anhanga era capaz de fazer uma coisa destas... Êle é o dono disto tudo...

E como eu sorrisse, incrédulo:

— *Seu* doutor, não acredita? Fazia... Olhe, quando eu estava no Purús, êle, numa noite de chuva, arrancou uma porção de árvores como quem arranca qualquer praga. Muita gente dizia que aquilo era obra do vento, mas eu tenho a certeza que foi mesmo Anhanga, que é um não sei que diga muito miserável. Só vendo o fragoido que êle fazia na mata.

— Mas você não o viu?

— Deus me defenda duma desgraça dessas, *seu* doutor! A gente fica estragado para o resto da vida. Dizem que êle é um homão de mais de três metros, mal empernado de cara, com a pele curtida e uns cabelos duros e torados que nem caraca de carnaúba. O pior é que êle encandeia pelos olhos e a gente fica peado na sua frente como qualquer mocó diante da sucurijú.

Uma coruja gargalhava nas nossas vizinhanças. O Pacatuba estremeceu e foi postar-se mais junto do fogo. Com o avanço da noite, a temperatura caía e eu imitei-lhe o gesto. Mariposas esvoaçavam sôbre o brazeiro, cujas chãmas vasquejavam, projetando clarões a distância e acen-

dendo coruscações ígneas na folhagem reluzente de orvalho.

— E se, amanhã, nós não dermos também com o acampamento? disse o Pacatuba, migando um pouco de fumo na palma da mão.

— Qual! Há de se dar. Pelo menos, seguindo o córrego, havemos de chegar a qualquer rio e, daí por diante, será mais fácil.

— Se não cairmos antes na mão dos bugres, que é do que eu tenho mais medo. E a falar baixinho, como se receasse que fossemos ouvidos: — Chi! Índio é serviço de gancho! O senhor nem imagina do que essa gente é capaz. Olhe...

E êle passou a contar-me o que ouvira de certo ataque dos selvagens a um barracão de seringueiros, fato ocorrido havia muitos anos, mas de que fôra testemunha o pai de um amigo seu.

Essa história trouxe outras e mais outras, não só de índios, como também das lendas que êles contam a respeito dos animais.

De uma delas, a história da onça e do veado que foram morar juntos, eu me servi para convencê-lo de que quando há mêdo dos dois lados, os adversários não brigam.

Foi o caso que a onça e o veado se respeitavam mùtuamente e viviam em paz na mesma casa até o dia em que aquela, incumbida de ir caçar, matou um veado e entregou-o ao companheiro para que êste o preparasse para ambos. O veado não disse nada, executou a tarefa, mas, desde então, ficou apreensivo. Dias depois, incumbido, por sua vez, de ir caçar, com a ajuda do tamanduá o veado conseguiu matar uma onça e ofereceu-a como refeição à sua companheira. Esta, se também não se deu por achada, ficou igualmente apreensiva. Daí por diante, ambos já não

tinham mais sossêgo e viviam a se espreitar, até que, uma noite, ao primeiro ruído que um dêles fêz no seu quarto, o outro, com estrépito, saltou do girau e os dois, apavorados, fugiram cada qual para seu lado.

Seria mais ou menos essa a nossa situação para com os índios: êles a recearem as nossas armas de fogo, nós a temermos as suas flechas envenenadas.

A fogueira amortecia. É que uma luz medrosa começava a se insinuar através da folhagem, prenunciando a volta do dia. Rareavam cada vez mais os caborés, enquanto se ouvia o gorgeio alegre de outros pássaros. O Piauí satisfizera-se com um sono rápido, e estava de novo a postos, pronto para recomeçar a faina.

Quanto não daríamos, então, por um gole de café? Para substituí-lo, ou, melhor, para não ficarmos de estômago vazio, o Piauí descobriu na vizinhança uma sorveira, da qual, pela primeira vez, experimentei o leite, que não é desagradável e lembra o de vaca. Bebi-o na própria árvore, aplicando os lábios sôbre as feridas abertas no seu tronco e de onde o mesmo escorria em abundância.

Assentámos iniciar a marcha acompanhando o córrego e enfiámos por entre as palmas de um ubuçuzal. Lembro-me termos surpreendido por aí, logo às primeiras horas da manhã, algumas antas que brincavam à beira dágua. Pouco depois o Pacatuba atirou numa cutia.

Vencidas quatro horas de marcha, a floresta começava a perder a sua suntuosidade. Com exceção de uma ou outra grande árvore, o mato era mais baixo e o terreno mais desafogado. O Piauí chamou-me a atenção para as castanheiras que floresciam. Na imensa altura das suas copas muito cheias, não era fácil lobrigar o pontilhado branco das flores, e só então compreendí porque o botânico Spruce, quando em viagem pela Amazônia, nunca se separava de um telescópio.

— Parece que vamos sair numa caatinga do igapó, observou o Piauí, asuntando para a vegetação em tôrno. Se fôr assim, estamos em casa.

— Em casa? perdidos neste meio de mundo?! E se a gente der no rio muito acima ou abaixo do acampamento?

Abaixo eu não creio... Depois, Pacatuba, você não sabe que nós temos as cachoeiras para nos orientar? E animado, voltando-se para mim: — Olhe, *seu* doutor, vamos forrar o estômago, que a partida está ganha. Êste corguinho nos vai levar direito à beira do rio.

Os palmitos pareceram-me menos insípidos. Não sei se já me ia habituando com a falta de sal ou se foi porque, ao comê-los, me recordei de que Linneu põe o berço do gênero humano entre palmeiras e acha que o homem é essencialmente palmívoro. Palmívoro e cutiófago, a julgar da voracidade com que descarnamos os quartos da cutia.

Confortados pelo almôço, mal havíamos reencetado a marcha, sempre beirando o riacho, quando ouvimos um sibilo e duas flechas se vieram cravar no solo, a menos de dois metros do Piauí, que caminhava à nossa frente. Imediatamente, gritos e palavras ininteligíveis partiam de todos os lados.

Estávamos cercados pelos índios! Sem demora, o Pacatuba aperrou a arma, mas eu sobrestive-lhe o gesto. Vi, então, alguns vultos que saltavam de uma grande árvore fronteira a nós, empunhando arcos e flechas, e se sumiam numa touceira de mato à margem oposta do córrego. Aí deviam estar seus companheiros, pois a folhagem ramalhava em vários pontos.

Não me lembro bem do que disse nem do que fiz, naquele primeiro instante. Percebí apenas que a situação era gravíssima e mais grave seria se quiséssemos abrir luta com aquela gente, com certeza em número muito maior do que o nosso. Lembrei-me dos ensinamentos de Rondon

e, a todo transe, impedí que o Pacatuba e o Paiuí fizessem uso das espingardas.

Quando dei acôrdo de mim, estava mais próximo do córrego, dizendo coisas aos selvagens, mais por gestos do que por palavras, e mostrando-lhes o meu relógio e corrente de ouro e um espelhinho de bôlso, os únicos objetos que tinha sôbre mim com probabilidades de interessá-los. Êles deviam continuar nos seus esconderijos, mas não davam sinal de vida. Contudo, não haviam atirado mais nenhuma flecha, o que era de bom augúrio.

Passados alguns minutos de angustiosa espectativa, abriram-se as ramas e uma bela figura de homem adiantou-se a passos resolutos até a margem do riacho, também falando muito e dirigindo-se a mim com gesticulação acalorada. Não nos separavam agora mais de cinco ou seis metros. Como êle viesse com as mãos livres, imeditamente descansei a minha espingarda e fiz com que os meus companheiros me imitassem.

Embora não compreendendo nada do que me dizia, pus-me a observá-lo detidamente. Era um tipo ainda moço, de compleição robusta, estatura talvez acima da normal, tez acobreada, musculatura tensa. Se as suas palavras eram ditas com energia, como que a me censurar por ter invadido os seus domínios, não se lhe notava no rosto qualquer expressão de ferocidade ou grande ira. Tinha antes uns olhos doces e muito grandes, ligeiramente oblíquos, e uma linda dentadura alva e bem unida. Estava inteiramente nu, trazendo apenas um enfiado de sementes ao pescoço e ligeira cinta da qual pendiam algumas fibras sôbre o baixo ventre. Os cabelos luzidios e escorridos desciam-lhe até os ombros.

Mais alguns instantes e a minha atenção era despertada pela presença de outros silvícolas, que se entremostravam através da folhagem. Com maneiras ariscas e relan-

ceando os olhos para um lado e outro, vieram aos poucos se aproximando do que me falava e já lhes dirigira a palavra, talvez persuadindo-os de que nada havia a temer.

O grupo era agora composto de sete homens, sendo que cinco estavam na fôrça da idade e dois, mais franzinos, ainda não deviam ter chegado aos vinte anos. Havia entre êles uma grande semelhança de tipo, a começar pela tonalidade da pele, de um pardo quente, ligeiramente avermelhado. Todos apresentavam também os mesmos cabelos, bem negros, longos e muito lisos, as maçãs do rosto salientes, olhos um tanto achinados, e o nariz curto e de ventas largas. Só três, que me pareciam os mais velhos, traziam estreitas tangas de fibra; os mais, em completa nudez, contentavam-se com alguns ornamentos, assim mesmo simples: colares de pequenos côcos e manilhas de algodão nos pulsos ou acima dos tornozelos. Lembro-me que alguns dêles traziam a pele dos braços e pernas escurecida por qualquer tinta, talvez o suco do jenipapo, e que um tinha o beiço deformado pelo horrível tembetá.

Dei o meu espelhinho ao que primeiro confabulara conosco e o meu relógio andou de mão em mão, admirado por todos, depois que o último atravessou o riacho.

Sempre por meio de mímica, fiz-lhe ver que estávamos perdidos e queríamos voltar ao rio onde, então, lhes daríamos muitos presentes. E mostrei-lhes o facão do Piauí.

O Pacatuba estava estarrecido e dir-se-ia mais curioso dos selvagens do que êles mesmos de nós. Grudado num mesmo ponto, bem junto da sua espingarda, de vez em quando me dizia:

— Mas, *seu* doutor, o senhor quer mesmo se fiar nesta bugrada! Qual! nós estamos perdidos...

— Perdidos já estávamos, e eu não quero passar outra noite igual à de ontem. Imagine se êste córrego não dá no rio e vamos continuar às tontas.

— Por isso, não — interveio o Piauí. Eu lhe garanto, que nós vamos no certo e não leva muito topamos o acampamento.

— Pode ser; mas olhe que, ontem, por várias vêzes, você nos disse a mesma coisa e ainda estamos aquí. E' por isso que eu prefiro acompanhar os índios. E voltando-me para o Pacatuba: — Você já viu que êles não são tão maus assim, porque, do contrário, se quisessem, já nos tinham liquidado.

O maioral do grupo — vi depois que o chamavam Pororê — parecia ter compreendido a minha gesticulação, e, agitando o braço e apontando para diante, como que nos convidava a seguí-lo.

Pusemo-nos em marcha. Pororê e dois dos seus companheiros iam à nossa frente. Os outros, bem a contra gôsto nosso, ficaram à retaguarda, e não houve nada que os fizesse perder as mesmas posições.

Despertou-me logo interêsse a facilidade com que aquela gente andava no mato. Ligeiros e atilados, dir-se-ia que a floresta fôra feita para êles, tão grande era o desembaraço com que rompiam pelo emaranhado das ramas e cipós. O que nos custaria a sós tropeços sem conta com arranhões pela cara, rasgões na roupa, paradas forçadas para abrir atalhos, giros e regiros afim de evitar os empecilhos inamoviveis, era agora vencido sem a menor dificuldade e quase que em completo silêncio, se não fôsse o ruído do nosso calçado sôbre o lençol de fôlhas sêcas. Foi talvez por isso que surpreendemos mais animais do que na véspera. Pororê flechou destramente um maracajá e o Pacatuba achou de bom alcance mostrar aos silvícolas a eficiência da sua arma, indo buscar um enorme cuatá que se escondia entre as franças mais altas de uma maçaranduba.

Por outro lado, a mata, junto dos índios, transformava-se num verdadeiro pomar, e, a cada passo encontrávamos

frutos que eu, receando fôssem venenosos, jamais comeria, sem que êles dessem primeiro o exemplo. Ainda por seu intermédio, fiquei conhecendo vários cipós que dão água em abundância e com os quais nos dessedentámos, quando já afastados do córrego.

Êsse afastamento do córrego muito desagradou ao Piauí. Pororê, porém, forçou-nos o caminho por outro lado, alcançando um chavascal cortado por uma trilha estreita, que lhe devia ser familiar.

O Pacatuba respirou a plenos pulmões quando se sentiu no campo aberto, olhando o céu azul e batido de chapa pelo sol.

— Ah! *seu* doutor... Que saudades do meu povo! Até parece que estou a caminho de casa, cruzando os tabuleiros que vão ter a Mamanguape.

Na verdade, havia qualquer semelhança entre aquêle chavascal e as caatingas do nordeste. Uma vegetação mofina e desseivada, mòrmente em comparação com a que deixáramos na mata virgem, estendia-se rala pela planura arenosa. Apenas, uma ou outra sucuúba, com as copas estrelejadas de branco por profusa floração, e algumas palmeiras donairosas quebravam a monotonia daquela païsagem, que por mais de quatro horas se desdobrara aos nossos olhos.

Durante essa longa caminhada, feita a passos rápidos pelos índios, aos quais dificilmente podíamos acompanhar, por várias vêzes tentei fazer-me de novo entendido por Pororê, procurando explicar-lhe que desejávamos alcançar o rio.

À minha mímica, êle respondia sempre com assentimentos de cabeça e acabava apontando o horizonte distante, na direção da nossa marcha.

Já sobretarde, chegámos à orla de uma outra mata, onde havia um tapiri, provàvelmente pouso forçados dos

índios quando saíam à caça ou à pesca por aquêles lados. Para êle nos conduziu Pororê, que agora dava ordens aos companheiros.

Imediatamente, dois dêles adentraram-se pelo mato. Vendo-os partir, o Pacatuba observou-me sem demora: — O senhor vai ver que aqueles dois foram até a maloca avisar os outros bugres, e é agora que nós vamos cair nalguma emboscada.

Enquanto isso, os índios restantes, abrindo um baquité, ofereciam-me carne moqueada, beijús e carâ assado. Relutei em aceitar. As iguarias não eram nada apetecíveis e estavam de mistura, no balaio, com pontas de flecha, penas de pássaros, fôlhas sêcas e outras miuçalhas. Talvez receando que supuséssemos o alimento envenenado, êles começaram a comer, mas sempre insistindo conosco para que partilhássemos da refeição. Por fim, animei-me por um pouco de beijú e carâ, deixando de lado a caça que, a julgar pelo pitiú, estava francamente apodrecida. Cuias de bebida fermentada passaram a correr de mão em mão. O Pacatuba obstinava-se em não experimentá-la, mas eu dei o exemplo e forcei-o a beber. Talvez que, espigaitado, êle se mostrasse mais animoso, não se preocupando tanto com a demora dos índios que nos haviam deixado.

Não me iludira. No fim da segunda cuia êle já estava mais loquaz e puxava vastas baforadas do enorme cigarro com que o presenteara um dos índios. Eu também começava a sentir os efeitos da beberagem, e um certo bem estar permitia-me encarar a situação com um pouco mais de otimismo.

Afinal de contas, perdidos como estávamos, eu não sei se não fôra uma sorte havermos encontrado aqueles índios. E' bem possível que, sem êles, ainda estivéssemos errando pela mata e com muitas probabilidades de morrer de fome ou agadanhados pelas onças se, de pronto, não

conseguíssemos atinar com o acampamento, o que não parecia provável, dado que o tal córrego tomara direção oposta àquela em que Piauí dizia ficar o rio.

Por outro lado, a atitude dos índios não era nada de atemorizar. Tirante o arremêsso das primeiras flechas, mais um aviso do que mesmo uma agressão, êles só tinham gentilezas para conosco e era de acreditar que o seu procedimento assim continuasse, sem a suposta emboscada tão temida pelo Pacatuba. A mais, como supremo consôlo às perspectivas mais negras, vinha-me à lembrança o caso de Hans Staden, que durante dois anos fôra prisioneiro dos Tupinambás, e, por várias vêzes, estivera a pique de ser o pitéu de escolha no cardápio de festins canibalescos.

Os índios, arrumando o baquité, pareciam dispostos a prosseguir viagem, o que não era muito do nosso agrado. Ao cansaço da marcha forçada eu somava o torpor da bebida. O Piauí tinha um pé machucado. O único que se mostrava animado era o Pacatuba que, ao lado de um índio, experimentava o manejo do arco.

Fiz ver a Pororê que sentia sono e gostaria de ficar por alí mesmo. O dia declinava. Quando cerrei os olhos, retinha a imagem do horizonte distante, onde a floresta se recortava a nanquim, num fundo de seda róseo-alaranjada.

III

CAPÍTULO III

O VALE DOS GIGANTES

— Auê... Auê... Auê... Pa... Auê... Auê... Auê... Pa...

Ia para mais de cinco horas que ouvíamos a mesma toada: três remadas rápidas, que os índios cadenciavam com um grito em uníssono e, depois, a pancada sêca, dada por todos, a um só tempo, com o cabo dos remos sôbre a borda da embarcação.

— Auê... Auê... Auê... Pa... Auê... Auê... Auê... Pa...

Sentado à pôpa da ubá, de olhar atento e movimentos lestos, Pororê pegava a jacumã e o seu torso, sob a torreira do sol, tinha fulgurações de cobre novo.

Era meio-dia e começávamos a sentir o langor que estuporava a natureza. A luz vibrava no ar, faiscava nos lajedos e acendia mil fosforescências nas praias distantes, que se diriam polvilhadas de ouro. A païsagem, estarrecida à beira dágua, tomava aspectos de cenário teatral. Sôbre os bastios de verdura, onde as fôlhas das palmeiras brilhavam com cintilações metálicas, os paus d'arco em flor abriam grandes umbelas roxas ou açafroadas. Um verniz grosso e reluzente parecia escorrer da vegetação, em que dominavam as côres vivas, os tons violentos, as manchas luminosas. Massas de um verde cru, troncos de sépia, árvores com as copas pintadas a zarcão, óca ou alvaiade, imbaúbas recortadas em papelão cinzento, araras e papa-

gaios polícrômicos pregados na bambolina dos ramos altos, — tudo isto sob o realce de um céu muito azul, passava e repassava aos nossos olhos, enquanto os remos iam e vinham, arranhando a superfície polida do rio.

Que destino seria o nosso? Era a pergunta que eu me fazia há três dias, já por mim curioso, e também porque desejaria poder responder às interrogações do Pacatuba, cada vez mais desconfiado da situação.

Na manhã seguinte à primeira noite passada com os índios, prosseguíramos viagem, abandonando o tapiri e entrando pela mata à orla do pouso. Daí por diante, através de florestas sombrias, campos abertos, cerrados e ilhas de terra firme, tínhamos seguido em penosas marchas até à margem de um igarapé onde os silvícolas guardavam a sua ubá. Foi uma surprêsa para todos nós quando vimos Pororê e os companheiros mergulharem nágua e trazerem do fundo do riacho a embarcação que nos iria servir e alí estava amarrada e cuidadosamente escondida, com todos os seus petrechos.

Vendo o tamanho da canoa, só então compreendemos porque dois dos índios se haviam separado do nosso grupo. E' que éramos a tripulação justa da ubá. Assim mesmo o Piauí teve de equilibrar-se à proa, enquanto o Pacatuba e eu ocupávamos os dois últimos bancos, mas sem remar.

Embarcados por manhãzinha, não levou muito que alcançássemos a corrente larga em que viajávamos agora, causticados pelo sol a prumo e ouvindo a melopéia dos índios:

— Auê... Auê... Auê... Pa... Auê... Auê... Auê... Pa...

Quando penetrámos nesse rio, foram-se as nossas derradeiras esperanças de volta rápida ao acampamento. A começar pela côr das águas, turvas e amarelas, tudo era diferente do outro rio, a cujas perspectivas já se avezavam os nossos olhos.

Eu tinha esgotado os últimos recursos da mímica, tentando explicar a Pororê o nosso extravio e conseqüente desejo de voltar ao seio dos companheiros, e agora, entregava-me a um fatalismo de que por vezes mesmo me espantava, tão grande a minha calma ante o malôgro de todo e qualquer plano de salvação imediata.

Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martinez a caminho de Manoa?

Manoa! E a capital do reino maravilhoso se desenhava aos meus olhos tal como a descrevera aquêle soldado aragonês, que fazia parte de uma das expedições de Diogo de Ordaz e, sendo aprisionado pelo gentio, fôra levado, através de ínvias florestas, até os domínios de Guainacapac, o famoso rei *Dorado*.

Defendida por muralhas de ouro, a cidade, como uma jóia cintilante, emergia das águas auríferas do lago Parima, em cujas praias rolavam pérolas e onde a cascalheira do fundo era uma ganga de safiras luminosas. Nos seus templos, de cúpulas estelantes e paredes incrustadas de pedras preciosas, Guainacapac, o tuxáua magnífico, passeava o seu fausto com o corpo tão ricamente adereçado que semelhava *"una figura d'oro lavorata di mano d'un buonissimo orifice"*, como a êle se referia Oviedo, na sua relação ao cardeal Bembo, datada de 1543.

Para isso, todas as manhãs, fâmulos habilidosos, através de longas zarabatanas, sopravam-lhe ouro em pó sôbre o corpo, prèviamente ungido com óleos e resinas aromáticas e que, depois, refulgiria sob uma túnica de diamantes gigantescos.

Tanta opulência não podia ser indiferente à cupidez dos aventureiros audazes e, por três séculos, Manoa foi o páramo encantado para cuja descoberta se armaram inúmeras frotas e porfiaram povos de várias raças.

Infelizmente, Juan Martinez, de regresso ao convívio dos civilizados, depois de uma longa estada às margens do lago Parima, jamais soubera precisar qual era a situação exata do Eldorado e, até hoje, Manoa permanece ignorada e inalcançável entre a espessidão das selvas amazônicas, que lhe guardam avaramente as riquezas.

Dar-se-ia que a fôssemos descobrir agora?

A uma volta do rio, avistámos índios que vermelhavam numa praia próxima, para a qual se dirigia a nossa canoa. Era um grupo numeroso, a agitar-se na areia alva, gritando e fazendo-nos acenos. Não havia dúvidas. Tínhamos chegado à maloca dos companheiros de Pororê.

— Chi! Agora é que encaiporamos de vez. A bugrada está mesmo impertinente... exclamou o Pacatuba, fazendo pala com a mão sôbre os olhos, afim de observar melhor.

Para mexer com êle, eu disse em ar de troça:

— Imagina, Pacatuba, se ao entrar na taba, nós temos que repetir, na língua dêles, alguma coisa assim, conforme era hábito em certas tribus antropófagas: "Eis que vos chega o alimento. Com a nossa carne, contentaremos o vosso apetite e assim tereis vingado a morte dos vossos irmãos, mortos por nós..."

— Isso não, que eu nunca matei ninguém. Mas Deus me defenda duma miséria destas! Eu antes queria morrer no rio, comido pelos jacarés.

Ainda não tínhamos alcançado a praia e já alguns silvícolas se jogavam nágua e em rápidos movimentos de natação apareciam nas imediações da canoa, à qual se seguravam pelas bordas.

Contra toda expectativa, estes índios eram de tipo bem diverso daqueles que viajavam conosco. Além da pele ser mais clara, de uma tonalidade azeitonada, tinham o rosto longo e de traços bastante corretos, o que lhes dava um caráter de raça mais pura. Essa distinção tornou-se ainda

mais flagrante quando nos reunimos na praia e pude comparar melhor os nossos companheiros com os outros selvagens, num total de dezesseis, sendo quatorze homens e duas mulheres.

Com espanto, entre os homens reconhecemos logo os dois índios que se apartaram de nós no tapiri. Provàvelmente, êles se haviam adiantado para levar o aviso da nossa chegada à maloca.

Os índios com quem travávamos agora conhecimento, estavam também em plena nudez ou, como mais pudicamente diria o padre João Daniel, "só traziam a libré que lhes deu a natureza".

Chamou-me logo a atenção certo amuleto que pendia do pescoço de muitos dêles. Era uma pedra verde pálido e trabalhada de diferentes maneiras. Tratar-se-ia do muiraquitã, a célebre *pedra verde* que fôra o distintivo das Amazonas de Orellana e que, para muitos, é um traço de união entre as civilizações asiática e americana? Dado que os muiraquitãs sejam hoje raríssimos, parecia-me impossível que todos aqueles índios os possuissem, mòrmente quando alguns dêles apresentavam dois e mais talismãs passados num mesmo fio. Todavia, os que pude examinar mais de perto, tinham tôdas as qualidades da jadeíta ou pedra nefrítica e pareciam em tudo iguais aos que foram encontrados pelos primeiros exploradores da Amazônia, e que os índios, para explicar-lhes a procedência, diziam provir do "país das mulheres sem marido".

Havia alguns de forma cilíndrica, perfurados longitudinalmente e com figuras e inscrições à superfície. Outros eram zoomórficos e representavam rãs, tartarugas e outros animais. Quanto à côr, os mais belos eram os de tonalidade azulada com veios ferrugíneos.

Enquanto eu me entretinha a observar os novos selvagens, Pororé conversava longamente com um dêles, que se distinguia dos outros por trazer um peitoral de escamas de

jacaré e ter também chapinhas de ouro no lóbulo das orelhas.

Foi êste que nos dirigiu, quando, com desapontamento nosso, vimos Pororê e os de seu bando retomarem a ubá e começarem a descer o rio. O pior é que lá se fôra a espingarda do Pacatuba, que um dêles não cessava de admirar, desde o instante em que nos encontrara. O Pacatuba ainda quis protestar, mas eu adverti-o que era inútil.

— Mas, *seu* doutor, olhe que nós estamos no meio dos bugres e uma arma de precisão como aquela...

— Qual, Pacatuba, deixe disso. Eu preferia ter uma escova de dentes. Você já se lembrou que há quatro dias não mudamos de roupa?

— E não sei quando mudaremos, concluiu o Piauí. Agora, sou eu que estou desanimado. Eu ainda tinha um pouco de fé que os outros nos levassem ao acampamento; mas, agora, no meio de tôda esta gente. O doutor já reparou que é cada pedaço de homem...

De fato, quase todos os homens tinham esplêndida estatura. Além disso, eram bem talhados de corpo e fortes músculos revestiam-lhes o arcabouço possante.

O índio que ostentava o peitoral de jacaré dispensava-nos as mesmas atenções que Pororê e a êle devemos a iniciativa da refeição feita antes de prosseguirmos viagem até à maloca, onde só chegámos ao entardecer após uma estafante caminhada.

De longe, reconhecemos o aldeamento pelos penachos de fumo que se erguiam do campo para o céu sereno, àquela hora de um côr de rosa vaporoso e muito terno.

Quando divisámos os grandes ranchos, índios começaram a surgir de todos os lados, vindo prazenteiramente ao nosso encontro. Pelos modos, êles nos aguardavam com impaciência, mas não pareciam tão curiosos das nossas

pessoas como seria de supor, desde que ainda não tivessem tido qualquer contato maior com os civilizados.

Iurau, conforme soube mais tarde se chamava o nosso novo cicerone, conduziu-nos para um tijupar, que se diria recentemente construído, e onde já encontrámos três redes estendidas.

Grandes fogueiras crepitavam na faixa de terreno que nos separava da maloca dos silvícolas. Esta era composta de três ranchos eqüidistantes, sendo um maior ao centro, provàvelmente a *casa grande*, e dois outros menores, mas de dimensões iguais.

Cercados pelos índios, cada vez em maior número, sentámo-nos à frente do tijupar, enquanto Iurau, dando ordens a uns e outros, agitava-se em dobadoura, preparando-nos qualquer coisa de extraordinário.

Pouco depois, vinha à nossa presença um ancião de face engelhada, mas ainda de porte varonil e olhar enérgico, e que pela maneira por que todos o reverenciavam devia ser o cacique. Ao contrário dos outros índios, que o acompanhavam empunhando archotes, êste estava paramentado e, além de muitos colares e enroscados de côcos e sementes nos braços e pernas, trazia um lindo e alto capacete de penas vermelhas. Não me escapou também o número de amuletos, talvez uns oito ou dez, alguns belíssimos, que lhe enfeitavam o pescoço. Vinha armado de um longo tacape e de um escudo largo e arredondado, feito de couro grosso, certamente de anta ou peixe-boi.

Ouvido por todos com o máximo respeito, o cacique fez uma longa falação, da qual, infelizmente, não conseguimos compreender palavra. Contudo, pareceu-nos que a sua língua não era a mesma que falava Pororê. Dir-se-ia um idioma mais rico e menos áspero. De tudo o que ouvi, apenas guardei a palavra *cochumasi*, pronunciada várias vêzes.

Logo a seguir, iniciaram-se as libações. Grandes cuias contendo uma espécie de caxirí ou cauim começaram a passar de mão em mão. Os índios bebiam com avidez, estalidando a língua e dando provas de muito contentamento. Serviram-nos também de amendoim e de uma paçoca de formigas torradas, a que já nos habituara o grupo de Pororê. Mais tarde, Iurau trouxe-me, num prato de madeira, beijuaçú e um pedaço de carne moqueada, provàvelmente de macaco, e que fui obrigado a rasgar com unhas e dentes. O Pacatuba e o Piauí, no meio de toda aquela balbúrdia, descobriram alguns mamões e maracujás. Não haveria melhor sobremesa para quem tinha o paladar cansado de tanta comida esquisita.

Uma nova fogueira ardia junto a nós, clareando aquelas figuras gigantescas, que se animavam com as reiteradas libações e estavam agora em constante falario.

O espetáculo era de todo inédito para mim e a sua curiosidade fazia com que eu me deslembrasse por vêzes da situação precária e dos mil perigos a que nos achávamos expostos. Descarreirados numa região inteiramente desconhecida, estávamos à mercê de uma tribu numerosíssima de índios, dos quais ignorávamos as intenções para conosco e com quem não poderíamos ter o menor entendimento.

Iurau, sempre a meu lado, de vez em quando me trazia aos lábios um enorme cigarro, de mais de palmo, e quase uma polegada de grossura. Êste tabuco estava enganchado numa forquilha, que descansava fincada no solo, enquanto o mesmo não corria a roda. Como já se acabara o meu delicioso fumo de Silves, não era mau que me fôsse familiarizando com os avantajados cigarros dos bugres, enrolados em palha de tauarí.

Aos rescaldos do licor ebriático, alguns selvagens começaram a dançar. A princípio, dispostos em linha unida, êles executavam lentos movimentos de marcha, acompanha-

dos, de espaço a espaço, pela pancada violenta dada no chão com a extremidade das longas varas de taboca, que todos empunhavam. Entraram a chocalhar depois os maracás, ao tempo em que o bate-pé se tornava mais nervoso e as figuras torvelinhavam em redor do brazeiro, combinando quebros do tronco com ágeis desengonços de quadris e lascivos empinos do ventre. Os corpos frenesiados e suarentos rutilavam ao clarão das labaredas altas e, por vêzes, tinha-se a impressão que curupiras chamejantes rompiam do fogo vivo para tomar parte na sarabanda louca. Uma cantilena monótona e plangitiva, arrastada aos gemidos e suspiros, atenuava a agitação dos instrumentos rústicos, em que os sons agudos do oboé feriam longamente a calada da noite que nos cercava.

De onde a onde, um dos dançadores chegava até as nossas vizinhanças e, tomando entre as mãos uma das cuiambucas de caxirí, gargalaçava às pressas um novo trago.

Iurau teimava em ser amável e não se esquecia de me convidar a novas baforadas no interminável cigarro, que era o horror do Pacatuba. Amiudavam-se também as cuias de bebida e o Piauí já se dizia um tanto tonto.

Quando voltámos ao tijupar, as danças haviam cessado, mas os índios continuavam acocorados à beira do fogo, comendo, conversando e bebendo.

Causou-me espécie não ver nenhuma mulher presente ao festim. Até as duas que nos haviam ido esperar à margem do rio, desapareceram logo que chegámos à taba. Sem dúvida elas todas estavam recolhidas à casa grande que, embora fechada hermèticamente, deixava perceber a iluminação interna, através das rexas da palha.

O Pacatuba acomodou-se mal na rede, e, até tarde, esteve conversando com o Piauí, a recordar os seus queridos ausentes e enchendo a bôca com as muitas qualidades da sua "cabocla", que é assim que sempre se refere à

mulher. Por vezes, num gesto que lhe é muito freqüente quando se acha deitado, batia um pé de encontro ao outro e exclamava a frase que constantemente tem nos lábios: "Que saudades do meu povo!"

De manhã, como êle continuasse macambúzio e voltasse a falar na família, dando mostras de estar sèriamente arrependido de me haver acompanhado e fazendo-me sentir a aflição em que devia estar a sua cabocla com a falta de notícias, perguntei-lhe:

— Mas você não partiu com o consentimento dela?

— Ora, *seu* doutor! Pois, então, um homem que se preza pede licença à mulher para fazer alguma coisa?

— E que é que tinha isso? Para vê-lo assim tão aborrecido, eu antes preferia que ela não tivesse deixado você partir.

— E *seu* doutor pensa que eu me sujeitava a uma miséria destas?

— Eu não sei... Olhe que às vêzes a mulher é parte decisiva nos planos do marido.

E, a sorrir, contei-lhe a história de certo explorador inglês que, pretendendo partir em demanda do polo ártico, começou a contratar gente para a expedição. Num dado momento, apareceram-lhe dois canadenses que tinham todos os requisitos e foram logo aceitos entre a equipagem. Aconteceu, porém, que quando o navio estava prestes a partir, irromperam inopinadamente a bordo as mulheres dos dois marujos, que se haviam aliciado sem o consentimento das respectivas metades. Uma delas, rapariga decidida e estouvada, não teve meias medidas e foi caindo de cascudos e bofetões sôbre o marido, que se acovardou inteiramente e teve de arrepiar carreira. A outra, mais amiga dos processos suasórios, entre beijos e lágrimas, fêz de dois braços passados à volta de um pescoço a mais forte cadeia que

já uniu duas criaturas. E foi assim que o capitão Back se viu privado dos dois tripulantes canadenses.

O Pacatuba ouviu-me atento, para arrematar com uma das suas tiradas:

— Qual, *seu* doutor. Isso eram duas enxeridas. Eu não cedia nem a uma nem a outra. Um homem deve ser vontadoso. Chi! Deus me defenda de uma miséria destas: apanhar de uma mulher!

— Pois, então, o melhor é não pensar mais nos aborrecimentos que está tendo a D. Quita, e vamos ver se damos um jeito para sair desta situação.

Iurau parecia ter dormido no tijupar e, quando despertámos, já se achava junto de nós. A minha mímica ia-se aos poucos aperfeiçoando e não me foi difícil explicar-lhe que desejávamos tomar um banho. Para isso, tivemos de atravessar de lado a lado a maloca, e pude observar melhor as habitações.

A casa grande, um enorme paralelepípedo achaparrado e de lados arredondados, tinha à frente um copiar, feito pelo prolongamento do teto, que se projetava numa larga beirada descansando sôbre esteios. Aí vimos algumas mulheres que se esconderam à nossa passagem, ganhando o interior do rancho. As casas menores, como a grande inteiramente de palha, estavam com os japás sôbre as baixas e estreitas aberturas que lhes serviam de porta.

À luz do dia, verifiquei mais detidamente a situação da taba. Os ranchos eram construídos no limbo de uma grande floresta, mas faceavam com extensíssima planura, de campos rasos e esmoitados, permitindo ao gentio um dilatado golpe de vista. Por um trilho meandroso, aberto entre jurubebas e camarás em flor, chegámos à beira de um igarapé onde já encontrámos alguns silvícolas que, aproveitando a vasante, trabalhavam nas suas roças de mandioca, milho e favas, plantadas nas várzeas ribeirinhas.

Depois do banho, tomado na companhia dos índios, exímios nadadores que tinham água a agilidade das piraíbas, lagarteámos ao sol por algum tempo, esperando que secassem as nossas roupas, bem carecentes de prolongada esfregação.

De volta, o cacique e um grande trôço de sua gente, ostentando os mais vistosos ornamentos, aguardavam-nos junto à casa grande. Dir-se-ia que toda tribo se reunira para nos receber e homenagear, pois a atitude de todos era alegre e confiante.

Só, então, pude observar melhor as mulheres, aliás em número reduzidíssimo comparativamente aos homens. O interessante é que, mesmo entre as crianças, se notava o predomínio do sexo masculino, sendo muito poucas as meninas entre os vários grupos de meninos e rapazelhos.

As índias, ainda que altas, não tinham a corporatura dos homens, tipos verdadeiramente agigantados, sobretudo aqueles que, em plena virilidade, associavam o pôrte desmedido ao vigor muscular. A êsse respeito, Iurau era uma figura soberba e seria o orgulho do mais exigente ginasiarca. Na fôrça da idade, os seus trinta anos eram de boa semente e estuavam vida, saúde, energia. Bem entroncado, de porte esbelto, movimentos vivos e olhar inquieto, a sua pessoa tinha um desgarre natural, uma altivez inconsciente, que lhe traíam a atenção sempre vigilante e o desassombro ante todo e qualquer perigo. Era de ver, como depois se me ensejou muitas vêzes, enquanto viajávamos juntos, a destreza com que êle manejava o arco e soprava a zarabatana.

Os índios mais velhos, a começar pelo cacique, tinham a cabeça acuminada no vértice, deformação que deveria ter sido conseguida durante a primeira infância, pelo achatamento artificial e progressivo das têmporas. Essa platicefalia, também peculiar à tribo dos Omáguas, parecia

abolida entre os nossos índios, pois que as gerações mais moças não a apresentavam.

Sentei-me próximo do cacique, que me reservava um lugar a seu lado, num grande círculo de outros silvícolas, todos acocorados à volta de um moquém.

O Pacatuba ficou entre duas índias que traziam braceletes de aneis de tatú e tinham em tôrno dos seios riscos concêntricos feitos a tinta preta. Alguns índios atraíam a atenção por um traço da mesma côr, que se estendia de orelha a orelha, passando logo acima da bôca. Não eram também raros aqueles que se haviam adereçado da melhor maneira, como aconteceu com Iurau que, ausente por alguns instantes, pouco depois aparecia com o pescoço volteado por linda gorgeira de penas azuis, entre as quais chocalhavam muiraquitãs e alguns lios de prêsas de onça.

Araras, papagaios, macacos e jacamins, os indispensáveis xerimbabos de que os índios não se apartam, sentindo o cheiro da comida, acercavam-se do nosso grupo para disputar os sobejos a que se julgavam com direito.

O Piauí, dando-se por indisposto e receando novo acesso de febre, não quis provar os pitéus que nos ofereciam e persistiu no regime frugívoro dos mamões e maracujás. Eu tive mesmo de cair na carne de caitetú e mixira de peixe-boi, com que os índios se deliciavam, lambendo os beiços engordurados.

À tardinha, quando sesteávamos no tijupar, Iurau apareceu-nos seguido de cinco outros índios. Vinham todos armados de arcos e flechas e trazendo à ilharga pequenos cestos de palha. Pelos modos, parecia que íamos viajar.

Seria que os silvícolas tivessem finalmente compreendido a minha mímica e nos fôssem reconduzir ao acampamento, como ainda durante o almôço eu me esforçara por explicar-lhes?

O Pacatuba saltou apressadamente da rede e foi logo me dizendo:

— Ah, seu doutor, se for mesmo para a gente voltar, isto há-de ser obra da minha Nossa Senhora da Conceição, e quando eu chegar a Mamanguape, vai ser missa todo dia que Deus der!

No terreno fronteiro à maloca, o cacique, cercado de muitos índios, fêz-nos as suas despedidas e mais algumas vêzes repetiu a palavra *cochumasi*.

Em pouco alcançávamos a mata, que parecia não querer acabar e onde viajámos por cinco dias a fio. Nunca supus poder resistir a marchas tão longas. Andávamos de sol a sol, apenas com ligeiras paradas para as refeições, e, às vêzes, ainda entrávamos pela noite a dentro, caminhando à luz de um facho resinoso.

E' quase certo que devíamos essa resistência a uns confeitos de tapioca que os índios chupavam constantemente e dos quais Iurau nos oferecia alguns de vez em quando.

Soube depois que os mesmos continham o *ipadú*, que outra coisa não é senão a mesma coca de que tanto usavam os Incas como excitante e alimento de poupança durante as suas longas marchas. Estávamos assim, e sem o saber, em pleno regime da cocaína, o tóxico elegante e sutil que conduz aos paraisos artificiais.

O Pacatuba, já sob a ação dos traiçoeiros confeitos, dizia-me ao fim do primeiro dia de viagem.

— *Seu* doutor, eu não sei o que é que tenho, mas estou me sentindo tão bem, tão leve, que era capaz de andar um outro tanto, sem precisar dêste descanso.

O diabo é que lhe veio também a insônia e, durante a noite, várias vêzes me acordou dizendo ter ouvido onças e não sei que outros bichos. Tudo isto era possível. Do que êle não me pôde convencer, entretanto, foi de ter visto passar, aos primeiros alvores da manhã, em arrancada louca,

uma vara de queixadas na qual um dos porcos, o da frente, ia cavalgado pelo caapora.

A pesar de tudo, o ipadú foi para nós um magnífico achado. Graças a êle, conseguimos um otimismo sereno e inconsciente, que nos permitia aceitar com bonomia as mais ásperas situações e os transes mais difíceis. Tudo nos sorria então e, sentindo-nos capazes de feitos valorosos, os episódios mais comezinhos romantizavam-se na nossa imaginação com o colorido das aventuras rocambolescas. Ainda que com maior acuidade de percepção, olhávamos as coisas a vulto e não conseguíamos aferrar o espírito sôbre as idéias tristes e os acontecimentos desagradáveis.

Assim sucedeu por ocasião do misterioso desaparecimento do Piauí, do qual, ainda hoje, não me posso recordar sem muita amargura de ânimo e que, no entanto, quando ocorreu, quase me deixou indiferente.

Pobre Piauí! Parece-me que estou a vê-lo, febricitante e encolhido sôbre si mesmo, a estalejar os dentes, pedindo-me qualquer coisa que lhe acalmasse o frio.

Não sei se por motivo das grandes marchas, ou se pela interrupção do tratamento, o fato é que lhe voltara o impaludismo, e desta vez num surto violentíssimo.

Vencida a longa travessia da floresta, estávamos então à beira de um lago em cujas águas, como num grande espêlho de prata, lucilavam trêmulas as primeiras estrêlas.

À falta de quinino para Piauí, o Pacatuba arranjou umas hervas com que lhe preparámos uma beberagem quente. Os índios apiedaram-se também da sua sorte e, quando vimos, com o auxílio de fôlhas de palmeira, tinham trançado uma espécie de rede, onde o doente se acomodou melhor, nas proximidades de um foguinho, também arranjado por êles.

Mas a febre não remetia e o Piauí tresvariava, dizendo coisas desconexas.

Não sei o que se passou depois. Estremunhado por uma enfiada de dias fadigosos, o sono venceu-me os propósitos de vigília à cabeceira do doente. Quando acordei, ainda noite alta, o Pacatuba e os índios dormiam profundamente e o Piauí não estava mais na maqueira. Dei o alarme e estive a chamar por êle repetidas vêzes. Como não respondesse, logo ao abrir do dia, iniciámos várias batidas pela redondeza, metendo-nos pelo mato, contornando o lagoão, subindo em árvores para observar os pontos mais distantes. Mas tudo em pura perda. No estonteamento do delírio, fôra-se-nos para sempre o companheiro. Matá-lo-ia a própria febre? Ainda com vida, teria servido de pasto às onças? Afogar-se-ia nas águas da lagoa?

À tardinha, como os índios quisessem prosseguir viagem e eu ainda relutasse em partir ignorando qual seria o paradeiro do Piauí, o Pacatuba, talvez já por efeito do ipadú, saíu-se com um provérbio:

— *Seu* doutor, olhe que urubú já comia antes de haver dendê.

— E que quer você dizer com isso?

— E' que é melhor reatarmos viagem. Olhe que os índios já estão impacientes e são capazes de nos abandonar. Não é porque Piauí se perdeu que nós vamos ficar por aquí.

Na verdade, Iurau e os companheiros já se haviam aboletado na ubá que um dêles, horas antes, por entre aningas e canaranas, trouxera à tona da lagoa.

Daí por diante, ora por água, ora por terra, fizemos o trecho mais belo do nosso longo percurso. Foram nove dias de aspectos sempre renovados, em que, num êxtase progressivo, misto de temor e arrebatamento, vivemos a vida das grandes solidões, numa região de panoramas excelsos e silentes, onde o selvagem, como senhor absoluto dos seus domínios, vagueava impávido e despreocupado, na

certeza de que não encontraria o viajante exul, nem tão pouco tinha a recear as emboscadas do seringueiro hostil.

Aquí, percorrendo um trato de floresta virgem, cujas árvores rebentavam em flores e onde o ar era pesado de exalações acres e perfumes capitosos; alí, cortando pela sombra verde dos furos e igarapés, em que a luz penetrava a mêdo, tamizada pelo crivo da folhagem; acolá, subindo um rio correntoso e de águas cantantes entre pedras, até romper, por fim, em catadupas de prata; agora, pousando junto de um miritizal, abrigo preferido de araras e papagaios e onde ia o frolido de milhares de asas; mais tarde, almoçando debaixo das quarubas de copas arroxeadas; depois, dormindo em campo aberto, sob a palpitação luminosa das estrêlas; e ainda as madrugadas de névoa azul, as manhãs vestidas de sol, os poentes de ouro e púrpura, à hora em que cantam os carões e magoarís e a paisagem volta a mirar-se na água morta das lagoas; e, também, o vôo rútilo dos guarás, os bandos de *gansos* róseos e garças brancas e a migração das borboletas amarelas que, às chusmas, numa espêssa e infindável nuvem viajeira, cruzavam o rio, em demanda dos araparís cheirosos; — por todos os lados era o deslumbramento dos sentidos, nesta dilatada primavera que são os meses de estiagem na Amazônia.

Mas eis que chegávamos ao fim da jornada. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, os nossos olhos se regosijavam com a presença de algumas colinas. Não eram, positivamente, as nossas montanhas do sul, essas majestosas montanhas que, no dizer enfático de Rocha Pita, "umas parecem ter aos ombros o céu, outras penetrá-lo com a cabeça", mas, sim, o recorte de pequenos cómoros que ondeavam à distância em curvas suaves percintando o horizonte.

Por uma trilha mal roçada, aberta na compridez de um campo raso, íamos em sua direção e acabaríamos por

atingí-los se os índios não tivessem feito alto um pouco antes, ao vizinharmos a fímbria de um cerrado.

Aí, não vindo a mim do meu espanto, verifiquei que um grosso e alto muro de pedra se perdia pela mata a dentro, disfarçado por uma tapagem de juçara e outras plantas. Duvidei do que os meus olhos viam e quis supor que aquilo não fôsse mais do que um capricho da natureza, amontoando, com certa regularidade e num mesmo ponto, algumas lascas de granito. Não me enganara, porém, e tive de voltar à primeira impressão. Tratava-se mesmo de uma extensa muralha, e muralha pesada e rude, como se não constroe mais hoje, em que enormes blocos de pedra se ajustavam com perfeita uniformidade, embora nenhuma argamassa lhes pegasse as junturas.

Entretanto, não me pude deter no seu exame. Iurau sumira-se entre uns tufos de folhagem e, pouco depois, eu estremecia ouvindo um atrôo cavo e prolongado que, como um trovão, retumbou fragorosamente naquelas paragens ermas. Seguiram-se, a pequenos intervalos, outros sons da mesma intensidade, mas de timbres diferentes e que se diriam arrancados de um instrumento formidável e altitonante. Fui ao encontro do índio e vi que o mesmo, empunhando a duas mãos uma colossal vaqueta, tirava aquelas notas de um grosso e ôco tóro de madeira, enganchado horizontalmente sôbre duas forquilhas, a alguns palmos do solo. Reconheci, então, o trocano, o possante tambor de guerra com que em muitas tribos se dava o aviso da presença do inimigo, chamando os guerreiros a postos.

Como se respondessem ao nosso apêlo, ao cabo de alguns minutos, ouvimos sons idênticos, mas estes, num éco surdo, pareciam vir de muito longe.

Teríamos chegado a uma nova tribo?

CAPÍTULO IV

PUESTO DE CAUCHEIROS?

Dir-se-ia a visão de um sonho, tal o espanto do que os meus olhos viam.

Em pleno coração da selva, na mais recôndita paragem, uma cidade em miniatura, com habitações bem construídas, ruas regulares, estradas largas, e até o arremêdo de praças e jardins, onde muitas árvores deveriam ter sido plantadas pela mão do homem.

As casas, amplas, retangulares e dispostas a igual distância, obedeciam tôdas a um mesmo tipo: eram revestidas de um embôço de tabatinga e tinham por cobertura um telheiro vasto e acachapado, feito pelo ajustamento de grandes losangos de barro. Em muitas delas, êsse telheiro, descansando sôbre paredes baixas, alongava-se em beirais planos que, à guisa de alpendres, avarandavam uma faixa espaçosa de terreno, para onde se abriam portas e janelas. Daí o aspecto de rústicos *bungalows* que tomavam todas aquelas casas, cercadas de copiares e ensombradas por tufos de palmeiras e espessas socas de taquara.

Mas antes que os meus olhos se detivessem na contemplação do curioso casario, já muitas outras coisas tinham feito a minha admiração, a começar pelas seis índias com quem travámos conhecimento pouco depois que Iurau fizera soar o trocano.

Munidas de longas lanças e belamente ornamentadas, essas índias, como que por encanto, surgiram dentre a

vegetação do cerrado e vieram ao nosso encontro, entabolando conversação com os nossos companheiros.

Notei logo que Iurau e os outros índios as tratavam com grande deferência, levantando-se mal as avistaram e fazendo mesmo uma espécie de cortesia em que, perfilados, se acurvavam repetidamente para diante, em zumbaias e salamaleques.

As seis raparigas eram todas jovens e formosas e, sem grande exagêro de gabos, também poderiam ser *"buenas hembras"* aos olhos do cronista Lopez de Gomara que, na sua HISTÓRIA GERAL DAS ÍNDIAS assim se referia a certas índias de Guatemala.

De formas esbeltas, os seios altos e firmes, o quadril bem modelado, os membros roliços, tôdas elas tinham a cabeleira longa e uma carnação rija e acobreada. Creio que, entre as mais velhas, nenhuma teria mais de vinte e pouco anos, tanta era a frescura das suas feições, de grandes olhos amendoados, muito negros, vivos e inquietantes, malares ligeiramente relevados, nariz aquilino e bôca de lábios finos, mais enérgicos do que sensuais.

Cíngulos plumosos, verdes em umas, vermelhos em outras, encobriam-lhes o sexo. Também era tudo quanto ao vestuário, se não incluirmos neste os muitos recamos ligeiros, sob a forma de colares, ligas e braceletes, e ainda as aljavas a tiracolo e umas elegantes sandálias de couro, que se prolongavam em caneleiras até o alto das pernas.

Foi em tão risonha companhia que transpusemos a grande muralha de pedra, depois de ter deixado mais atrás Iurau e os outros silvícolas. Uma estrada limpa e bem batida desdobrou-se logo à nossa vista, numa perspectiva de paisagem humanizada e como há muito não víamos.

Ladeados pelas índias, que caminhavam em silêncio e tinham ar marcial, por ela andámos umas boas duas horas,

até chegar ao início do povoado. Aí, junto de um banco de pedra e sob a ramada de um taperibazeiro, fizemos descanso, enquanto duas das índias se distanciavam, prosseguindo a marcha com passo acelerado.

Durante todo o percurso, vimos extensas roças muito bem cuidadas e de culturas diversas, onde numerosos grupos de índias trabalhavam, umas já na colheita, outras revolvendo a terra ou capinando o chão, em certos pontos corrido de regueiros e sangradouros. A graça é que não havia um único homem na labuta. Tudo eram mulheres, e quase todas muito moças, a julgar por algumas que, à nossa passagem, suspenderam momentâneamente o trabalho e, cheias de curiosidade, se abeiravam da estrada. Essas, mais modestas do que as nossas companheiras, estavam sem qualquer adôrno e usavam apenas uma pequena tanga de tecido grosseiro.

Contemplando agora aquêle núcleo de habitações bem edificadas e de aspecto aprazível, eu me perguntava se não haveríamos chegado a um *puesto* de caucheiros. Essa também era a idéia do Pacatuba, que, no Purús, conhecera alguns *embarcaderos* de peruanos e bolivianos entregues à fácil exploração da *castilloa ulei*.

— *Seu* doutor vai vêr que daquí a pouco temos algum gringo pela proa, dizia-me êle um tanto animado, na esperança de se safar, uma vez por todas, daquele isolamento entre os bugres.

— Mas se eu nunca ouví dizer que houvesse caucho por aquí... Depois, estas casas parecem-me bem feitas demais para uma gente que não assenta lugar e hoje está aquí, amanhã alí.

— Não é tanto assim. Olhe, eu me lembro de um tal D. Ricardino, um tipo esfarinhado e contador de vantagens, que vivia como um príncipe, enquanto uma porção

de camaradas andavam no serviço de gancho, apanhando borracha para êle.

— E estas índias? Como é que você explica que elas nos fôssem receber? E fiz-lhe uma série de outras objeções, lembrando a muralha de pedra e mais o uso do trocano, que é peculiar aos índios, e ainda a nossa odisséia para chegar até alí. Seria crível que os exploradores de caucho se aventurassem numa zona tão afastada e onde dificílimos deveriam ser os meios de transporte?

O Pacatuba não respondeu a todas as minhas ponderações, mas persistiu na sua convicção; eu havia de ver que todo aquele casario era mesmo de algum *espanhol*. E prosseguiu:

— Isso é um povo amundiçado. A primeira coisa que êles fazem é escravizar os bugres, para ter gente que trabalhe para êles. E, depois, toca a arranjar mulheres. Então, o tal D. Ricardino era mesmo que nem um pai d'égua no meio de seu lote. Não havia índia que chegasse. *Seu* doutor talvez nem acredite que o não sei que diga traquejava até as caboclinhas de dez e doze anos.

Eu começava a interessar-me pela salacidade do caucheiro, quando julguei avistar ao longe, na varanda de uma das casas, uma figura de mulher que nada tinha de indígena e até me pareceu de tez muito clara e cabeleira loura.

Creio que ao divisar tal vulto, a minha satisfação não foi menor à de Humbordt, quando, subindo o rio Orinoco, se lhe deparou, em plena selvatiqueza da floresta equatorial e de mistura à numerosa tribo dos Salivas, uma rapariga do mais puro sangue ariano e que êle soube depois ser irmã de um religioso alí em missão.

Mas seria mesmo uma mulher branca a figura que já se furtara ao nosso exame, voltando ao interior da vivenda?

E na sofreguidão de esclarecer essa dúvida, inteiramente esquecido de que a língua não me ajudaria, voltei-me para as nossas companheiras, que continuavam impassíveis e, talvez, nem houvessem percebido a minha ansiedade.

— Há de ser, *seu* doutor, procurava suavizar-me o Pacatuba. O senhor vai ver que êsse gringo ainda é pior do que os outros e não se contenta com as bugras daquí. Para mim, aquilo é qualquer mulher dibará, que êle arrastou até êste meio de mundo.

— Mulher *dibará?*

— Sim... mulher de má vida. *Seu* doutor entende como é? Uma dessas mundiças que são capazes de tudo... E apertando os olhos numa careta: — Chi! Eu até tenho abuso dessa gente. Mas logo, agitando-se todo: — Olhe! Eu não disse? Aí vem êle.

Voltei-me rápido para o ponto que o Pacatuba indicava e vi, ainda a uns vinte metros, um homem que se aproximava, acompanhado de duas índias, provàvelmente as mesmas que tinham andado conosco.

Antes que chegasse até nós, fiz mil conjecturas a seu respeito. É que o tipo era exquisitíssimo, alto, corpulento e com o rosto enquadrado numa barba ruiva e intonsa, que descia muito abaixo do peito. Completando-lhe a curiosidade do aspecto, havia a bisonhice dos trajes: uma bata ou roupão de côr escura, esgargalado ao pescoço e atado na cinta, e que se abria com os movimentos da marcha, deixando entrever umas pantalonas, também parduscas. Vinha em cabelos, ou melhor, mostrava a calva já pronunciada e a contrastar com o rosto hirsuto. Quando mais perto, pude ver que tinha uns olhos azuis, claros e muito frios, sumidos numa face larga, de bochechas gordas, e onde dominavam o nariz adunco e as sobrancelhas cerradas. Devia ser homem na volta dos cinqüenta anos, mas bem robusto, de pescoço taurino e pulsos fortes,

e com a aparência de boa saúde, energia e confiança em si mesmo.

Ao defrontar-nos, trazia um ar severo, a testa vincada, e parecia sèriamente aborrecido. Por fim, compôs um rosto mais amável e começou a falar-nos. Às suas primeiras palavras, simples cumprimentos pronunciados num português horrível, percebí que o homem era alemão. Quis tirá-lo do embaraço e reportei-me aos meus tempos de Berlim:

— *Sind Sie ein Deutscher?*

— *Jawohl!* E a sua fisionomia abriu-se num sorriso, misto de espanto e beatitude.

Daí por diante, entendemo-nos bem quanto à língua, pois, o alemão, mantendo-se numa grande reserva e parecendo medir as palavras, deixava de responder à maioria das minhas perguntas.

Assim é que nada, mas absolutamente nada, pude saber da sua vida, nem dos motivos que o levavam a viver entre os silvícolas. E seria aquilo uma simples tribo de índios, ou êle estava alí, com outros patrícios, empenhado em qualquer trabalho científico ou emprêsa de intuitos lucrativos?

Mas o homem desconversava sempre, ora deixando morrer no ar as minhas interpelações, ora voltando ao tema das suas primeiras palavras e que foram de desculpas por nos terem os índios obrigado a tão penosa viagem. Tudo aquilo só podia ser explicado por um equívoco lamentável, mas que êle procuraria sanar da melhor maneira. E chegava a sua vez de interrogar-me. Como é que eu fôra aprisionado pelos índios? Para que tal sucedesse, era preciso que eu já estivesse muito nas imediações da tribo, o que lhe causava estranheza, dada a sua situação em zona tão remota e totalmente desconhecida. Pelos modos, o alemão era perfeitamente conhecedor das duas tribos que

nos tinham conduzido até a sua presença e devia estar em permanente contacto com as mesmas.

Expliquei-lhe então a nossa viagem, até o ponto em que parámos para substituir as embarcações, e depois a caçada que tinha dado naquela odisséia, não esquecendo de me reportar à morte do Piauí e ao estado de aflição em que deviam ter ficado os nossos companheiros.

À medida que eu falava, o alemão, bamboando a cabeça para os lados, dava punhadas nos joelhos e exclamava repetidos *Ach!*, como que muito contrariado pelos incômodos a que nos expusera.

— Eu lhe peço mil desculpas, disse-me êle por fim. Mas tudo isso vai ser corrigido. Do mesmo modo que os senhores vieram até cá, eu os mandarei acompanhar novamente até o rio. Será bom, porém, que descansem um pouco, depois de tão penosa travessia. Os senhores podem ficar aquí uns dois ou três dias, até mais se quiserem, e depois eu providenciarei para que a viagem de volta se faça de maneira mais suave.

Em seguida, voltando-se para as índias, êle, desembaraçadamente, dirigiu-lhes a palavra, num idioma que devia ser o delas, mas de que eu não entendia patavina. Imediatamente, como que cumprindo ordens, duas das raparigas partiram em direção ao povoado, enquanto o alemão se desculpava por ter falado numa outra lingua e me explicava estar providenciando para que fôssemos convenientemente alojados.

— E por falar em língua, disse-me num tom amável, como é que o senhor conhece tão bem o alemão?

Contei-lhe, então que logo depois de formado tinha ido em viagem de estudos à Europa e havia praticado por quase dois anos nos hospitais de Berlim.

— Ah! Então o senhor é médico? inquiriu, sem poder conter a sua surprêsa,

— Sim, ou melhor, fui, porque agora ando totalmente afastado da profissão.

— E qual era...

O alemão ia fazer-me outra pergunta, mas dominou-se, mudando rápido de assunto.

— O senhor deve falar também o francês e eu vou mandar-lhe uma rapariga que ficará à sua disposição e com quem poderá entender-se, pedindo tudo o que precisar. E, logo, despedindo-se: — *Auf wieder sehen!* .

Vi-o afastar-se e quedei-me perplexo ante o mistério que cercava aquela figura. Metido numas albarcas de couro e envolto na longa e grosseira bata de estopa ou aniagem, o alemão tinha qualquer coisa de um monge.

Tão de-pressa o sentiu pelas costas, o Pacatuba interrogou-me curioso:

— *Seu* doutor, que apito toca êste barbaças?

— É o que não sei dizer...

— Uê... Pois seu doutor não descaroçou tão bem a língua dêle?

— Sim. Mas êle não me quis dizer nem o seu nome.

— Chi... Aquilo tem cara de ser muito miserável.

— Miserável?

— Sim. *Seu* doutor não reparou nos olhos de xexéu que êle tem? Aquilo não engana: é sinal de temperamento muito sanguinário.

Não dei trôco à parolagem do Pacatuba e pus-me a pensar no intérprete que me fôra anunciado, já quase na certeza de que, dentro em pouco, veria surgir a rapariga loura entrevista pouco antes numa das varandas. Com surprêsa, porém, as duas índias voltaram na companhia de uma outra, ainda mais nova do que elas, e que, a sorrir, nos disse um *Bonjú Messiê*.

Pensei não ter ouvido bem, mas ela, no mesmo francês revesso, convidou-nos a segui-la. Estávamos em plena

domínio do inesperado. Depois do alemão enigmático, uma índia que falava o francês!

Examinei mais de perto a minha intérprete. Era uma caboclinha de cabeleira opulenta, grandes olhos travessos à flor do rosto, e com uma dentadura branca e muito perfeita. De carnes enxutas e formas esguias, não apresentava mais de quinze anos, a julgar pela pequenez das conchas que lhe ondulavam o peito. Como as outras, trazia apenas um sendal plumoso, mas tão breve para os lados, que não se lhe perdia a curva harmoniosa dos rins. Quis saber o seu nome e disse-me que se chamava Malila.

Na sua companhia, separámo-nos das outras índias e rumámos até uma das casotas que ficavam logo no início do aldeamento. Surpreendeu-nos o relativo confôrto da habitação, onde já nos aguardavam duas belas rêdes de tucúm, estendidas na sala da frente, inteiramente forrada por uma esteira de ubuçú e abrindo para um alegre copiar. A um canto, sôbre uma espécie de girau, tinham-nos reservado algumas cuias com mel e frutas silvestres, grandes gomos de taquaruçú contendo água limpida, e cuiambucas de bebida fermentada.

Despertou-me logo curiosidade, a beleza e bom acabamento de certos utensílios moldados numa cerâmica muito lisa e perfeitamente vidrada. Havia mesmo alguns vasos e igaçabas com absoluta elegância de linhas, principalmente entre as moringas de dois bicos, que faziam lembrar os modêlos etruscos. Dignas também de nota eram as decorações que se viam sôbre muitos dêles, feitas com tintas diversas e obedecendo a motivos vários, como gregas caprichosas, círculos concêntricos e espirais.

Entretanto, mais do que êsses objetos, atraía a minha atenção a presença de Malila, de quem, graças ao francês, eu esperava obter maiores informes sôbre a nossa situação.

Voltei-me para a índiazinha que, sentada à soleira da porta, nos olhava fixamente, e comecei a fazer-lhe uma série de perguntas a respeito do alemão e também da tribo a que ela pertencia. Não fui muito feliz. Malila sorria mais do que falava e nem sempre parecia compreender bem as minhas frases. Por outro lado, às suas respostas, quase monossilábicas, se intercalavam muitas palavras indígenas, o que ainda mais me dificultava o entendimento.

— *Amauta*... mestre... amigo nosso... *cochumasi*... insistia ela às minhas indagações.

A muito custo, pude saber que *amauta* queria dizer "homem douto, sábio", e que era assim que ela apelidava o alemão. *Cochumasi*, a palavra já ouvida muitas vêzes na outra tribo, quando o cacique se despedira de mim, significava "amigo".

E era tudo quanto eu conseguia arrancar acêrca do alemão! Relativamente ao seu tempo de estada na tribo, Malila disse-me que os rios já tinham crescido muitas vêzes depois que êle estava lá, o que queria dizer que a sua permanência naquelas paragens já datava de alguns anos. Mas nada quanto às razões que o levaram até ali.

— *Seu* doutor, venha ver como isto está animado, chamou-me o Pacatuba do copiar. Fui ao seu encontro e vi, então, que grandes grupos de índias entravam no povoado, vindo de várias direções. A maioria, de enxada ao ombro e balaio às costas, devia vir do trabalho nas roças. Havia outras, porém, que, acompanhadas de grandes cães, traziam armas e pareciam voltar da caça. À maneira por que todas marchavam, em postura garbosa, eqüidistantes e sem falar, tinha-se a impressão de pequenos pelotões nos quais se observasse a mais rigorosa disciplina.

Mas onde andariam os homens daquela tribo? E voltei a interrogar Malila.

— Não tem. Os homens moram longe. E apontando para os grupos de índias: — Aquelas são as *cossanac*, as virgens que voltam do trabalho.

Da varanda, eu reparava agora numa grande casa, quatro a cinco vêzes maior do que as outras, e que ficava bem ao fundo da nossa rua. Era para êsse casarão, longo retângulo de paredes baixas e vasto teto, que se encaminhavam todas as índias.

— *Mananchic! Mananchic!* Gritando êste nome, Malila mostrava-me um vulto, que saira de uma das casas fronteiras e ia também em direção à casa grande. A despeito da exquisitice dos seus trajes, muito semelhantes aos do alemão, não me foi difícil reconhecer a rapariga loura que já dera motivo às nossas conjecturas. Era aquela, portanto, a mulher do alemão e professora de Malila, de acôrdo com o que eu pudera depreender dos ensinamentos da indiazinha, que não se contivera e, sempre a gritar *Mananchic! Mananchic!*, saira ao seu encalço. Vi que a rapariga, atendendo aos chamados, se voltara, mas fizera logo um gesto, para que Malila não a seguisse. Esta retornou à nossa companhia com uma cara muito triste e dizendo que *Mananchic* não a queria mais.

— *Seu* doutor, pergunte a essa índia se além do barbaças não há outro homem por aqui com quem a gente possa conversar. Ninguém me tira que isso não seja negócio de caucho.

— Qual! Pacatuba. Eu já tentei sondar a pequena, mas ela parece que não entende, ou então, não quer falar.

— Também só mesmo na cabeça de uma desavergonhada passava uma idéia dessas, de ensinar lingua estrangeira a uma bugrinha pomboca.

— Mas que nos vai prestando bons serviços. Queres a prova? Para mim, êsse teu mau humor deve ser fôme e vou pedir a ela que nos arranje qualquer coisa.

— Ah, *seu* doutor, eu antes preferia que ela nos arranjasse algumas balas daquelas que Iurau nos dava. Aquilo engana o estômago e a gente se sente tão bem...

— Mas você não precisa enganar o estômago. Olhe, para começar, ali temos mel, frutas... E dirigi-me para a mesa e apanhei umas bananas.

— Eu sei... Mas é que a gente se sente tão bem, tão *leviano*, quando chupa os tais não sei que diga.

Malila, percebendo que queríamos comer, surgiu com um prato de caça e começou a mostrar os vinhos que nos poderia oferecer, de mirití, pupunha, piquiá.

Entardecia e, como já estivesse um tanto escuro dentro de casa, fomos fazer a refeição à varanda, ouvindo os caraxués que cantavam nas franças de uma mongubeira, cujas flores ainda mal desabotoadas, semelhavam grandes bolas de papel vermelho.

Posto de caucheiros ou taba de silvícolas, era de supor que aquele aldeamento não fôsse mais do que uma larga tonsura aberta na grenha intonsa da seiva, pois por todos os lados, ameaçador e constritivo, nos cercava o paredão do matagal bravio. Entretanto, algumas árvores sombreiras, deviam ter sido poupadas ao desbaste, como os majestosos cajuaçus que renovavam agora a sua folhagem e abriam sôbre o campo raso grandes pálios de seda côr de rosa. Também palmeiras diversas, entre as quais as bacabas de capitel em leque e as inajás de largas palmas dispostas em cocar, bordavam os arruamentos e cercavam as habitações, onde começavam a brilhar as primeiras luzes.

Malila parecia-me triste e eu perguntei-lhe se não queria voltar à companhia dos seus.

— Não. Estou aquí para servir vocês.

— E se fôssemos andar um pouco? Eu tinha vontade de ver as outras casinhas mais de perto.

— Ah, isso não pode ser. O *Amauta* não quer. Só se vocês quiserem andar para o lado de lá, e apontou o trajeto que fizêramos na vinda.

— E por que o *Amauta* não quer?

Ela sorriu e fez um gesto de quem não sabia ou não podia responder.

Era cada vez mais noite, mas a claridade do luar não permitia que chegasse a escuridão.

— Veja o senhor, já estamos de novo com a lua cheia, observou o Pacatuba, fixando a borda do grande disco de prata que começava a surgir sôbre o friso negro das árvores. Onde é que andará o Manoel com a viola? O senhor parece que estava adivinhando, quando proibia que êle cantasse, por causa dos índios. E por falar nisso... *Seu* doutor ainda tem idéia do tempo e ainda sabe a quanto andamos? Eu estou mesmo leso e só sei que ainda é janeiro, mas já perdi a conta dos dias.

— Hoje, se não me falham os cálculos, deve ser vinte e quatro. Eu me lembro bem que ainda escreví o diário no dia cinco e que foi no dia seguinte que nos perdemos.

— Mas que brincadeira! Quase vinte dias nesse furdunço! E' o dia da semana?

— É também questão de cálculo. Cinco foi uma segunda, logo... Pensei um pouco e respondí: — Hoje é domingo.

— Domingo! Veja o senhor, a gente podia estar hoje tão bem, comendo um frango assado na sombra do arvoredo...

— Mas, isso, nós quase que tivemos aquí. Era só ir alí para baixo da mongubeira. É verdade que não tínhamos o frango assado.

— Não, *seu* doutor... Eu quando digo assim, quero falar mas é em comer o frango assado na companhia da família, com a mulher e os filhos ao lado, e não nesta

besteira. É assim que eu uso lá em Mamanguape. Todos os domingos, reüno o povo para almoçar debaixo de uma mangueira e, como a minha cabocla sabe que eu gosto de frango assado, prepara um só para mim.

Mas, súbito, ouvimos um formidável rugido de onça, tão forte e tão próximo que, de um salto, nos pusemos de pé. Malila riu-se do nosso susto e, como eu a interpelasse:

— Isso é a onça domesticada. Ela está uivando assim por causa da lua.

— E vocês têm onças domesticadas?

— Quem tem é a *Coia*, a nossa rainha.

— O que é que ela está contando? interrompeu o Pacatuba, ainda apavorado.

— É que é uma onça domesticada.

— Ah, mas eu não vou nisso. Olhe, *seu* doutor, não facilite, o melhor é nós entrarmos.

CAPÍTULO V

AS AMAZONAS

> Los fundamentos que ay para assegurar la Provincia de las Amazonas en este rio, son tantos y tan fuertes que seria faltar a la fée humana el no darles credito.
>
> Padre Cristobal de Acuña. — *Nuevo descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas.*

— Não acredita, então, que possa estar na tribo das Amazonas?

— Desde que o senhor assim o diz... Mas é fantástico!

E quedei-me num mutismo interrogador, a olhar o alemão que, sentado diante de mim, tinha um ar satisfeito e parecia gozar a minha surprêsa.

— Pois é o que lhe digo. Estamos entre as autênticas Amazonas, a célebre tribo das mulheres guerreiras que, há quase quatro séculos, foram vistas pela primeira e única vez, por Orellana e seus companheiros. Fique certo que o meu espanto não foi menor do que o seu, quando me convencí dessa descoberta e tive de entroncar estas índias, que nos rodeiam, àquelas mesmas que, armadas de arcos e flechas, na foz do Jamundá, atacaram os primeiros exploradores do rio-mar. E como proceder de outro modo, se todos os dados vêm em abono dessa afirmação e fazem de uma simples lenda a mais palpável realidade? Mas recorda-se bem de tudo o que já se disse e escreveu acerca das Amazonas brasileiras?

E como eu me conservasse calado, o alemão prosseguiu:

— É preciso estar senhor do assunto para se poder compreender como cheguei a semelhante conclusão. Eu falo em Amazonas brasileiras porque, como o senhor sabe, o mito das mulheres guerreiras e varonís acompanha a história da humanidade e, muito antes que os conquistadores espanhóis se referissem às nossas *cunhapuiaras* ou grandes senhoras, como lhes chamavam os silvícolas das cercanias, já os fabulários enchiam páginas e páginas com várias lendas de Amazonas. Foi mesmo por isso que os depoimentos mais autorizados com relação às Amazonas brasileiras jamais mereceram fé, tão bem se ajustava à tribo das guerreiras sul-americanas tudo o que os escritores antigos haviam dito a respeito da decantada ginecocracia cita que teve Pentesiléia e Talestris como rainhas mais famosas.

E êle, cheio de entusiasmo, passou a demonstrar-me que as nossas Amazonas constituiam também uma ginecocracia em que os homens só apareciam temporàriamente, uma vez por ano, para os efeitos da perpetuação da espécie. Estes homens, seus vassalos, pertenciam a uma tribo que lhes vizinhava os domínios protegendo-os de qualquer incursão estrangeira, e onde só podiam penetrar por ocasião das festas esponsalícias. Diziam também que as nossas guerreiras apenas conservavam as filhas, sendo que as crianças do sexo masculino, oriundas dêsses conúbios, eram mortas logo ao nascer, ou então entregue aos homens com quem elas maridavam.

Por fim, concluiu:

— Como vê, tudo isso é perfeitamente igual à lenda das heroinas do Termodonte e daí o não se ter tomado muito a sério o testemunho visual dos companheiros de Gonçalo Pizarro, nem tão pouco o que a respeito das Amazonas brasileiras ouviram dos índios os principais exploradores da região como Raleigh, Cristobal de Acuña e La

Condamine. É que tudo isso parecia não ser mais do que um outro surto daquela febre de ouro que escaldava o sangue dos espanhóis e os fazia delirar e correr à ventura, procurando os reinos encantados do Eldorado e do Paititi, os monumentos quiméricos de Doboiba e os túmulos auríferos de Zenu. E para despertar-lhes o interêsse pelas nossas belatrizes, Orellana fôra informado de que elas eram possuidoras de enormes tesouros, a começar pelos cinco suntuosos Templos do Sol que lhes enriqueciam os domínios. Por outro lado, muito antes que os primeiros bergantins descessem o Amazonas e houvessem sido flechados pelas supostas mulheres guerreiras, já Américo Vespúcio e até Colombo tinham ouvido referências a tribos de Amazonas em outras regiões da América, e isso era o bastante para mostrar que uma única e mesma lenda andava na imaginação de muitos. Mas passemos a outro ponto, que é muito interessante, e está intimamente ligado à tradição das Amazonas. Os muiraquitãs...

— Justamente, aduzi curioso, eu fiquei muito surpreso quando vi no pescoço de alguns dos índios que nos trouxeram até aquí...

— Ah, então o senhor reparou? Pois fique certo que são legítimos muiraquitãs ou as famosas *pedras verdes* que sempre foram tidas como um dos atributos das Amazonas e por tal modo que, até hoje, ainda são conhecidas entre nós por *Amazonsteinen*.

— E como se explica que elas existam por aquí em tão grande abundância, se os célebres amuletos são hoje raríssimos e figuram como verdadeiras preciosidades nas coleções dos museus?

O alemão fêz um gesto para que eu o não interrompesse e, passando-me um cigarro, continuou calmamente:

— Os muiraquitãs são um dos mais curiosos achados dos primeiros exploradores da Amazônia, não só porque,

pelo seu alto grau de acabamento, revelavam uma civili ção muito superior à das tribos da região, como ainda porque não se conheciam, na América, jazidas de jadeíta ou feldspato laminar verde com que se supunha fôssem os mesmos fabricados. Daí uma série de conjecturas para lhes explicar a origem, desde a lenda colhida entre os índios de que os muiraquitãs eram trabalhados num barro especial, retirado do fundo de certa lagoa, e capaz de endurecer pela exposição ao ar, até à hipótese do seu patrício Barbosa Rodrigues, que tinha o muiraquitã como prova irrefutável da origem asiática dos primeiros habitantes do Novo Continente, dada a perfeita semelhança verificada entre os amuletos amazônicos e os que eram fabricados pelos povos do Turquestão. Se a opinião de Barbosa Rodrigues não prevalece mais, hoje, pois se conhecem jazidas de jadeíta na América, havia, contudo, o mistério da confecção dos miraquitãs, cujo trabalho do polimento, com figuras e inscrições numa pedra tão dura como é a jade, não parecia possível ter sido executado pelos selvagens atrasadíssimos da Amazônia. Nesses amuletos, que os índios traziam ao pescoço, prezando-os muito, os primeiros exploradores reconheceram a mesma *pedra verde* ou *pedra nefrítica* a que os antigos já emprestavam várias virtudes e sortilégios na cura e proteção de muitos males, como a cólica de rins, as doenças do fígado, a epilepsia e as picadas de cobra, e eis a razão do interêsse que as mesmas despertaram desde logo, dando motivo a um intenso comércio de trocas entre os seus possuidores e os recém-vindos. Acontecia, porém, que os muiraquitãs não eram abundantes entre os índios, que não os sabiam fabricar e, para lhes explicar a procedência, diziam sempre que êles vinham de muito longe, do país das mulheres guerreiras e sem marido. A história das pedras verdes liga-se, assim intimamente, à lenda das Amazonas e, daí, a razão por que elas ainda são até hoje, também conhecidas por pedras das

Amazonas. Como êsses amuletos tenham sido encontrados com mais freqüência em determinadas regiões, como por exemplo, nas cercanias do Tapajós, por La Condamine, e no alto rio Negro, por Humboldt, — para êsses pontos se voltou a curiosidade daqueles que procuravam o misterioso *País das Amazonas* ou *Reino das Pedras Verdes*, isso sem falar na região do Jamundá, em cuja foz foram vistas as guerreiras, e que, naturalmente, foi apontado como um dos seus domicílios prováveis. Aí existe mesmo já nas cabeceiras do rio, a serra Itacamiaba, que por muito tempo se quis ter como o *habitat* da famosa tribo, e cujo nome, deturpado para *icamiaba*, foi também empregado como sinônimo de Amazona. E já que falamos na serra Itacamiaba, não podemos deixar de aludir ao lago Iaciuaruá ou *Espêlho da Lua*, que ficava nas suas proximidades e tinha uma lenda em íntima relação com a história das Amazonas e dos muiraquitãs. Contavam ter sido êste lago consagrado à lua pelas Amazonas que, todos os anos, pela mesma época, se reüniam à sua volta e faziam uma grande festa à mãe dos muiraquitãs, que nele habitava um palácio encantado. Era, então, que as icamiabas, ungidas pela luz balsâmica do luar, mergulhavam nas águas límpidas do lago e iam receber da mãe das pedras verdes o barro dúctil com que desveladamente trabalhavam os seus muiraquitãs, até que o calor do sol chegasse para os endurecer e transformar nos magníficos talismãs. Essa festa coincidia com a vinda anual dos maridos fortuitos ao Reino das Pedras Verdes e aos índios que no consórcio anterior lhes tinham dado uma filha, as Amazonas ofereciam o muiraquitã que acabavam de modelar. Os índios com os quais elas se propagavam eram os Guacarís, a mais vizinha das três tribos que cercavam e defendiam os seus domínios, exatamente como aquí elas estão perfeitamente protegidas por todos os lados e ainda são os mesmos Guacarís os seus "maridos zângões", para

usar a pitoresca expressão do padre Acuña. O mais curioso ainda é que a lenda do lago Iaciuaruá é também perfeitamente verídica. Aquí, de fato, existe um lago de cuja vasa se aproveitam as Amazonas para fazer os seus muiraquitãs, em tudo iguais aos já conhecidos.

O meu espanto, ainda cheio de incredulidade, arrancou-me nova interrogação:

— Mas, então, o senhor supõe que esta seja mesmo a tribo das Amazonas?!

— Sem a menor dúvida. Pelo menos, é essa a mesma que foi surpreendida na foz do Jamundá e a respeito da qual correm todas essas lendas. Está bem visto, que o nome de Amazonas não tem nenhuma razão de ser, desde que as nossas guerreiras, ao contrário das suas homônimas, nunca queimaram o seio direito para o mais fácil manêjo do arco, nem tão pouco combatiam a cavalo, pela simples razão de que não existiam cavalos na América no momento da sua descoberta. É por isto que eu prefiro chamar a esta região *Reino das Pedras Verdes*, pois as nossas índias são, na verdade, as únicas fabricantes dos muiraquitãs. Olhe êste, por exemplo...

E o alemão, metendo a mão pela gola da bata, mostrou-me um lindo amuleto que trazia pendurado ao pescoço.

Estive a examiná-lo longo tempo, tão admirável me pareceu o seu valor artístico. Era um talismã de côr verde-azeitona, superfície lisa e brilhante, e que representava a figura de uma ave pernalta, espécie de garça ou flamingo, de formas esguias.

— Não é um trabalho perfeito? Pois êste foi modelado sob as minhas vistas, durante as festas nupciais de há dois anos.

— Mas, se é mesmo assim, se este muiraquitãs são feitos com o barro mole do fundo de uma lagoa, como é que

todos os mineralogistas lhes dão uma composição perfeitamente igual à da jade?

— Isto é um caso ainda a elucidar... Talvez se trate de uma variedade de feldspato peculiar a esta região e até hoje só conhecida dessas índias. — Mas não percamos o fio da conversa, volveu o alemão, repondo o muiraquitã sob a roupa. E êle expôs-me o que pensava a respeito da origem das Amazonas.

Não havia dúvida que se tratava de um agrupamento de mulheres emigrado do Império Inca por ocasião da conquista espanhola. Só assim se podia explicar o seu grau de civilização, muito superior ao de todos os silvícolas do vale do Amazonas, e também a língua quíchua, que até hoje elas falavam. Restava saber qual fôra a razão dêsse êxodo tão esdrúxulo, no qual sòmente indivíduos do sexo feminino se expatriaram.

Entre várias hipóteses, duas eram as mais apresentáveis. Podia-se pensar que as supostas Amazonas se tivessem revoltado contra os seus homens e resolvido abandonar o solo nativo, descendo pela vertente oriental dos Andes, quando souberam do aprisionamento de Ataualpa e conseqüentes desgraças que acabavam de cair sôbre o Império Inca. Essas mulheres, cujos maridos deveriam estar entre as fôrças que combatiam os espanhóis, não se teriam conformado com a vitória de Francisco Pizarro, tida por elas como um atestado da nenhuma resistência oferecida pelo soldado inca. Daí o seu gesto de rebeldia, que as levou a trucidarem desapiedadamente todos os filhos varões, e conseqüente lembrança de formarem uma sociedade exclusivamente composta de mulheres.

Outros queriam que as primeiras Amazonas — e essa idéia é defendida pelo naturalista Ricardo Spruce — não fôssem mais do que as vestais que guardavam os Templos do Sol entre os Incas e que teriam fugido para as florestas

amazonenses antes que os mesmos caíssem em poder do invasor. A ser exata essa mera conjectura, poder-se-ia de algum modo explicar a fabulosa riqueza das nossas Icamiabas; mas assim mesmo seria difícil acreditar que as pobres virgens, na pressa da fuga pelos mesmos horríveis e inóspitos caminhos pouco depois percorridos pela gente de Gonçalo Pizarro, tivessem podido arrastar um pouco do ouro e da prata que atestavam os majestosos templos de Cusco.

A emigração de aborígenes dos contrafortes andinos para o vale amazônico, por ocasião da conquista espanhola, é fato perfeitamente assentado e ainda hoje são conhecidas várias tribos como a dos Conibos, do alto Ucaiale, e dos Urubambas, Sipibos e Setibos, que parecem francamente de origem incáica, isso se não quisermos recordar a lendária retirada do inca Manco Capac, irmão de Ataualpa, que, pela mesma época e acompanhado de alguns milhares de vassalos, também teria deixado Cusco para formar o decantado Reino do Paititi.

— Mas, enfim, terminou o meu interlocutor — vestais da divindade ou simples mulheres queixosas de seus maridos, — o fato é que se formou a ginecocracia que aí está e que o senhor vai observar com os seus próprios olhos, para depois me dizer se tenho ou não razão para asseverar que estas são as próprias Amazonas de Orellana. À primeira vista, parecerá esquisito que elas tenham sido encontradas em região tão distante, nas imediações do Jamundá, e que índios de outras localidades também se tenham referido às Amazonas, como habitantes das suas vizinhanças. Isso, entretanto, pode explicar-se perfeitamente por excursões que destacamentos da sua gente tenham feito por vários pontos do vale amazônico, até que tôda a tribo se fixasse definitivamente aquí. Eu acredito mesmo que, por essa época, elas tivessem sido forçadas a se empenhar em luta

com os indígenas autóctones e daí a fama que lhes adveio de mulheres belicosas e varonis. Pelo que ainda se pode colher da tradição oral, que como o senhor sabe se transmite entre os índios de geração a geração com fidelidade assombrosa, e também pelo que se pode depreender de certos hábitos religiosos, é de presumir que a razão esteja com Spruce. Assim, sempre que as nossas índias se referem a seus maiores, dizem que a sua raça é nobre e se vincula à estirpe das virgens que, nas montanhas altas e entre um povo muito rico, zelavam os Templos do Sol. Mas há mais ainda. Entre as várias relíquias que elas guardam cuidadosamente, fui encontrar algumas franjas e cordéis, tecidos com fios de várias côres, e que muito se assemelham aos curiosos *quipus* usados pelos Incas à maneira de escrita. E' de lamentar apenas que elas, até hoje, não soubessem ou não me quisessem ler as tradições que os mesmos conservam.

Quando o alemão acabou de me referir todos êsses fatos, mostrei-lhe quão longe estava daquilo tudo, pois, ainda na véspera, estivera a discutir com o meu companheiro, na suposição de que tivéssemos chegado a um posto de caucheiros.

— Posto de caucheiros? E êle pôs-se a sorrir, fixando-me com os seus olhos muito azuis e imperturbáveis.

— Sim, diante de todas essas casas, tão bem construídas e arruadas, pensei num grande centro de exploração de caucho e contava ter de tratar com algum peruano ou boliviano.

— Pois tudo isso eu já encontrei assim, perfeitamente edificado. Estas casas devem ser iguais às que se construíam entre os Incas; apenas lá havia mais pedra e, por causa do clima, quase se não abriam janelas. E o senhor não estranhou as índias que o foram receber?

— Ah, sim, principalmente porque todas eram mulheres, e também porque, até agora, ainda não vi um só homem entre toda essa gente, a começar pelos grandes grupos de lavradores que encontrámos no trabalho das roças, antes de chegar até aquí.

— Mas vamos dar um giro, para o senhor conhecer melhor onde está, disse o alemão, encaminhando-se para a porta.

O Pacatuba, cansado de ouvir sem entender-nos, deitara-se numa das redes e, quando saímos, dormia a sono sôlto.

Mal tínhamos dado alguns passos no terreiro, e a francesa veio ao nosso encontro. O alemão apresentou-ma como sua mulher, sem, entretanto, lhe declinar o nome. Achei-a muito simpática, bonita mesmo, com os seus longos cabelos louros e ondulantes corridos sôbre as têmporas e atados com singeleza num coque à nuca, o perfil muito fino, uns grandes olhos escuros, úmidos e luminosos. Devia ser mulher de uns trinta anos, se os tivesse, e, portanto, bem mais moça do que o alemão, a cujo lado era ainda maior a gracilidade da sua figura, de fisionomia doce e formas leves e flexuosas, a despeito da nenhuma garridice dos seus trajes, pois que também uma bata, quase igual à do marido, lhe descia até os pés.

— Olhe, vamos por aquí, disse-me o alemão, que eu quero apresentá-lo à *Coia*. Hoje é segunda-feira e ela deve estar no *tambo*, presidindo à distribuïção de mantimentos.

E, como o meu olhar o interrogasse:

— A *Coia* é a rainha das Amazonas. Ainda aquí, como entre os Filhos do Sol, há uma perfeita organização social e todos trabalham, desde as crianças até as velhas, sendo que os bens pertencem à comunidade e são irmãmente divididos, conforme as necessidades de cada um. A

classe das Amazonas pròpriamente ditas, que é constituída apelas raparigas de quinze a vinte e cinco anos, estão afetos os trabalhos mais difíceis e pesados, como a caça e a pesca e, também, o amanho da terra e preparo das roças. Todas as raparigas guardam obrigatòriamente a virgindade durante êsses dez anos e vivem sob uma disciplina férrea, obedecendo cegamente às ordens da *Coia*. Esta é escolhida entre as suas companheiras após reiteradas provas de resistência física, agilidade e bravura, nas quais terá de sobrepujar as outras da mesma idade. O seu reino dura o espaço de cinco anos, dos vinte aos vinte e cinco, que pode, entretanto, ser dobrado, desde que ela aceite renovar o voto de virgindade e volte a ser vencedora em novas provas. E' o caso da *Coia* atual, que já está no poder há quase dez anos. Êste ano, porém, ela terá de perder o cetro, pois que não são permitidos mais de dois períodos de govêrno. As Amazonas, dos vinte e cinco anos em diante, destinam-se à perpetuação da espécie e começam a consorciar-se com os índios que as vêm visitar anualmente. São-lhes, então, conferidos trabalhos mais leves e, além da criação dos filhos, ocupam-se com serviços de tecelagem e confecção de vestuários e adôrnos. Às velhas são tributados outros misteres, como a manufatura da cerâmica e preparo dos tóxicos, no que são habilíssimas.

Mas chegávamos às imediações do *tambo*, ou armazem de abastecimento, e começávamos a ver grandes agrupamentos de mulheres, que se voltavam à nossa passagem e me examinavam com curiosidade. Umas tinham filhos tenros ao seio; outras, com crianças já maiores, traziam-nas escanchadas no quadril. Havia ainda umas poucas em adiantado estado de gravidez e que ostentavam muiraquitãs sôbre o ventre, provàvelmente para que a gestação lhes corresse propícia.

A francesa dirigia-se a algumas das mães, falando corretamente o quíchua. Depois, voltando-se para mim: — Estamos justamente no mês dos nascimentos e todos os dias a tribu se enriquece de novas Amazonazinhas.

Eu não quis insistir, dada a delicadeza do assunto, mas fiz os meus cálculos, e concluí que era então em abril que os Guacarís as vinham procurar.

— Veja êste como é bonitinho, — e ela agarrou entre os braços, apertando-o de encontro ao seio, com efusão toda maternal, um tapuiozinho rechonchudo e de olhos brejeiros e muito negros, como se fôssem duas grandes contas de vidrilho reluzente. E dizer-se que, dentro de alguns meses, só porque teve a infelicidade de nascer menino, êle deverá ser entregue à outra tribo! E amimando-o com carinho: — *Le pauvre petit!*

Já na porta do *tambo*, deparou-se-nos a figura da *Coia*, que veio cumprimentar-me, depois que o alemão lhe disse algumas palavras. Com o seu arrogante capacete de grandes penas rajadas, pepitas de ouro nas orelhas e uma pele de onça que lhe colhia estreitamente os rins e apresilhada ao lado, deixava desnuda toda a coxa direita, essa índia, de perfil longo e puro, porte altivo e gestos graves, tinha mesmo atributos de majestade e não foi sem certo grau de respeito que a saudei com a cabeça, imitando-lhe o meneio reverencioso.

Junto a ela, servindo-me de interprete o alemão, corrí todas as dependências do armazem, e não soube o que mais admirar: se a ordem que presidia ao seu arranjo, se a diversidade e profusão das mercadorias em depósito, a atestar o grau de adiantamento e operosidade daquele povo. Dir-se-ia um grande bazar em que houvesse de tudo, desde os gêneros alimentícios, até os pertences de vestuário e os pequenos objetos de uso doméstico.

A um lado, enfileiravam-se igaçabas e cuiambucas com bebidas fermentadas, óleos vegetais, mel e manteiga de tartaruga, e, também, paneiros de farinha e grandes cestos contendo milho, favas, raízes diversas, palmitos, côcos. Mais adiante, empilhavam-se redes, esteiras, japás, aturás, e tudo o que é trançado com fibras ou varas de taquara. Depois vinha a secção de artefatos para caça e pesca, onde parei longo tempo, a examinar os muitos modelos de arcos e flechas, as curiosas zarabatanas, as zagaias de ponta de osso, os tacapes, murucus e tangapemas. Nada, porém, me agradou tanto como a enorme coleção dos trabalhos em cerâmica. A louça era perfeitamente polida e havia moringas e jarros de formas caprichosas e decorações bizarras, em que a habilidade do ceramista e do pintor corriam parelha, rivalizando nos apuros do gôsto. Alguns cântaros de contornos ousados e alças ligeiras pareciam mesmo modelados por aqueles mágicos artífices de Creta que, sem o auxílio dos petrechos indispensáveis, pela primeira vez transformaram a argila bruta em verdadeiras maravilhas de arte. Assim, certas bilhas, de bojo amplo e rebordos ondulados, em que frisos e gregas vivamente esmaltados de preto mordiam o barro cru e muito vermelho. Havia também vasos e terrinas com forma de animais, ou, então, com estilizações em alto relevo à sua superfície. Outros — e não eram os menos belos — apresentavam desenhos geométricos ou motivos florais incisados na própria louça, da qual se destacavam pela combinação de côres vivas e dos vernizes brilhantes.

O tecido de algumas maqueiras de algodão e os panos de tururi e outras estopas eram também de fazer surprêsa e demonstravam uma manufatura têxtil muito adiantada.

O alemão, entretanto, objetou-me logo:

— Oh, isto é uma indústria que está a morrer entre elas e mal chega a ser uma pálida reminiscência do que

os Incas faziam com a lã do lama e da vicunha. E' bem verdade que se elas não encontraram aqui animais de que conseguissem lã, também não se têm de preocupar com agasalhos. E depois, a sorrir: — Em todo caso, foi sempre bom que as nossas Amazonas não se esquecessem completamente da tecelagem, pois, do contrário, eu e minha mulher teríamos sido forçados a adotar a tanga. Estamos aquí há tanto tempo que quase já não temos mais roupa.

— E' um horror! exclamou a francêsa. O senhor nem imagina o quanto me custou vestir êste roupão de tecido áspero e grosseiro.

— Ah, mas, então, isso é feito aquí?

Ela respondeu-me com uma boa gargalhada, em que mostrava a linda dentadura:

— E o senhor queria que fôsse algum modêlo de Paris? *Oh, mais sans blague...*

— E por falar nisso, volveu o alemão, o senhor e o seu companheiro estão nos mesmos casos, e, ao menos, enquanto se lavam as suas roupas, vou mandar fornecer-lhes umas batas como as nossas.

Ao despedirmo-nos, depois de ter percorrido outras dependências do *tambo*, destinadas a adôrnos e instrumentos de lavoura, a *Coia* ofereceu-me um espêlho de pedra polida, pequena joia de inimitável lavor artístico e que eu, até hoje, não me conformo de haver perdido.

Caminhando em direção à casa grande, que ficava ao fundo do aldeamento, o alemão repetia-me:

— Como vê, aquí não há propriedade privada e todos os bens pertencem à coletividade. A êsse e outros armazens é recolhido tudo o que a tribo produz, e que vai sendo depois distribuido, de acôrdo com as necessidades de cada um, mas sempre sob a rigorosa fiscalização da *Coia*.

— E' simplesmente admirável! E depois de uma pausa, concluí à maneira de cumprimento: — Eu compreendo agora

as razões da sua permanência aqui. Na verdade, para fazer uma descoberta desta ordem, vale a pena o sacrifício do isolamento e de tôdas as privações. E o senhor acredita ter sido o primeiro civilizado a penetrar nestes domínios?

— Ah, disso estou certo... Há quase quatro séculos que elas viviam completamente segregadas do mundo e inteiramente ignorantes do "homem branco" que fôra entrevisto por suas avós. Só vendo o espanto que fizeram quando chegámos aquí...

E a francesa, que estava atenta à nossa conversa:

— Imagine o senhor que eu fui tão apalpada e puxada de todos os lados que cheguei até a ficar com o corpo doído. O que mais lhes espantava eram os meus cabelos louros. E, então, a barba dêle? E ela apontou para o marido.

— Mas o senhor deve ter tido algum indício da sua existência... Provàvelmente estudos anteriores de etnografia... E por meio de muitos rodeios, delongando-me em considerações acêrca daquela região ainda tão mal conhecida mais uma vez busquei saber quais as verdadeiras razões que teriam levado o alemão até alí.

Êle, entretanto, fêz que não me ouvia, mudando logo de assunto:

— Eu lamento apenas que o senhor não possa ficar aquí por mais algum tempo, afim de conhecer alguns hábitos curiosos das nossas índias, como as cerimônias religiosas e, principalmente, as festas nupciais, quando vêm aquí os Guacaris. Mas isso é só em abril, e o senhor diz que quer partir nestes dois dias...

A passo lento e sob a frondação dos cajueiros, chegamos à casa grande, que tinha uma espécie de corpo central, todo de pedra, e duas alas laterais, de paredes de embôço

e tetos de uma massa de argila batida sôbre ripas de palmeira.

— Aquí moram as Amazonas pròpriamente ditas, isto é, as virgens. Elas ocupam estes dois grandes alojamentos laterais, enquanto a parte central da construção é uma espécie de templo religioso onde nunca me permitiram o ingresso. Nele habita a *Coia*, cercada dos objetos do culto e de certas reliquias e adornos mais preciosos, que só saem por ocasião das grandes festas. Agora o edifício está deserto porque todas as Amazonas andam longe, entregues às suas ocupações.

— Olhe aquí, chamou-me a francesa, dirigindo-se para uns grandes engradados que cercavam o tronco de uma árvore. E enquanto eu observava os soberbos gaviões de penacho a que o cativeiro não conseguira quebrantar a fôrça do olhar e a arrogância do porte, ela dizia-me: — Conhece? São harpias, as aves sagradas da tribo, e que fornecem a insígnia real. Não reparou no capacete da *Coia*? Pois aquelas longas penas rajadas são tiradas daquí.

— Isso é muito comum entre os silvícolas, observou o alemão. Os Incas reverenciavam o *coraquenque*, cujas penas eram o adôrno obrigatório do turbante imperial. Na Guatemala, havia também o *quetzal*, lindo pássaro verde, tido como ave sagrada e que não se podia matar.

Em seguida, voltei a minha atenção para um veadinho manso, que passeava junto de nós. Já antes eu tinha observado, além de papagaios e araras brincando em liberdade, tatus e pacas que não se assustavam com a nossa presença. O alemão disse-me que as Amazonas tinham a paciência e habilidade dos antigos egípcios para conseguirem a domesticação dos animais e referiu-se à onça que acompanhava a *Coia* como um cachorrinho e que eu ainda teria oportunidade de ver.

— E se fôssemos agora mostrar-lhe o trabalho das velhas? perguntou a francesa ao marido.

— Parece-me que já é um pouco tarde e não teremos tempo de ver mais nada. E' melhor deixarmos isso para amanhã.

Neste instante, ouvimos um longo som de trompa.

— Eu não disse? volveu o alemão. Êste é o sinal com que a *Coia* põe têrmo ao serviço diário. Aqui tudo obedece a toques de comando.

De fato, já na véspera e na manhã daquele dia, eu ouvira vários sons semelhantes, sem saber como interpretá-los. Pouco depois, como na tarde anterior, vi surgirem de todos os lados, em grandes grupos, as raparigas que regressavam do trabalho. Vinham ainda em forma, disciplinadas e garbosas, e dir-se-ia que a labuta não as afadigara.

Quando passaram bem junto de nós, encaminhando-se para a casa grande, o alemão insistiu:

— Então, são ou não são as Amazonas?

E num espanhol quase ininteligível, tão má era a sua pronúncia, recitou-me o que a respeito delas, diz frei Gaspar de Carvajal, no seu DESCUBRIMIENTO DEL RIO DE LAS AMAZONAS:

— *"Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entranzado y revuelto á la cabeza, y son muy membrudas y andam desnudas en cueros, tapadas sus verguenzas, con sus arcos y flechas en las manos..."*

CAPÍTULO VI

VENENOS...

Acurvado sôbre a perna, fomentando pacientemente o tornozelo direito com óleo de andiroba, o Pacatuba resmungava:

— Eta, dorzinha impertinente! Eu não sei mesmo se teria desmentido esta junta, ou se isto não será reumatismo. Há tanto tempo que estou assim, e nada de melhorar... E, depois, voltando-se para mim: — Eu lhe garanto que já tinha ficado bom se pudesse chegar a êste rejeito uns banhos de *malícia de boi*. Seu doutor entende como é? E' assim que nós curamos estas coisas lá em Mamanguape. Mas aquí a gente não encontra nada...

— Qual! Isto é mesmo uma torcedela. Você ficou assim depois do salto que deu no banho, quando Malila apareceu.

— E que é que *seu* doutor queria que eu fizesse? Essa história de tomar banho despido na frente das índias não está direito. Deixe lá o barbaças dizer o que quiser, mas um homem de bons costumes não faz umas tantas coisas.

Acontecera que, quatro dias antes, fôramos ao banho na companhia do alemão, em sítio que já lhe era familiar e onde, num rio próximo, as águas se remansavam em deliciosos poções, bordados de ilhotas verdejantes e à sombra de grandes árvores. Inteiramente nus, descansávamos entre dois mergulhos, estirados sôbre um amplo lajeiro, e a chupar a polpa agridoce de algumas favas de ingá, quando Malila rompeu de supetão entre a folhagem. Mal a perce-

beu, dando um grito assustado, aos pulos e trambalhões por cima das pedras limosas, o Pacatuba cambalhotou precípite no rio, enquanto dávamos boas gargalhadas e a própria indiazinha, embasbacada na incompreensão de semelhante gesto de pudicícia, olhava espantadamente para nós.

Vinha, provàvelmente, dessa corrida o mal de que se queixava agora o Pacatuba e que já fôra causa da transferência da nossa partida. De fato, para dois dias antes tinha sido marcada a nossa viagem de regresso, que merecera tôdas as atenções do alemão, desejoso de nos proporcionar uma travessia menos penosa do que aquela que fizeramos na vinda. Para isso, ordens haviam sido dadas afim de que uma turma dos Guacaris estivesse de novo a postos, pronta a nos reconduzir até o rio.

E, afinal, deixaríamos aquelas paragens levando as mesmas dúvidas e sem saber, ao certo, o que fazia por alí aquele misterioso casal de estrangeiros, que nos hospedara por alguns dias!

Depois da longa palestra, em que o alemão me expusera as suas idéias acêrca das Amazonas, ficara-me a convicção de que eu estivesse mesmo tratando com um etnografista, inteiramente absorvido no estudo da curiosa tribo, e, dêste modo, explicar-se-iam cabalmente as razões do seu longo e voluntário degrêdo.

Qual não foi, porém, a minha decepção, quando, no curso de outra conversa, e porque eu o felicitasse pelo êxito completo dos seus estudos, lhe ouví dos próprios lábios que nunca se consagrara a pesquisas daquele gênero, e que a sua descoberta fôra uma simples questão de acaso. Sorrí incrêdulo e desconfiado, mas o sr. Hartmann, tal era o seu nome — insistiu com veemência, afirmando-me que aquilo era a mais pura expressão da verdade. Êle nunca se dedicara à etnografia e muito outros tinham sido os motivos que o levaram a procurar a Amazônia. Apenas.

nos lazeres das suas ocupações, e dado que tudo estivesse a clamar que aquelas índias fôssem mesmo as Amazonas de Orellana, começara a estudá-las e, observando os seus usos e costumes, fôra a pouco e pouco se intrometendo em seara alheia.

Quis, então, saber que desígnios o teriam arrastado até os confins do extremo-norte, mas aí o meu interlocutor se monstrou inteiramente fechado e, pondo têrmo às minhas insinuações, advertiu-me com ar severo:

— Olhe, meu amigo, é melhor não insistirmos neste ponto, que absolutamente não posso satisfazer os seus desejos. Digo-lhe mais: se o senhor viesse a conhecer as razões que me trouxeram até aquí, já então eu o faria meu prisioneiro, retendo-o na minha companhia até que pudéssemos regressar juntos, e eu creio que o senhor não quererá se arriscar a tanto.

Era a respeito do inesperado desta resposta, permitindo tôda uma série de conjecturas, que eu me quedara a meditar, quando o Pacatuba, por uma dessas curiosas transmissões de pensamento, incidiu no mesmo assunto:

— Mas, afinal, *seu* doutor, o senhor já vigiou o que faz êsse barbaças por aquí?

— Estava pensando nisso...

E contei-lhe a minha conversa com o alemão e a estranheza que me fizeram as suas palavras. Depois, disse-lhe: — O que não resta dúvida é que êle não é nenhum caucheiro bronco, mas antes um homem que parece até muito preparado.

— Veja o senhor! E eu que era capaz de apostar que êle fôsse um banal qualquer...

Ri-me da saída do Pacatuba e fui ao encontro de Malila, que chegava trazendo a nossa refeição matinal: tijelas de cupana com beijús e cará assado.

A índia viera acompanhada de um grande cão semelhante àqueles que eu já vira, de longe, seguindo as Amazonas. O animal, de focinho agudo, membros muito longos e pêlo felpudo e avermelhado, com uma raja negra sôbre o dorso, tinha qualquer coisa de arisco e selvagem e, embora lembrasse um grande galgo, era muito diferente dos nossos cães. Disse-me, mais tarde, o alemão, que aqueles cães, existentes na tribo, deviam ser os nossos lôbos ou guarás trazidos à domesticidade e, talvez, cruzados primitivamente com os ferozes perros de que não se separavam os conquistadores espanhóis. Todavia muito mais poética foi a lenda que Malila me contou para explicar a origem do cão entre as Amazonas. (1)

— Isto é uma *sauca sauca hauaricuna*, dizia-me ela a sorrir, acocorada num canto do copiar e com a cabeça apoiada sôbre o pescoço do cão. E como eu insistisse, procurando tirá-la do acanhamento, ela prosseguiu, ainda muito envergonhada: — Sim, é uma história dos tempos passados, quando as nossas avós desceram das montanhas altas e Oelo era a nossa rainha. Um dia, quando tôdas as virgens tinham partido para a caça e a pesca e Oelo estava só na maloca, apareceu um guerreiro desconhecido. O guerreiro era tão formoso que Oelo não soube resistir aos seus encantos e, na manhã seguinte, já não podia mais usar estes cordões. E Malila assinalou os ligeiros fios de algodão que lhe cingiam a cinta e o bucho dos braços, — um distintivo da virgindade, conforme soube depois. Mas ela continuava: — Quando o guerreiro partiu disse a Oelo: "Vais ser mãe de uns entes estranhos, que farão o espanto de tôda a tribo, mas não os mates". De fato, poucos meses depois, cheia de vergonha e com horror das companheiras, Oelo dava à luz um casal de cães. Era tão

(1) Entre os Mundurucús existe uma lenda muito semelhante. V. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, Tomo 40, Parte II.

feio o seu crime, que toda a tribo se reuniu e Oelo, a-pesar-de rainha, foi condenada à morte. Mas ela fugiu para o mato antes que se executasse a sentença e, com muitos cuidados, lembrando-se sempre do que lhe dissera o guerreiro, criou os filhos ao seio. No fim de pouco tempo, estes, já crescidos, começaram a ser os seus melhores companheiros, auxiliando-a na caça e protegendo-a contra as feras. E tantas maravilhas fizeram, e tão grande foi o conforto que lhe deram, que Oelo, mesmo com risco da vida, resolveu voltar à maloca, para que a sua gente visse de que prodígios eram capazes os seus filhos e como toda a tribo lucraria se os quisesse receber, e adotar. E foi assim que Oelo voltou, para ser festejada e aplaudida, enquanto os seus filhos faziam mesmo a felicidade de toda a tribo.

— O que é que o senhor está ouvindo com tanta atenção?

Voltei-me e vi a francesa, que chegara sem ser pressentida. Saudei-a e disse-lhe que história Malila me estava contando.

— Ah, sim... Isso é uma lenda muito interessante. Também é preciso ver as regalias de que gozam os cães por aqui. Ainda hoje, não é raro encontrar mulheres que criam cachorrinhos ao peito. E, depois, afagando a cabeça do mastim: — E' preciso dizer que estes cães são admiráveis. Só vendo a inteligência e a coragem com que armam verdadeiras emboscadas às onças.

Mas, mudando de assunto, a francesa disse que me vinha buscar para dar uma volta e irmos ver o trabalho das velhas. O marido, com ocupações inadiáveis, mandara-a no seu lugar, até que pudesse vir ao nosso encontro. O Pacatuba pensou em acompanhar-nos, mas o seu pé, ainda muito dolorido, não lhe permitiu mais do que alguns passos e êle teve de arrepiar carreira, voltando muito desconsolado para a rêde.

Estava uma manhã esplendida, de sol muito claro e céu azul, sem nuvens. No ar luminoso, cortado de vôos e regorgeios, pairava o imenso perfume da mata próxima, a luxuriar na gala dos seus verdes mais vivos. Uma brisa ligeira fazia estremecer a fronde dos cajueiros vigorosos, onde concertavam de súcia, numa traquinada azoinante, os grandes bandos de araçaris, anambés e pipiras que, de momento a momento, acudiam aos seus ramos. Ouvia-se também o rechino de algumas cigarras; e, pelos sibilos e assobios, macacos deviam folgar nas fruteiras altas.

A francesa, talvez porque se achasse sòzinha, mostrava-se mais comunicativa e foi logo entabolando conversa e dizendo-me do imenso prazer que sentia em trocar idéias e partilhar sensações com alguém que a pudesse compreender. Havia perto de oito anos que vivia naquela situação, inteiramente isolada do mundo, e só tendo o marido por confidente.

— Mas já há tanto tempo que estão aqui? perguntei admirado.

— Como não? Quase oito anos... E' verdade que eu nunca me fiz idéia de um degrêdo tão grande. Quando decidimos a viagem, meu marido dizia-me sempre que era por alguns meses, no máximo um ano. Sem isso, talvez, eu não tivesse vindo. Mas, depois, os seus estudos se foram prolongando... E, logo, revoltada: — Ah, mas isto vai acabar... *C'est assez!* Sinto-me totalmente embrutecida e já estou mais que farta desta vida no mato. Imagine o senhor que, há mais de quatro anos, não tenho a menor notícia de minha família, que está tôda na França.

— E, então, agora com a guerra...

— A guerra?

Pelo seu espanto, percebí o êrro em que havia caído. mas já era tarde para retroceder.

— A guerra?

— Sim... Pois ignora? A Alemanha declarou guerra à França e tôda a Europa está conflagrada.

Não sei se não teria havido um pouco de maldade da minha parte, na pressa com que pus têrmo à sua aflição. A alma humana tem refolhos perfidos e sombrios. Sobrepondo-se a todas as conveniências, vinha-me talvez do subconsciente aquela resposta, que era como uma represália à situação de mal estar e angustiosa curiosidade em que me deixara a atitude reservada do alemão. Inteirando a francesa a respeito do que se passava na Europa, não era impossível que eu conseguisse estabelecer um conflito entre marido e mulher, de que me poderiam resultar maiores ou menores proventos, a começar pelo conhecimento exato dos verdadeiros motivos que os teriam levado até ali. Estas reflexões, entretanto, só me acudiram muito mais tarde, quando, ao rememorar friamente os fatos, compreendi o alcance dêsse íntimo incidente na seriação de todos os episódios que ocorreram depois.

Mas a francesa insistia, tomada de angústia e a fixar-me com olhos súplices:

— Então a França está novamente sob os horrores da guerra?

— Sim, com as suas desvairadas ambições de mando e predomínio, a Alemanha provocou a mais horrível das guerras. Felizmente, a vitória com que ela contava está longe de realizar-se, e é muito provável até que a lição lhe custe muito caro. Pode-se mesmo dizer que todo o mundo está voltado contra ela.

E contei-lhe a invasão da Bélgica e a brusca arremetida contra Paris, os sangrentos combates do Marne e a ocupação de várias cidades do norte da França.

— *O ces Allemands! ces Allemands!* exclamava a cada passo a francesa, que exigia de mim um verdadeiro requisi-

tório e, pensando provàvelmente nos seus, queria saber com minúcia das regiões já ocupadas pelos invasores.

Distraídos pela conversa, tínhamos chegado às várias tendas, todas revestidas de palmas de ubim, e onde ia a dobadoura do trabalho das velhas. Sob esta denominação global, estavam compreendidas todas as mulheres já afastadas da procriação, embora entre elas ainda houvesse algumas indígenas viçosas e robustas.

Reunidas em grupos maiores ou menores, de acôrdo com as necessidades do serviço, as operárias entregavam-se sempre a um mesmo gênero de ocupações e trabalhavam nesta ou naquela seção, obedecendo às suas aptidões naturais.

Visitámos, de início, a ramada das ceramistas e onde era admirável o aproveitamento do trabalho. Da argila mole ao cântaro gracioso ou à igaçaba perfeita, o barro passava por muitas mãos e, amassado aquí, modelado alí, cozido mais adiante, só era dado por pronto depois que a jutaicica lhe realçasse os desenhos e ornamentos, já mordidos com finura pelas tintas da tabatininga, tauá, carajuru e cumatê.

Grande também era a azáfama no alpendre reservado à confecção de alimentos, onde as mulheres se agitavam às voltas com raladores, urupemas, pilões, fornos e tipitis. Umas manipulavam a mandioca, fazendo as farinhas dágua e de carimã, e também beijus, tapioca, arube e tucupi. Outras preparavam conservas de peixe, mixiras e piracuí, reservadas especialmente para a época das águas, quando escasseiam a caça e a pesca. Mais adiante, algumas velhas secavam favas de baunilha e guardavam-nas no óleo da castanha do cajú, que lhes reteria o perfume. Havia ainda a dependência destinada à extração e envasamento dos vários óleos vegetais, de bacaba, ucuúba, andiroba e outros.

De olhar atento, acompanhando aquilo tudo, eu quase não falava. E' verdade que a francesa, depois da nossa

conversa sôbre a guerra, se tornara triste e pensativa, mal respondendo também às perguntas que eu lhe fazia.

Num dado momento, entretanto, como ela, um pouco afastada e querendo chamar-me, se mostrasse embaraçada, disse-lhe o meu nome, e aproveitei para conhecer o seu.

— A menos que eu não lhe chame também *Mananchic* (1), propus gracejando.

Ela sorriu: — Oh, não... Eu já sou mãe de todas as Amazonas. Chame-me mesmo pelo meu nome: Rosina.

— Mas... Rosina *tout court?* E seu marido não se aborrecerá?

— Não... absolutamente. E sacudindo os ombros: — Êle se importa tanto comigo!

Fingí que não ouvira o seu desabafo íntimo e comecei a interessar-me pelo manejo do tipiti, uma traquitana rudimentar mas engenhosa, na qual se expremia a massa da mandioca. Nessa ocasião, sem que o esperássemos, a nossa palestra se animou com a presença do sr. Hartmann. Pedindo desculpas por me não ter ido buscar e interessando-se também pela saúde do Pacatuba, disse-me que um serviço premente e ainda não terminado o obrigava a demorar-se muito pouco conosco. Viera apenas para que não reparasse de todo na sua ausência e também para me mostrar ràpidamente o que ali havia de mais interessante e era a seção destinada ao fabrico de tóxicos.

Na sua companhia, dirigimo-nos, então, até êsse outro alpendre, situado, propositadamente, bem mais longe daqueles que já visitáramos.

— Isto é um posto muito arriscado, — dizia-me o alemão, quando nele penetrámos, e não são raras as mulheres que morrem em plena labuta, envenenadas pelos próprios tóxicos que estão preparando. Um pequeno descuido,

(1) *Mananchic*, palavra quichua, significa *nossa mãe, rainha.*

como a absorção de certos vapores ou o contacto mais longo de determinadas substâncias com qualquer ferida, e a imprudência lhes custará a vida. E' por isso que esta tarefa é sempre confiada às velhas, que se sacrificam em bem da tribo.

— E o fabrico do curare? O senhor que está aquí há tanto tempo...

— Ah, meu amigo, isso é um dos problemas que mais me têm preocupado, mas que ainda não conseguí resolver.

E o Sr. Hartmann enumerou-me tudo o que fizera para ver se descobria a verdadeira composição do famoso tóxico que, graças aos estudos de fisiologia, é hoje conhecido de todo o mundo, embora só os aborígenes da América do Sul saibam a maneira de obtê-lo. Debalde êle já procurara assistir ao seu preparo. Os índios, porém, usavam de tantos artifícios e por tal modo complicavam as suas operações, a exigir um sem número de plantas e outros ingredientes, que jamais lhe fôra possível acompanhar uma manipulação até o fim e em todos os seus detalhes.

— Mas, aquí, há coisas muito mais interessantes, prosseguiu o alemão. Pelo menos, a ação do curare já está perfeitamente estudada, enquanto que a do *aiquec*... Imagine o senhor que êste tóxico produz uma sensibilidade psíquica tôda especial, com fenômenos de telepatia e televisão extraordinàriamente curiosos. Sonha-se acordado e os seus dons divinatórios permitem, às vêzes, uma previdência exata do que está para acontecer. De outras, talvez por uma exaltação do subsconsciente, obtém-se uma vista retrospectiva e extremamente nítida sôbre episódios de que não fomos ou mesmo não poderíamos ter sido contemporâneos, dada a época em que ocorreram. E' devido a essas suas qualidades que os índios o denominaram *aiquec*, — "fugitivo" — porque êle transporta mesmo o espírito a outras paragens. As Amazonas costumam usá-lo para adi-

vinhar os perigos que, acaso, as ameacem e também para conhecer os bons lugares de caça e pesca. Não pense o senhor que há exagero nas minhas palavras. Tudo isso eu lhe garanto por experiência própria, pois já estive várias vêzes sob a influência do *aiquec*. Não é?

E êle pediu o apôio da mulher, que assentiu prontamente:

— Ah, é verdadeiramente admirável. Acredite o senhor, que, graças aos seus efeitos, eu já me reportei aos meus cinco anos e vi-me em Rouen, cercado dos meus, assistindo ao desenrolar de alguns episódios que, tenho a certeza, todos se deram, mas de que absolutamente não me lembrava mais. Isso me fez tanto mal, e me fez ficar tão impressionada, que nunca mais quis tentar uma nova prova.

— O senhor pode experimentá-lo, contraveio o alemão. São uns pequenos confeitos, que se desmancham na bôca. Com dois ou três tem-se o efeito desejado.

— Mas, então, é possível que eu já os conheça.

E aludi aos confeitos que Iurau nos havia fornecido durante a viagem e dos quais o Pacatuba gostara tanto.

— Não... O senhor refere-se certamente ao ipadu, que é muito diferente e tem ação muito mais branda, sem jamais produzir as alucinações do *aiquec*. Olhe, justamente estamos aquí bem ao lado das índias que fabricam o ipadu, — e êle voltou-se para a nossa direita. Vi, então, uma velha que socava qualquer coisa num grande tronco de árvore, usado à maneira de almofariz. Eram as fôlhas da coca ou ipadu que, já torradas, iam sendo pacientemente reduzidas a pó muito fino com o qual depois, e pela adição de ligeira quantidade de tapioca e cinza de imbaúba, seriam conseguidos os confeitos que pude observar, já prontos, mais adiante.

Dando-me alguns, para que eu os levasse ao Pacatuba, o alemão salientava-me as vantagens do ipadu, como verdadeiro alimento de poupança, de que usavam e abusavam os Incas, conhecedores das suas propriedades. E, voltando ao assunto que lhe era predileto:

— Ainda aquí as Amazonas reafirmam a sua origem, pois que também não podem passar sem êles. Eu acredito mesmo que a elas se deva o conhecimento e a divulgação da coca entre os indígenas da Amazônia,desde que o seu uso está confinado apenas a esta região, e exclusivamente às tribos que mais lhe convizinham os domínios.

Vimos também o preparo do rapé de *niopo*, obtido pela pulverização das fôlhas de certo ingá, e do qual as Amazonas velhas faziam grande consumo. Para isso, tôdas elas não se separavam de uns inhaladores especiais e fàcilmente adaptáveis às fossas nasais. Êsses aparêlhos tinham a forma de pequenas forquilhas e eram feitos com fragmentos do osso da canela de algumas aves pernaltas. A maceração do *caapi*, outra planta de efeitos ebriáticos e alucinatórios, ocupava também muitas velhas.

Mas veneno mais interessante, e ao qual o sr. Hartmann se referiu com grande entusiasmo, era certo narcótico com que se ervavam flechas de caça. De ação muito pronta, mas transitória, o animal, uma vez ferido ligeiramente, tomava-se de tal estado de estupor ou sonolência, que se deixava aprisionar com toda a facilidade. Os índios lançavam mão dêsse alvitre quando queriam conservar vivas as suas prêsas. Por meio de semelhantes flechas êles conseguiam também a domesticação das onças, cujos assomos de ira e ferocidade eram fàcilmente dominados pelo efeito dêsse tóxico.

Já de regresso, e quando o alemão nos deixara para voltar às suas ocupações, notei que Rosina continuava triste e apreensiva.

— Pelo que vejo, fiz mal em lhe falar na guerra...

— Por quê? inquiriu ela com ar espantado e como que voltando de um mundo de pensamentos muito diversos. As más notícias chegam sempre e, mais cedo ou mais tarde, eu havia de acabar sabendo.

— Sim... Mas até agora ignorava tudo e era melhor que continuasse assim. Aqui, sem a possibilidade de notícias, a senhora só pode fazer conjecturas e ter motivo para sérias preocupações e aborrecimentos.

— E acredita, então, que era preciso isso para que eu os tivesse?

Antes que lhe respondesse, vi que tinha o rosto transmudado e os seus olhos se marejavam de lágrimas. Quis tomar-lhe as mãos, num gesto meigo.

— Oh, deixe-me! Sinto-me tão nervosa... esta solidão... a falta de notícias dos meus...

E ela foi sentar-se, cabisbaixa e soluçante, num tronco de árvore, à beira do caminho.

O sol andava a pino e a atmosfera rutilava. No céu alto e até bem pouco qual uma concha de esmalte azul, começavam a surgir, daqui e dali, grossos farrapos de nuvens, que prenunciavam a infalível trovoada quotidiana. Enroscando-se nas árvores portentosas e elando-se de tronco a tronco e galho a galho, ipoméias de flores brancas e róseas formavam colunas e festonadas de verdura, que nos cercavam de todos os lados. Insetos bezoavam no ar dormente e repassado de perfumes acres; e um ou outro quatipuru, de movimentos ágeis e grande rabo frocado, doidejava em correrias soltas pelas grimpas mais altas. Contudo, a natureza se quebrantava, ao bochorno do meio-dia, e os pássaros eram cada vez mais raros.

Contrafeito, mas tentando uma palavra de carinho, cheguei-me até Rosina:

— Não imagina como me aflige vê-la assim tão triste. Se tivesse podido adivinhar...

— Desculpe-me... Mas seria pior se não tivesse chorado. E, já sorrindo, levantou para mim os seus grandes olhos escuros, que ainda me pareceram mais luminosos e transparentes. Não foi só a notícia da guerra. Eu já estou nervosa há muito tempo. Não é brincadeira passar oito anos neste isolamento. Depois... o meu marido é tão diferente de mim! Não sei se o senhor reparou que eu não lhe disse nada a respeito da situação européia. E' que êle é alemão até a raiz dos cabelos, e isso vai ser sem dúvida motivo para novas discussões e aborrecimentos. Mas, como que arrependida e voltando ao primeiro ponto:

— Não há dúvida que eu gosto da natureza, mas tudo tem um limite. Oito anos de mato dão para embrutecer completamente uma criatura. E eu, então, que tinha um gênio alegre e expansivo? Parecerá absurdo, mas chego a me revoltar contra esta natureza sempre verde e com uma primavera que nunca se acaba, e tenho saudades dos nossos dias de outono e inverno. Pelo menos, quando a gente está triste, são dias que dizem melhor com os nossos sentimentos.

E a passo lento, por uma picada aberta em plena mata, fui-lhe ouvindo queixas íntimas, mas imprecisas, contra uma situação que me era cada vez mais incompreensível.

Então, êles já estavam alí havia oito anos! E que ordem de estudos prenderia o alemão por tanto tempo naquele ermo? Como o marido, porém, Rosina tinha grandes reservas para comigo, sempre que eu tentava abordar êste ponto.

À porta da nossa casinhola, a francesa despediu-se já mais alegre e depois de ter feito alguns cumprimentos ao Pacatuba, que estava no copiar.

— Onde é que o senhor se meteu, que demorou tanto — perguntou o Pacatuba, quando ficámos sós.

— Estivemos a correr os alpendres onde trabalham as velhas, preparando conservas e venenos.

— Venenos?

— Sim. Os venenos que as Amazonas usam nas flechas. E, olhe: trouxe isto para você.

Êle sentou-se rápido na rede e fez uma cara de contentamento quando viu os confeitos de ipadu na palma da minha mão. E, depois, satisfeito e com ar velhaco:

— Olhe, *seu* doutor, o veneno mais perigoso que tem aqui são os olhos dessa francesa. E porque eu desse de ombros: — Uê! Pois o senhor não vê os rebiques e iludimentos que ela consegue mesmo vestida de estopa? Imagine agora se ela estivesse na cidade. Chi! *Seu* doutor tenha mão, que isso é mulher até debaixo dágua.

CAPÍTULO VII

O INCA

Ao longe, destacando-se na luz dourada do sol poente, dançavam as Amazonas. Dispostas em pequenas rondas, de quatro e cinco raparigas, os seus corpos ondulavam ágeis, flexuosos, acompanhando o ritmo dos instrumentos bárbaros. Por certo, não seria mais harmonioso um grupo de figurinhas de Tânagra que se houvesse de súbito animado para frenesiar ao som de torés e maracás.

Do meu esconderijo, a cavaleiro da campina muito verde onde abrolhavam lírios amarelos, — talvez os *amancáis* (1) da planura andina — eu não me cansava de contemplá-las, no maravilhamento do soberbo espetáculo, fecho magnífico a quanto já me fôra dado ver e admirar, desde que chegara ao Reinò das Pedras Verdes.

E mais eu pensava, e mais me parecia impossível que tudo aquilo fôsse mesmo uma simples tribo de selgavens, arrincoada em plena mata, vivendo dos seus instintos, e inteiramente entregue à lei da natureza.

De repente, vinda não sei de onde, surgiu ao meu lado uma figura estranha e intimidante. Era um tipo altaneiro e ainda moço, de porte airoso e olhar dominador e grave. No rosto, bronzeado e longo, o nariz aquilino e a curva incisiva do mento energizavam-lhe o perfil. Aparatosamente vestido, sôbre a túnica de lã branca, com recamos

(1) Nome por que são conhecidas, em quíchua, as flores da *Habranthus Chilensis*, da família das Amarilidáceas.

de ouro e prata e ponteada a pedras preciosas, trazia um rico manto de penas frouxeladas e multicores. O peito, chispando joias, ostentava uma gorgeira de monstruosas e lúcidas esmeraldas, como esmeraldas lhe manilhavam os pulsos e cravejavam o couro das sandálias altas. Um turbante de borlas rubras e larga trançadeira de pérolas e outras gêmas encristava-lhe a fronte com duas longas penas listradas de preto e branco.

— De que te espantas? disse êle, descansando-me sôbre o ombro a sua mão direita, pesada de anéis, e olhando também para as Amazonas, que continuavam a dançar. Isto é apenas um resto de tudo o que tivemos, e mal chega para dar uma pálida idéia do que foram algumas civilizações americanas. Mas, acaso, pensavas que até o instante da conquista o nosso indígena se conservasse um parente próximo dos prótomos de Ameghino, de maxila vasta e crânio estreito, trôpego nas pernas e ainda mal adaptado à sua nova posição de bípede, dormindo sob a larga carapaça de um tatu gigantesco — o gliptodonte, rasgando os alimentos com as presas possantes, e tendo por toda arma o tôsco machado de pedra? Não, meu amigo, não foi isso o que encontraram os descobridores, mas povos perfeitamente constituídos e organizados, e que, talvez, nada ficassem a dever às civilizações do Oriente.

E porque os meus lábios se contraíssem num sorriso quase imperceptível:

— Duvidas, acreditando, talvez, que exagero. Pois vem daí...

Tive a sensação que fazia um extenso vôo por espaços ilimitados e regiões completamente desconhecidas. Por fim, foi a miragem.

À minha frente, e vista do alto para que melhor a pudesse contemplar, estendia-se uma cidade magnífica. Erigida entre canais e cintada por uma muralha natural

de pórfiro, as suas casas de estuque branco e brilhante ou de barro poroso, e os seus templos e palácios de pedra e com altos torreões, miravam-se no espelho das águas, bordando de lado a lado as longas e largas estradas que cruzavam os lagos e iam ter ao continente. Florestas de pinheiros, bosquetes de carvalhos, plainos cultivados formavam um engaste verde a esta joia, que rompia do seio das águas qual uma outra Veneza.

— Conheces? E' Tenochtitlan, a famosa metrópole dos povos conjurados do Anauac, a capital do grande império dos Astecas, o México de hoje. Mas é preciso vê-la mais de perto...

Não sei como, pouco depois, começávamos a percorrer ruas e praças onde ia intensa a vida e uma população ordeira e sadia se agitava entregue às ocupações cotidianas. A garridice com que se entrajavam homens e mulheres, cobertos de estofos vistosos e ricamente adereçados, fazia que o espetáculo ainda se tornasse mais pitoresco e atraente.

— Eis o Tlatelolco, o grande mercado — explicava o meu guia, quando chegamos a uma imensa área, toda volteada por majestosos pórticos. Nele vendia-se de tudo e alguns milhares de pessoas, vindas de todos os pontos do império, aquí se reuniam de cinco em cinco dias, por ocasião das grandes feiras. Eram ourives de Azcapozalco, ceramistas de Chollula, pintores de Tezcusco, caçadores, tecelões, floristas, pescadores, especieiros, ensambladores, que acudiam para mercadejar os seus produtos e desafiavam o gôsto do público por meio de pregões gritados em altas vozes. Pela profusão, variedade e acabamento das mercadorias expostas, podia-se ajuizar do progresso dêste povo, que vivia em plena prosperidade e sob o regime de instituições politicas e sociais perfeitamente organizadas, usava de uma escrita figurada, muito semelhante à dos

antigos egípcios, e possuia curiosas noções de cronologia, aritmética e astronomia. Para êles, as artes mecânicas não tinham segredos e eram de ver os seus inimitáveis trabalhos de tecelagem, com legatinas e brocados ricamente coloridos pela cochonilha e outras tintas, os célebres mosáicos de pluma, vasos de laca polida e pequenos objetos lavorados em ouro e prata, como certos pássaros e peixes em que os dois metais se alternavam na confecção paciente de penas e escamas minúsculas. Também bastava uma única visita ao mercado para que o Asteca se pudesse prover de quanto lhe faltasse às necessidades e caprichos da existência. Desde a armadura de guerra até o mais ínfimo pertence de vestuário, desde os materiais de construção, como madeira, cal e tijolos, até o mais insignificante adôrno para os seus aposentos, aquí êle encontrava de tudo: escravos à escolha, animais e aves raras para as suas coleções, utensílios de cobre, objetos de cristal, couros, papel de agave, plantas medicinais e tôda a sorte de alimentos, a começar pela carne e indo até o vinho, os doces e as frutas. A sua agricultura estava igualmente muito adiantada. E' verdade que o clima e o solo muito o auxiliavam neste particular. Isto era mesmo uma região privilegiada. Das franjas do Atlantico ao planalto em que nos achamos, conseguiam-se as mais variadas culturas, e se a terra quente produzia a banana, o cacau, o milho, o índigo e a baunilha, nos cimos viçava abundantemente o precioso *maguei*, de que se aproveitava tudo. E então se quiséssemos falar nas suas inesgotáveis riquezas minerais: os rios rolando ouro, Tasco dando a prata, o chumbo e o estanho, Zacotallan o cobre...

Mais adiante, vimos um dos muitos palácios de Montezuma, todo de jaspe e mármores tersos, e tendo um parque imenso, cheio de aviários e pesqueiros artificiais. E vieram depois outras praças e mais outros palácios, e ainda os vários templos e edifícios públicos, os *teocallis* piramidais e

onde ardia um fogo perene, os santuários de torres muito brancas e as inúmeras e ricas residências dos nobres, com pórticos decorados e terraços todos floridos.

Nada, porém, fêz mais o meu encanto do que as maravilhosas *chinampas*, parques flutuantes e jardins nômades que, vogando ao sabor da corrente ou propelidos pela mão do homem, florejavam a cidade neste ou naquele ponto. E como os meus olhos não se cansassem de admirar, atentos ao deslumbramento daquilo tudo, o meu cicerone ia-me dizendo:

— Como vês, não podia ser uma horda de bárbaros quem construiu uma cidade assim, "a mais formosa coisa do mundo", para servir-me das próprias expressões de Cortés. E como esta, mesmo por aqui, eu te poderia mostrar muitas outras, quase tão belas: Champoalla, Iztapalapan, Tezcusco, Chollula, Tlascalan... Pois foi tudo isso o que os espanhóis destruiram, sulcando a sua passagem com o roubo, o assassinato e o incêndio, dilapidando os templos, saqueando os palácios, ateando fogo a quarteirões inteiros, dando morte infamante a Montezuma e Guatemozim, os seus imperadores, queimando vivos aos príncipes de estirpe real, matando à fome e à sêde mulheres e crianças... Mas vamos adiante. A êsses povos do Anauac ainda se lhes poderia fazer a acusação de certos ritos misteriosos e sangrentos, a exigirem os sacrifícios humanos, resquício de uma barbaria de que, aliás, não se livraram nem mesmo os gregos. Eu vou mostrar-te agora o mais belo e florescente império que já existiu sôbre estas plagas, terra de inumeráveis riquezas e que vivia em pleno fastígio, com as suas montanhas e campos altos cobertos de rebanhos, com os seus vales cheios de produtos de uma agricultura avisada, com despensas e armazens atestados de mercadorias; povo de qualidades raras, lhano e ativo, dócil e inteli-

gente, já senhor de muitas artes, capaz de grandes feitos, e que adorando o sol e os outros astros, sob o influxo da mais suave das religiões, nunca conspurcou a parede dos seus templos com a imolação de vítimas humanas. Ah, êsse povo era bem o meu orgulho! Foi para ver se o poupava à sanha e concupiscência do "homem branco" que me entreguei a Francisco Pizarro, sujeitando-me aos maiores vexames que já afligiram um monarca.

Vi, então, que tinha diante de mim a Ataualpa, o último imperador dos Incas. E como eu me mostrasse surpreso, reverenciando-o cerimoniosamente, êle condescendeu:

— Pensei que já me houvesses reconhecido. Trago o *lautu* ou insígnia real, — e apontou o turbante de franjas rubras que lhe desciam sôbre os olhos e era encimado pelas longas penas do *coraquenque*. Foi assim que cheguei a Caxamalca e saltei da minha liteira, atauxiada de ouro e prata, diante dos primeiros espanhóis. Mas vamos... Eu quero mostrar-te Cusco, a cidade santa e capital do meu govêrno.

Voltei a sentir uma nova impressão de vôo e, desta vêz, numa região caliginosa e tôrva, até que os meus olhos de novo se abrissem em pleno êxtase, na luz e na alegria da mais encantadora perspectiva.

Percintada pelos contrafortes da Cordilheira, que avultava ao longe com os seus picos perdidos na neve eterna, a cidade de Cusco enquadrava-se na paisagem tranqüila de um extenso vale, entrecortado de águas cantantes e a refletirem o azul do céu. Sobranceiro ao casario e faiscante na pompa dos seus ouros, o que logo atraiu o meu olhar foi o grandioso Templo do Sol, tesouro sem rival no Novo Continente e, talvez, o mais soberbo monumento do mundo inteiro. Todas as riquezas do poderoso império se acumulavam naqueles seis imensos edifícios, onde os Filhos do

Sol adoravam o seu Deus com a mais suntuosa liturgia, entre tabernáculos e nichos cravejados de esmeraldas e diante de grandes estátuas de ouro e prata. À volta dêsses templos, cujas paredes eram de jaspe ou pórfiro e cravejadas também com metais preciosos, havia jardins e bosques artificiais onde tudo era de ouro e prata, desde os tanques e repuxos até os animais e plantas, que os ornamentavam.

— Isto foi a causa de todas as nossas desgraças, — dizia-me Atualpa com acrimônia, enquanto eu me enlevava na contemplação de tanta magnificência. Sem o ouro do vale de Curimaio, a prata das minas de Porco e as esmeraldas de Atacama, talvez que os espanhóis não tivessem chegado até cá. Mas estes produtos minerais não tinham para nós o valor que êles lhes emprestavam e eram apenas um simples motivo de decoração. Aquí só há a admirar o engenho dos artistas. Vem... Eu quero que vejas o que era uma nação organizada e que vivia em plena abastança quando foi destruído o seu poderio.

E a visitar os vários pontos da cidade, aquí parando para examinar os grandes aquedutos, imensas pontes, canais, cisternas e as outras obras de engenharia com que o Inca conseguiu assenhorar-se daquela natureza selvática e quase indomável; ali, caminhando por estradas largas e bem calçadas, só comparáveis às grandes vias romanas, e que, partindo da metrópole, iam ter por centenas de quilômetros às mais extremas lindes do dilatado império; acolá, descansando nos *tambos* que, de espaço a espaço, bordavam essas mesmas estradas e onde estacionavam os *chasquis* ou corredores que, por meio dos *quipus*, garantiam o govêrno com um original e expedito serviço de correio; mais adiante, remorando-me na admiração dos palácios reais e das residências principescas, e também das escolas onde a mocidade era confiada à sabedoria dos *Amautas;* depois vendo fortalezas, casernas e grandes armazéns que abasteciam tôda a

população e onde se encontrava de tudo: desde os alimentos, a cerâmica, e os mais finos tecidos de lã e algodão, até as armas de guerra e os utensílios de lavoura, feitos numa liga de estanho e cobre, talvez superior ao aço; mais além, percorrendo os campos lavrados e inteligentemente irrigados, os enormes rebanhos de lamas, vicunhas e alpacas, e as extensas culturas de milho, coca, batata, mandioca e legumes, — por todos os lados eu me certificava do que fôra êsse extraordinário império comunista que, ainda hoje, e por vários aspectos, poderia servir de paradigma às mais justas aspirações da humanidade.

Alí não se conhecia a propriedade particular e não havia razão para a existência de qualquer sistema monetário. Todo Inca, ao atingir a maioridade, tinha o dever de constituir família e para isso recebia do govêrno casa e um pedaço de terra, que era obrigado a cultivar. Se a sua prole aumentava, outros tratos de terreno iam sendo adjudicados ao seu lote inicial. Antes de trabalhar em proveito próprio, cumpria-lhe, entretanto, consagrar parte do seu esfôrço às terras pertencentes ao Estado e que garantiam a dignidade real e as exigências do culto. A população válida competia também prestar assistência aos velhos, doentes, viúvas e orfãos, por maneira que todos vivessem em igualdade de condições e não houvesse um só miserável em todo o vasto território. À medida das necessidades individuais e sob a fiscalização oficial, toda a população se sortia nos grandes depósitos existentes em cada cidade e a que era recolhida a produção dos lavradores, operários e artífices, trabalhando por conta do govêrno. Destarte e sob o regime de tão sábio comunismo, a nação vivia coesa e próspera, na comunhão geral dos seus bens e das suas crenças e sem jamais ter conhecido os ódios e as paixões que se nutrem das desigualdades sociais e das oscilações da fortuna.

Quando chegámos diante de um grande edifício, todo de pedra, Ataualpa indicou-o como sendo um dos monastérios das vestais dedicadas ao culto e que todos os anos, por ocasião das festas do equinóxio de Setembro, preparavam o pão sagrado que era distribuído pelo povo.

— Foi daquí, disse-me êle, que partiram as avós das tuas Amazonas, quando chegou a Cusco a notícia do meu aprisionamento e das primeiras violências praticadas pelos espanhóis. Mas eu não quero recordar estas coisas sem que te mostre primeiro outros pontos do meu império. Só assim poderás avaliar a ação dessa horda de vândalos que, num dia aziago e sempre farejando o ouro, alcançou estas planuras, onde reinava a paz e a bem-aventurança. Ah! não foi à-toa que tivemos vários augúrios aterrorizantes e prenunciadores de catástrofes, como tremores de terra, aneis de fogo circulando a lua e até uma águia que, perseguida e espicaçada por vários falcões, pairou por alguns instantes sôbre a cidade, enchendo o ar de seus gritos, e veio cair aos pés de alguns Incas da estirpe real.

E o famoso reino de Quito, berço de Ataualpa e motivo das suas lutas e rivalidades com Huascar; Iucaí, a residência dos reis, que nela possuiam palácios e jardins magníficos;Tumbez e Pachacamac, com os seus Templos do Sol, quase tão ricos como os de Cuséo; e outras muitas cidades, cada qual mais bela e suntuosa, acoguladas de ouro e prata e na refulgência dos seus adereços, passaram então aos meus olhos, até que me quedei de novo na campina verdejante e estrelada dos lírios amarelos, onde ao longe dançavam as Amazonas.

— São as nossas vestais, — observava o meu companheiro, seguindo-lhes a graça dos gestos e a cadência dos movimentos. Vê-las é ver as nossas virgens durante as festas do *Intip Raimi*, quando se abriam de par em par as portas do grande templo e o nosso Deus, em plena

glória no viso das montanhas fronteiras, batia de chapa sôbre o santuário e fazia transverberar a sua própria imagem, toda de ouro... E, agora, depois do que te mostrei, creio que já não te espantarás dos usos e costumes que vieste encontrar entre estas pobres raparigas, remanescente de todo um povo, sobejo de toda uma nação, desprezível resquício de civilizações que sossobraram ao guante implacável do conquistador feroz. Ah! a conquista! E o rosto de Ataualpa transmudou-se, de olhar incendido e bôca refegada, numa expressão de amargor. Isto era um continente abençoado e com o qual Deus se desmediu em prodigalidades, dando-lhe todos os climas, um solo rico e feraz, tesouros inesgotáveis, altíssimas montanhas, os maiores rios, lagos imensos. Não foi sem razão que Colombo, ao chegar ao Novo Mundo, supôs ter descoberto o Paraiso e julgou o Orinoco um dos quatro grandes rios que, segundo a tua religião, saíam do Eden para banhar a terra recentemente formada. Na verdade, tudo aquí era gracioso e a natureza parecia viver sob o olhar direto do Creador. Desfrutando-lhe os bens e em tudo digno de possuí-la e dominá-la, esta terra era habitada por um povo, rude ainda, mas doce e inteligente, e que já dera mostras da sua capacidade, centralizando-se e condensando-se nas planuras altas para constituir civilizações autóctones, como foram os Astecas ao Norte e nós, ao Sul. E' bem de ver que para alcançar o fastígio destas duas Dinastias, houve o trabalho preliminar de gerações e gerações que, através de muitos séculos e propelidas não se sabe de onde, mas numa permanente efervescência de vida e energia, fundaram impérios sôbre impérios, construiram cidades e mais cidades e encheram vastos domínios de construções monumentais e edificantes. Ainda hoje o México, o Iucatan, Honduras, Guatemala, Nicarágua, a Colômbia e o Perú têm o seu solo coberto de ruínas grandiosas e só comparáveis às dos antigos Egíp-

cios e Assírios. São templos, palácios, pirâmides, coliseus, obeliscos, colunas com hieroglifos e esculturas, estátuas, baixos-relevos, todos comprovantes de civilizações mais ou menos avançadas e que atestam a passagem dos Toltecos, Miztecos, Zapotecos, Chichemecos, Maias, Muiscas e Aimaras. — Mas veio a conquista... Um dia, dia que todos nós deveríamos recordar com lágrimas de sangue — uns grandes navios aportaram ao mar dos Caraibas, trazendo os primeiros homens brancos. Para os habitantes de Guanaâni e outras ilhas, todos aqueles tipos de tez muito clara, com longas barbas, e munidos de umas armas que vomitavam fogo e estrondeavam como o trovão, foram tomados por autênticos Filhos do Sol que houvessem descido para visitar a terra e, daí, o carinho e a afabilidade com que os trataram desde o início, facilitando-lhes o desembarque e auxiliando-os na medida dos seus recursos. Dessa cordura para com os récem-vindos, deram êles sobejas provas quando Colombo perdeu o "Santa Maria" e, graças à sua prestabilidade, pôde salvar tudo o que havia a bordo. Relevantes serviços prestaram êles também ao tempo em que os espanhóis construiram o seu primeiro forte em Haiti. Infelizmente, alguns dêsses mesmos indígenas traziam às orelhas pequenas chapinhas de ouro, que logo despertaram a atenção dos descobridores. Daí por diante, já não houve mais contê-los. Ávidos de lucros, famintos de proventos materiais, num permanente delírio de riquezas que lhes desaçaimava os instintos mais torpes, tôda essa gente, bando de aventureiros rapaces e insaciáveis, atirou-se despejadamente à procura do ouro. As lindas ilhas do mar das Antilhas sofreram o primeiro embate dessa horda assaltante, que não deixava pedra sôbre pedra, e cuja passagem se cruentava de tôda a sorte de horrores e violências. Hatueí, Higueí, Anacoana e outros maiorais de algumas tribos foram as primeiras vítimas dêsse longo martírio, pagando

com suplícios infamantes o grande crime de haverem protestado contra a tirania dos conquistadores e terem combatido pela defesa da sua liberdade. Mas a prêsa era inesgotável e, além do ouro já farejado nas costas de Pária, havia a certeza das pérolas de Cubagua. Urgia, portanto, povoar a colônia e intensificar a busca aos tesouros. E vieram, então, outros navios e chegaram novas levas. Desta vez, gente escolhida a dedo: malfeitores condenados a galés ou mesmo à morte e para os quais se abriram as prisões de Espanha numa comutação da pena máxima para o exílio em plagas americanas. Foi com êsse rebutalho de enxovias, facinarosa ralé escapa à grade dos presídios e liberta de baraço e ferropeias que se apandilhou a récua dos aventureiros licenciosos, para meter mãos à arca pródiga e "desbravar" pelo ferro e pelo fogo, a terra dadivosa e farta. Ovando em São Domingos, Diogo Velasques em Cuba, Ponce de Leon na Flórida, Balboa no Darien, Solis e Gaboto no Rio da Prata, o bando de Cortés no México, a corja de Pizarro no Perú, Valdivia no Chile, — é difícil dizer quem mais se excedeu em desregramentos e crueldades, nessa ânsia e ganância que os acometeu a todos e culminou no crime inominável da destruição do nosso grande Império, que lhes deu o cevo máximo de ouro e prata. Era a desolação e a dor por onde quer que passassem: cidades reverberando ao clarão dos incêndios, após o saque pela matula infrene; populações inteiras cruciadas pela sêde e pela fome; caciques e príncipes de sangue real aviltante e feramente torturados; homens livres trazidos à escravidão e forçados ao trabalho exaustivo das minas; mulheres violadas por uns monstros de lascívia; crianças tenras espostejadas para servir de pasto à matilha dos perros ferozes e industriados à caça dos índios... Para se ajuizar o que foi êste mundo de flagelos, é bastante assinalar que, no curto espaço de trinta a quarenta anos, foram aniquilados

para mais de doze milhões de indígenas. Só na Haiti, a população que era de um milhão, em cinco anos baixou a sessenta mil, e pouco depois caía a quinze mil... E dizer-se que tôda aquela gente tinha também as suas crenças, e adorava um Deus, e todas as manhãs cantava hinos religiosos, antes de recomeçar as tropelias e barbaridades! Na tua terra, o português não foi menos sanhudo na sua ânsia de destruição. Só neste imenso vale, para onde fugiram as nossas vestais, não se contam as tribos que foram totalmente exterminadas. E, assim, por todo o Brasil. Apenas, por lá, as tribos, mais primitivas, ainda não se haviam fixado ao solo e por isso, só por isso, a luta foi mais surda e os embates menos violentos, embora de conseqüências tão funestas. Mas, também, o que se podia esperar, se a Metrópole, acompanhando a Espanha, enviara para os seus novos domínios o escorralho da patuléia e o refugo das alfurjas? Eram, portanto, da mesma massa os conquistadores de um e outro reino, e, em torpitude e selvatiqueza, os João Amaro, Maciel Parente, Jerônimo Fragoso nada ficaram a dever aos Almagro, Alvarado e Pedrarias Dávila.

Mas Ataualpa sobresteve-se por alguns instantes e, de novo, chamou a minha atenção para as Amazonas:

— Repara como elas dançam bem agora, tôdas reunidas numa enorme ronda...

Voltei-me, e quando procurava as figurinhas de Tânagra, dei com Malila que sorria, sentada bem junto da minha rêde.

— Então, sonhou com muita coisa bonita? E porque a minha estupefação fôsse completa e eu ainda procurasse a sombra de Ataualpa, a índiazinha desculpou-se tìmidamente: — Foi *Mananchic*... Ela disse que eu misturasse um pouco de *aiquec* à sua cupana.

CAPÍTULO VIII

REVELAÇÃO

O ar no quarto era irrespirável.

Seguindo os conselhos da *Coia*, o Pacatuba, ainda doente, decidira entregar-se às práticas e sortilégios de uma índia velha, tida por tôda a tribo como um dos melhores pagés, e que lhe viera aplicar um suadouro medicamentoso. Para isso, acendera-se sob a sua rêde uma pequena fogueira, alimentada por gravetos de certo pau resinoso e mal cheirante, cuja fumaça sufocava e espavoria a todos.

Refugiado na varanda, incomodava-me sobremaneira ouvir o Pacatuba, que tossia sem cessar e espirrava a cada passo, enquanto a índia, postada junto à porta e também mais ou menos ao abrigo dos vapores irritantes, soava continuamente um maracá. Ela devia estar sob a ação do *caapi*, e com o corpo todo numa tremura e o olhar esgazeado, fazia trejeitos e esconjuros, pronunciando coisas ininteligíveis.

Debalde eu tentara impedir que o meu companheiro se entregasse aos cuidados da feiticeira, procurando convencê-lo que a marcha dessas torceduras do tornozelo é sempre lenta e só requer repouso e muita paciência.

— Mas isso era se fôsse mesmo um jeito e ninguém me tira que eu não esteja com reumatismo, por causa daqueles ingás ardosos. *Seu* doutor entende como é? Aquilo é uma fruta muito reimosa.

— E vamos que seja mesmo reumatismo... Você acredita então que uma índia boçal seja capaz de curá-lo sem mais aquela?

— Ah, isso é que eu não sei... O doutor me desculpe, mas eu tenho muita fé nos catimboseiros. Quem já viu como eu, a filha do seu *Coronel* Zacarias, lá do Sapé, nos meus mundos, ficar três meses na cama e ser vista por todos os doutores, que não atinavam com o que ela tinha, e depois chegar o Gaudêncio da Quenga e só com umas rezas botar a menina outra vez nos pés...

E apoiado nessas razões, o Pacatuba entregou-se cegamente às manigâncias da índia. Esta, não contente com o bárbaro suadouro, iniciara outras manobras e começava a sugar-lhe, com os próprios lábios, a região do tornozelo direito. Malila tomara a si a agitação do maracá, indispensável ao ritual exorcizante, pois a operadora tinha agora as duas mãos ocupadas em beliscar a perna do Pacatuba que, ou por dor ou por cócegas, dava repetidos gritinhos e não parava quieto um só instante. Por fim, depois de um chupão mais prolongado, a índia cuspinhou na palma de uma das mãos, de mistura com saliva e sarro de rapé, uma nojenta larva branca, ainda com vida, e mostrou-a à assistência, como tendo sido retirada do ponto afetado. O Pacatuba, pasmado e queixo-caído, arregalou uns olhos formidáveis, ante o inesperado daquele desfêcho, que vinculava o seu mal a causa tão esdrúxula. Estive para dar boas gargalhadas, mas contive-me no receio de irritar a velha, arrogante e gabola com o pleno êxito da intervenção.

Quando a mistificadora partiu, acolitada por Malila, voltei-me para o Pacatuba:

— Então, anda-se ou não se anda? Se era mesmo aquêle bichinho, você deve estar curado de uma vez.

— Sim, mas também não vai assim. Agora é preciso deixar fechar o lugar do berne.

— Ora, Pacatuba! E você acredita então que tivesse um berne aí?

— E por que não? Berne não escolhe lugar...

— E onde está o orifício! Então um berne sai assim sem deixar o menor vestígio?

— Ah, isso foi a habilidade dela...

E daí por diante, já não houve nada que o convencesse da manobra dolosa da velha.

Pouco depois, a *Coia* veio visitar-nos. Pela primeira vez, vi-a acompanhada da onça pintada, belo animal de pêlo setinoso e largamente ocelado de negro. Observando-lhe os movimentos langorosos e a leveza dos passos, mal se teria idéia de que ali estivesse o rei das nossas florestas, capaz de abater de um só golpe o touro mais possante. A *Coia*, por intermédio de Malila, contou-me a sua história, desde o momento em que a apanhara muito pequenina e ainda precisando ser alimentada ao seio de uma índia. De tôdas as onças que a tribo já possuira, era essa a primeira cuja domesticação tinha sido perfeita e duradora, sem que jamais houvesse evidenciado o mais leve resquício de ferocidade. Contudo, a sua presença causava-nos certo desassossêgo e o Pacatuba suspirou largamente, quando viu que a rainha das Amazonas se afastava, levando atrás de si o respeitável felídeo.

— Quem é que pode lutar com uma fera destas? O senhor reparou no tamanho das patas que ela tem? É por isso que quando a onça dá um esturro na mata, tôda a bicharada faz um fragoído doido como aquele que nós ouvimos uma noite, quando vínhamos subindo o rio.

Malila parecia curiosa do que dizíamos, e eu repeti-lhe as impressões do Pacatuba. Ela sorriu e respondeu:

— É... mas os outros bichos têm astúcia e sabem se defender. Conhece a história da onça com a raposa?

Disse que não e pedí que ma contasse, embora tivesse quase certeza de que a sua lenda iria coincidir com outra já minha conhecida e de curso corrente entre outros índios.

— A onça andava querendo pegar a raposa, — começou Malila, que se expressava com grande dificuldade e, às vêzes, parava para procurar palavras, talvez inexistentes no seu apoucado vocabulário francês, ou então fazia paráfrases que lhe traduzissem o pensamento. — A onça andava querendo pegar a raposa, mas esta era muito ladina e sempre se escapulia. Ela teve então a idéia de fingir-se de morta e, depois de mandar espalhar a notícia entre os outros bichos, espichou-se na cova a fio comprido. Os outros bichos respiraram de alívio quando souberam da morte do seu mais feroz inimigo, mas quiseram certificar-se com os próprios olhos se dali por diante poderiam viver mesmo descansados. Confiantes, êles já estavam bem próximos da onça, que continuava imóvel, estirada no chão, quando a raposa chegou apressada e perguntou-lhes: — "Ela já arrotou?" — "Não", responderam os outros bichos. — "Pois olhe que o defunto meu avô arrotou três vezês quando morreu", afirmou a raposa. A onça, ouvindo isto, deu logo três arrotos. A raposa riu-se e disse: — "Quem é que já viu alguém arrotar depois de morto?" E todos zarparam numa corrida.

Malila era agora mais expansiva e distraía-me muito com as suas conversas. Pelas perguntas que me fazia, podia-se ajuizar da singeleza da sua mentalidade, prêsa ao âmbito estreito das necessidades materiais e só sabendo prefigurar o que já lhe impressionara os sentidos. Assim, querendo conhecer a minha vida, ela inquiria se a terra em que eu vivia era muito bonita, se tinha muitos rios e se a caça e a pesca eram muito abundantes. Todavia, por uma ou outra das suas reflexões, era fácil verificar que lhe não faltava inteligência. Disso já me informara Rosina, dizendo-me da relativa facilidade com que aprendera o francês.

Êsse francês era o que mais escandalizava o Pacatuba. Êle não se podia conformar com a idéia de ver uma índia

falando língua estrangeira e julgava uma perversidade todo o trabalho que a francesa tivera para ensinar o seu idioma a Malila.

— Qual, *seu* doutor, bugre é bugre e só foi feito para se entender na língua dêles. Ninguém me tira que essa francesa é muito sabida, — repetia-me êle a cada passo.

Eu explicava-lhe, então, que ela só fizera aquilo para se distrair. Estando na tribo há tanto tempo, nada mais natural do que procurar qualquer ocupação. O seu gesto era até muito louvável e não havia mal algum que ela quisesse instruir a índiazinha, que parecia tão esperta.

— Ah, isso não é preciso dizer. Basta olhar para os olhos dessa bugrinha para se ver que ela é capaz de dar bolo em rato catita.

Provàvelmente, um irreprimível movimento de despeito levava o Pacatuba a essa e outras invectivas. É que êle, ignorante do francês, se sentia, talvez, diminuído, quando me via prosear com Malila, sem poder compreender nada do que dizíamos.

Malila tinha também grandes atenções para conosco, e, sempre que se ausentava, ao regresso, trazia qualquer coisa com que nos pudesse presentear: ora um pouco de mel ou alguns côcos de patauá, ora frutos silvestres, uxis, araticus, pitombas, ou então os grandes cacauís, de cuja polpa nos preparava deliciosos refrescos. Ainda na véspera, ela irrompera pelo copiar com a fisionomia exultante, trazendo para mim um lindo galo da serra. A sua alegria não vinha só de me poder oferecer um tão belo pássaro, mas também porque o seu feito era daqueles que lhe conferiam foros de atilada e paciente caçadora.

De fato, nada mais difícil do que a apanha do magnífico galo da serra, de plumagem de fogo e poupa rubra aberta em leque sôbre a cabeça. Com o fito exclusivo de procurá-lo, Alfredo Wallace, durante a sua permanência na

Amazônica, empreendera uma longa e penosíssima excursão à serra do Cobati. E' que o mesmo pássaro tem hábitos extremamente ariscos e vive sempre em áreas muito limitadas e de difícil acesso, como sejam os laieiros e alcantis de alguns rios encachoeirados. Malila tivera também de fazer um longo percurso e arrostar mil perigos, para conseguir o exemplar que enfeitava agora a nossa varanda e já pela manhã fizera ouvir o seu canto agudo e clangoroso.

E porque mais uma vez eu lhe elogiasse o presente Malila sorriu e respondeu:

— Se você ficasse aqui, nós íamos juntos buscar outros. Agora é mesmo o tempo bom, porque êles andam em bandos. É preciso entrar pelo rio a dentro e, ficar quietinho, chamando, chamando, até que êles cheguem.

— E como é que você os chama?

— Ah, isso é com uma fôlha de ubim entre duas palhetas de arumã. A gente sopra e sai um canto igualzinho ao dêles. O pior é que o rio faz ali muito barulho e, quando êles estão longe, não escutam. Mas é preciso não desanimar.

O Pacatuba, percebendo que falávamos no galo da serra, entrou na conversa:

— Êsse pássaro pode ser muito bonito, mas eu não trocava êle por uma das nossas patativas ou mesmo por um bicudo maquiné. Eu só queria que o doutor ouvisse uma patativa que tenho lá em casa. Eta bichinho desadorado pra cantar! Quando êle está de veneta, dá quatro e cinco assobios de uma só vêz e sem tomar fôlego. Também é das legítimas de Jacuípe. *Seu* doutor entende como é? Não há patativa tão boa como as de Jacuípe.

Mas eu voltei-me para Malila:

— Pois se não fôsse mesmo muito longe, íamos juntos ver os galos da serra. Pode-se ir e voltar no mesmo dia?

— Como não? Eu não fui ontem? Tudo é já estar lá na hora do sol mais forte, que é quando êles gostam de aparecer nas pedras da cachoeira.

— Olhe, Pacatuba, estou aquí armando um passeio e você precisa ficar bom para ir conosco.

— Assim que eu ficar bom, nós devemos é ir embora.

— Sim... Mas você precisa antes fazer um ensaio. Não há-de ser logo no primeiro dia que você puser o pé no chão que se vai começar a viagem de volta. É lá brincadeira o que temos de andar!

— Qual! Para voltar, todos os santos ajudam. Eu tenho fé em Deus que, amanhã, já estou andando bem.

— Fé em Deus e... na índia velha, — observei troçando.

Mas êle, sem atender ao meu remoque, prosseguiu: — O doutor quer ver como estou melhor? E deixando a rêde, apoiado num pedaço de pau, começou a fazer uns passos muito cautelosos, chegando até o copiar.

— Que é isso? Já são os efeitos do suadouro? Meus cumprimentos!

Era Rosina que chegava e, risonha, felicitava o Pacatuba pelos seus progressos. E, logo, olhando para mim:

— E o senhor não se envergonha de ter perdido o cliente?

— Não, a minha medicina está muito atrazada e eu nunca havia pensado que êle pudesse ter um berne.

— Berne?

— Sim... Um berne ou outra larva. Pelo menos, foi isso o que a índia tirou do tornozelo dêle.

— Ah, mas, então *Monsieur Pacatuba* foi ainda muito feliz, porque ela já tem tirado presas de onça, caramujos e até rãs vivas de outros doentes.

— Está ouvindo, Pacatuba? A senhora está dizendo que você teve muita sorte, porque, em vez de berne, podia ter aí uma rã ou outro bicho.

Tudo isso foi dito entre risadas e o Pacatuba, não gostando da brincadeira, amarrou a cara e voltou embezerrado para a rede.

— Oh, mas agora a sua casinha está enfeitada, — disse Rosina, reparando na gaiola com o galo da serra.

— Foi presente de Malila.

A francesa dirigiu-se à índiazinha e, simulando arrufo, com o indicador no ar observou-lhe:

— Sim, senhora... Antigamente, você não apanhava nada de bonito que não fôsse para mim; mas agora, com os seus novos senhores...

— Oh, *Mananchic!* E Malila, muito envergonhada, quase a chorar, arrojou-se submissa aos pés da francesa.

Rosina afagou-lhe a cabeça com carinho:

— Não... Estou brincando. Você fêz até muito bem de trazer o pássaro para aqui. Antes de tudo, estão os nossos hóspedes.

Agradeci a sua amabilidade e contei-lhe que estava justamente combinando com Malila uma ida até o ninhal dos galos da serra.

— Ah, isso é um passeio muito bonito. Eu já estive lá. Fui mesmo com ela e outras Amazonas. Mas isso não impede que eu volte, e até com muito prazer. E quando quer ir?

— Não sei... Mas precisa ser amanhã ou depois, senão não teremos mais tempo. O Pacatuba está quase bom e precisamos pensar no regresso.

Turvou-se o olhar de Rosinha, que não soube o que me responder e esteve algum tempo perdida em cogitações. O sol ardia-lhe na cabeleira fulga e mordia também a pele dourada de Malila, que continuava sentada aos seus pés.

Era encantador o contraste entre aqueles dois tipos de mulher, vindas de raças tão diversas, tão distantes em tudo e por tudo, mas que o destino reunira alí, para que uma à outra realçasse as graças e seduções.

Por fim, Rosina falou:

— Faremos o passeio amanhã mesmo. Eu virei buscá-lo bem cedo. Está ouvindo, Malila? Você prepare tudo, como fez da outra vez. E, depois, mudando de assunto e já voltada para mim: — É verdade... E o *aiquec*? Malila me disse que o senhor acordou tão espantado...

Relatei-lhe o meu sonho e a impressão que me ficara daquilo tudo. Pouco conhecedor da história da América, parecia incrível que me tivesse podido reportar a tanto episódio curioso. Eu chegava a ter desejo de me enfronhar nos fastos da conquista, para ver até onde ia a exatidão do que me aparecera durante as alucinações.

— Fique certo que o senhor viu tudo como se passou. O *aiquec* é mesmo extraordinário. Mas o senhor ainda foi feliz. Teve um sonho empolgante e cheio de visões magníficas. E eu que fui levada para a minha infância e revivi os carinhos de minha mãe, que me deixou tão cedo? Imagine o senhor qual não foi a minha tristeza, quando acordei e me senti de novo perdida nesta solidão.

— Em todo o caso, eu poderia ter tido um sonho mais do meu gôsto...

— E qual seria êle? inquiriu Rosina, curiosa.

— Ora! Poderia ter sonhado, por exemplo, que a houvesse conhecido em outras condições, mais alegre e não se entediando tanto.

— Mas isso não seria a verdade, e o interêsse do *aiquec* é que tôdas as suas projeções, sejam do passado, presente ou futuro, são sempre exatas.

— Mas, então, mesmo no futuro, uma vez que deixar estas paragens, não acredita que possa ser feliz?

Rosina esboçou um sorriso triste e, para não me responder, propôs outra questão:

— Diga outro sonho... qualquer cousa que o interesse muito...

Tive uns instantes de vacilação, mas adiantei por fim:

— Então... eu queria saber por que o seu marido se demora tanto por aqui, obrigando-a a uma vida tão insípida.

Rosina tomou-me as mãos num gesto nervoso:

— Ah, não queira saber... Isso só lhe traria aborrecimentos, talvez mesmo muitos aborrecimentos. E sempre aparentando a mesma exaltação: — Sabe de uma coisa? Nunca mais lhe mando dar o *aiquec*. Eu não tinha pensado nisso.

*

* *

Nesse mesmo dia, depois do almôço, aproveitando a ausência de Malila, resolvi tentar uma excursão a sós. Desde a véspera eu andava premeditando essa escapula, capaz talvez de me permitir qualquer esclarecimento sôbre as misteriosas ocupações do alemão. É que não me passara despercebida a insistência e os cuidados com que todos me vedavam o acesso a certa área do aldeamento, justamente aquela que mais atraía o sr. Hartmann e para a qual eu o via encaminhar-se várias vêzes ao dia. Essa área, onde eu já lobrigara algumas construções, ficava aos fundos do casarão das Amazonas e era toda cercada por uma espêssa e alta sebe viva. Ainda dois dias antes, passeando com Rosina, chegáramos até as suas proximidades, quando ela, percebendo a direção que eu tomava, em marcha franca para o tapume, convidara-me a seguir novo rumo, sob alegação de que por alí nada havia de interessante. Fiz que não a ouvia, e ela retornou sem demora:

— Não... Vamos por aqui. Para lá começa o mato e os caminhos estão muito sujos.

— Mas tem casas, — repisei, teimoso.

— Tem, mas são umas casas muito velhas, já abandonadas pelas Amazonas.

Essas informações não concordavam, porém, com o que me dissera Malila. Já desconfiado de alguma coisa, eu conversara com a índiazinha que, embora muito reservada, me explicara que, por trás do paredão de verdura, ficavam as casas onde o *Amauta* trabalhava. E como eu insistisse a respeito do seu gênero de ocupações, ela concluiu:

— Eu não sei. Lá quase não entra ninguém e eu nunca passei da cêrca.

Foi com o espírito aguçado por essas contradições que planejei a minha sortida, procurando cercá-la de todas as cautelas, para que os meus passos não fôssem surpreendidos. O instante era dos mais propícios. Durante as horas quentes do meio-dia, todo o aldeamento se aquietava, contagiado, talvez, do marasmo que invadia a natureza, e, diante das suas casas, então silenciosas e aparentemente sem viv'alma, poder-se-ia pensar que a maloca fôra abandonada. É que se a grande maioria das Amazonas andava longe, no trabalho, o resto da tribo poupava-se à canícula, refugiada no interior das habitações.

Avisando o Pacatuba do meu intento, pedi-lhe que distraísse Malila ou outra qualquer pessoa que viesse à minha procura, e às quais poderia explicar que eu havia ido ao banho. Como o córrego mais próximo ficava em ponto diàmetralmente oposto àquele para o qual devia dirigir-me, mesmo que alguém, em pura perda, saísse no meu encalço, entre a ida e a vinda consumiria mais tempo do que me era necessário para levar avante o meu desígnio.

Para evitar o arruamento principal, dei volta por trás da nossa casa, e ganhei a angustura de uma vereda encur-

ralada pelo mato alto. Durante todo o trajeto, julgo só ter sido divisado por uma índia que, nas proximidades de uma habitação, banhava o filho pequeno dentro de uma espata de palmeira.

Procurei o mais que pude afastar-me do casarão das Amazonas, logo atrás do qual começava o tapume, mesmo porque um bambual extremamente cerrado impossibilitava qualquer golpe de vista para o outro lado. Um pouco adiante, porém, já em ponto desabitado, mais ralas e espacejadas iam-se tornando as soqueiras de taboca e podia-se dizer que a cêrca era então apenas constituída pela própria orla do mato natural.

Foi por aí que me quedei, emboscado na vegetação e a procurar, cheio de prudência, qualquer aberta que me servisse de espreitadeira. Favorecera-me o acaso e, pouco depois, eu já era todo olhos para o que começava a observar, possuído de verdadeiro espanto.

O que logo despertou a minha curiosidade foi uma grande casa, espécie de barracão todo de madeira, e que tinha inúmeras e amplas janelas. Através das suas vidraças, bem encaixilhadas, e que eu verifiquei mais tarde serem feitas com finas fôlhas de malacacheta, parecia-me ver um ou mais vultos que se mexiam, indo de um lado para outro. Infelizmente, a distância era muito grande e tornava-se impossível reconhecê-los.

Além dessa casa maior e situada ao centro do terreno, havia outras habitações menores e também gaiolas ou engradados de proporções avantajados e feitos igualmente de madeira. Ainda pelo mesmo motivo do afastamento, escapava-me a percepção exata dos corpos que neles se agitavam. Vi, porém, que se caminhasse mais um pouco, sempre na mesma direção, beiradeando a franja da mata, conseguiria aproximar-me muito de uma das gaiolas. Foi o que fiz.

Agachado sob a ramaria enrediça, diminuindo os passos aqui, pisando de leve ali, com muitas precauções cheguei até o meu novo esconderijo e melhor observatório, escolhido entre uns alentados pés de pacova. Daí à aludida gaiola não iriam mais de uns seis a oito metros e ser-me-ia fácil reconhecer o seu habitante.

Macaco? Preguiça? E atentei mais para o ser estranho que se rojava no chão com movimentos muito lerdos e hesitantes. Não! Era uma criança! Aquelas formas não enganavam e eram bem humanas. Mas, então, seria um monstro? Perplexo, a fazer-me mil perguntas, os meus olhos não se despregavam mais daquele quadro, visão horrífica e atraente, que a um só tempo despertava sentimentos de piedade, revolta e nojo. E a criancinha continuava a mover-se, espapaçada de ventre, o corpo languinhento e mole, a cabeça bamboante fuçando um leito de palha. Observando-lhe as atitudes e a flacidez das carnes, massa sem sustentação e que tomava as mais exquisitas posições, dir-se-ia que a mísera não possuia ossos. E, no entanto, o seu aspecto era perfeito, os membros tinham todos os segmentos, o rosto, tirante um certo empastamento dos traços, não apresentava nenhuma anomalia, e os olhos eram até bem vivos e expressivos. Pelo tamanho, devia ser um indiozinho de dois a três anos. Mas teria nascido assim? E por que o prendiam numa jaula, como um bicho?

E vinha-me a lembrança de que em muitas tribos de silvícolas, era de rigor matar as crianças nascidas com defeito. Entre as Amazonas adotar-se-ia um tal processo? Mas, então, não se explicaria a conservação dêsse infeliz, tratado como um animal e mantido num engradado. E não sei se proveniente de qualquer leitura passada, ou se do sonho em que Ataualpa me aparecera, acudia-me a reminiscência de certo capricho de Montezuma, que colecionava monstros humanos e os guardava vivos numa dependência

especial do seu palácio. Seria que as Amazonas repetissem o gosto extravagante do Imperador dos Astecas? E sem detença para reflexões, dominava-me o desejo de conhecer o conteúdo das outras gaiolas, infelizmente muito longe e em zona só atingível com grande risco. Mas a tentação era tão grande...

Quando eu, já animado, me dispunha a prosseguir a marcha, buscando um novo ponto de observação, vi abrir-se uma das portas do barracão maior e dêle sairem o Sr. Hartmann e outro homem, que me era inteiramente desconhecido. Pelo seu todo, tipo esgalgado, de feições loiraças e pele muito alva, devia ser também um estrangeiro, mas rapaz ainda muito moço. Ambos conversavam acaloradamente e estiveram parados por alguns minutos nas cercanias da casa. A seguir, separaram-se, e o sr. Hartmann deu alguns passos como se viesse na minha direção, enquanto o companheiro retornava ao pavilhão central. Estremeci e, num repente estive a meditar se deveria conservar-me onde estava ou se seria melhor procurar outro refúgio. Por fim, optei pelo pimeiro alvitre.

Fugir de escantilhão, varando pelo mato a dentro, a esgarabulhar por entre a galhaça, seria talvez denunciar-me pelo ruído que, certamente, iria provocar. Mais valia, portanto, empedrar-me, quêdo, onde estava, ocultando-me de permeio à soca compacta das bananeiras. E aí fiquei, de nervos distensos e coração aos saltos, a espescoçar-me ansiosamente, acompanhando todos os movimentos do alemão, que caminhava sempre e vinha cada vez mais perto.

Logo depois, porém, pude respirar aliviado. O Sr. Hartmann, começara, a gritar, uma, duas, três vêzes: *"Hans! Hans! Hans!"*. Como ninguém respondesse, êle não esperou mais e desandou para o pavilhão. Então, não hesitei um só instante, e tão depressa o vi abrir a porta e sumir-se no interior da casa, saí do meu esconderijo e ganhei precipitadamente o atalho.

CAPÍTULO IX

O UIRAPURU

— Então, ainda se dorme por aquí?

— *Seu* doutor... Oh! *seu* doutor...

— Já ouví, Pacatuba.

E, ainda estrouvinhando, saltei da rêde às pressas e cheguei até a janela, atendendo ao chamado de Rosina: — Bons dias! Um minutinho apenas e estou pronto.

E enquanto calçava as sandálias e enfiava a bata, instei com o Pacatuba para que nos acompanhasse.

— Não, *seu* doutor... O estirão pode ser muito grande e é melhor não facilitar. Agora, que o meu pé vai tão bem, eu não quero mais saber de estrepolias e só saio daqui para ir-me embora de uma vez.

— Mas, olhe, recomendei sisudo, — se o alemão aparecer, nem uma palavra sôbre o que eu vi ontem. Você não me vá comprometer.

— E eu destempero a língua dêle? Destempero nada!

— Ah, é verdade, — disse eu caindo em mim. Mas olhe, você não vá tentar também qualquer passeio daquelas bandas...

E eu já ia em caminho da porta, quando ouví o Pacatuba que me retrucava:

— *Seu* doutor está pensando então que eu sou qualquer pomboca? Pra êsse não sei que diga ainda nos prender aquí por mais tempo?

Tão de-pressa nos reunimos, Rosina observou-me:

— Quer dizer que, se eu não o viesse arrancar da rêde, o passeio estava gorado...

— Não, porque Malila tinha ficado de vir me acordar. E, logo, reparando no seu vestido de cassa clara:

— Oh! mas como está elegante... É a primeira vez que a vejo assim.

— Faz bem de elogiar. Êste é um dos raros vestidos que ainda me restam; mas já estou tão farta dos horríveis roupões de aniagem que, hoje, quis mudar um pouco. Até meu marido já se desabituou de me ver assim e, ainda agora, quando me viu sair, fez um espanto quase tão grande como o seu. Apenas, longe de elogiar a minha *toilette*, êle achou-a imprópria para o passeio que vamos fazer. E depois, ajeitando a aba do grande chapéu de palha, que encobria os olhos e ensombrava todo o rosto: — Mas êle não tem razão. A maior parte do nosso percurso vai ser feita pelo rio acima, e quase não temos de andar pelo mato.

Nesse momento, Malila surgiu azafamada, empunhando uma zarabatana e trazendo a tiracolo um cestinho redondo.

— Então, tudo pronto?

— Sim, *Mananchic*... As *cossanac* devem estar à nossa espera.

E já estavam de fato. Quando alcançámos o rio, tomando por um caminho que era inteiramente novo para mim, quatro Amazonas aguardavam-nos sentadas na praia, junto de uma ubá.

O passeio foi encantador, conquanto não tivessemos visto um único galo da serra. Debalde, Malila os chamara, soprando repetidamente a folhinha de ubim. Tão de-pressa abandonáramos a canoa, ela, ágil e saltitante, a pular de pedra em pedra, fôra esconder-se nà gricha de um grande lajedo, já a meio da corrente, e ao redor do qual as águas tumultuavam, encachoeiradas e espumejantes.

Rosina e eu, mais cautelosos, não ousáramos passar dos primeiros pedrouços, ainda à orilha do rio, engargantado alí por dois respaldos de serra. Se não me enganava a perspectiva, devíamos estar ao sopé dos pequenos cómoros que, vistos de longe, assoberbavam o horizonte e já tinham despertado a nossa atenção, quando chegáramos ao Reino das Pedras Verdes. Malila parecia não se desesperançar do aparecimento dos lindos pássaros e, ao fim de boas duas horas, em que estive a conversar longamente com Rosina, como o tempo se enfarruscasse e receássemos chuva, tive de mandar chamá-la por uma das Amazonas, que só com grande custo chegou até o seu refúgio.

Compensando a ausência dos galos da serra, já na volta, durante uma pequena caminhada a pé, Malila estacou de súbito e, com o indicador sôbre os lábios, disse entre dentes:

— Psiu... Uirapuru!

Assustado, supondo a iminência de qualquer perigo, ia perguntar o que era, quando Rosina me acalmou:

— Espere. Vamos escutar.

De-repente, ferindo a quietação da mata, ouvimos uma escala de sons claros, apaixonados, musicais. E depois, a sucessão de outras gamas, tons abaixo e tons acima, mas tôdas em timbres nítidos e que vibravam longamente no ar. Por fim, nas mais suave consonância, rompeu o ajuste de trinos e regorgeios, florejados aqui de *pizzicatos*, interseridos alí de longos trêmulos e imprevistas variações, mais adiante retardando-se em notas quérulas e harmonias morrentes, ou então subindo aos compassos vivos e às chilreadas álacres. E havia de tudo naquela música: vocalizações argênteas, notas de cítara e violino, harpejos, estridências de sistro e suavidades de flauta, o chocalhar de muitos guizos...

Mas quem seria o cantor mágico ou instrumentista incomparável? Talvez qualquer saci treloso ou algum gênio

alado da floresta... E os meus olhos, acompanhando os outros, pervagaram no imenso tôldo das frondes verdes, de onde parecia descer a melodia acariciadora e envolvente. Súbito, fêz-se de novo o silêncio, um silêncio imprevisto e quase sobrenatural, sem que por tôda a mata se percebesse o mais leve frêmito de asa. Rosina balbuciava-me ao ouvido:

— Quando êle canta, todos os pássaros ficam fascinados. Repare que não se ouve nem um pio.

— Mas quem é?

— É o uirapuru, passarinho pequeno e feio, mas que tem uma garganta de ouro. É muito difícil vê-lo, porque êle só gosta de cantar nas ramas mais altas. Às vêzes, porém, pode-se saber onde está, porque todos os outros pássaros vêm de longe para ouví-lo gorgear e pousam nas imediações do seu esconderijo.

Mas as escalas recomeçavam cálidas, vivas, ondulantes, apenas agora já um pouco mais abafadas.

— Êle está indo para lá... E Malila indicou um ponto à nossa esquerda.

Logo depois, ela seguia na sua direção, a embrenhar-se pelo mato a dentro, pé ante pé, enquanto nós continuávamos estarrecidos sob o enlêvo de um novo hino, que se iniciava com a mesma maestria. E assim ficámos por ali largo tempo, a ouvir dois, três e mais trinados, cada vez mais flébeis e amortecidos pela distância, até que os sons já surdinavam ao longe, numa toadilha quase imperceptível.

— E Malila? — indaguei, quando retomávamos a marcha.

— Ah, agora, ela não volta tão cedo. Foi atrás do uirapuru e há-de fazer tudo para ver se o consegue flechar, — respondeu-me Rosina.

— E mata-se um passarinho dêsses? Mas é um crime!

— Que é que o senhor quer... Eu já tenho protestado muitas vêzes, mas de nada adianta. Dizem que o uirapuru dá sorte a quem o possui e daí a perseguição que lhe movem. O que vale é que êle se defende muito bem e não é nada fácil matá-lo. Desde que estou aqui, só vi abaterem dois. As índias prepararam-nos de maneira especial, para que possam ser conservados e servir de talismã.

— Mas é um crime matar-se um passarinho dêsses, repeti penalizado, e ainda sentindo aos ouvidos, num éco inesquecível, as dulcíloquas melodias do gorgeador incompáravel.

Durante êsse passeio da manhã, várias vêzes viera-me a lembrança do que eu pudera surpreender na tarde anterior e quando cheguei ao aldeamento, estava no firme propósito de realizar uma nova incursão à zona proibida.

O Pacatuba quis dissuadir-me do intento, mas fiz ouvidos moucos às suas ponderações e deixei-o entregue aos devaneios do ipadu, de que Malila lhe fizera uma boa provisão.

O caminho já era bem conhecido e não tive muitas dificuldades para alcançar o abrigo entre as socas de bananeiras. Daí pude observar mais uma vez o monstrengo de corpo flácido e gestos tardos, que tanto horror me despertara na véspera. Ainda engaiolado, êle continuava a arrastar-se sôbre um espojeiro de fôlhas sêcas e onde se viam, jogadas a esmo, algumas talhadas de mamão ou outra fruta.

Atrairam-me, porém, os engradados mais distantes e, depois de algum tempo, em que estive a circunvagar os olhos pelas cercanias, a ver se avistava alguém, saí do meu esconderijo e prossegui a marcha, sempre a esgueirar-me pela orla da mata. A casa central parecia-me vazia e

através das suas janelas eu não lobrigara nenhum movimento. Onde andariam o alemão e o seu companheiro?

Sempre alerta, usando de mil cautelas, pude chegar até as proximidades dos engradados da outra banda e, com decepção, verifiquei que os dois mais ao alcance da minha vista, continham apenas vários macacos, provàvelmente barbados ou cuatas, dado o seu vulto. Não longe dessas gaiolas, havia, porém, uma casinha, de paredes embarreadas e teto de palha, na qual parecia haver gente. Mais alguns passos e eu acoitava-me bem nas suas vizinhanças, junto de uma grande árvore cujas altas e largas sapopemas me davam um pouso seguro e até com certa elevação sôbre o terreno.

Vi, então, no alpendre da casa, sentada num toro de madeira, uma índia, que se ocupava em vigiar um pequeno ser também de compleição estranha e modos muito esquisitos. Pelo tamanho, dir-se-ia uma criancinha ainda de poucos meses, mas que tinha grande vivacidade, e, por vêzes, já se equilibrava nas pernas e ensaiava passos desajeitados. O prognatismo da face, a fronte fugidia e estreita, as orelhas em alça davam-lhe um ar bestial à fisionomia, aliás não raro em certos idiotas microcéfalos. Mas havia ainda a curiosidade do seu corpo, evidentemente coberto de pêlos, sobretudo no peito, e a agilidade dos movimentos, aptos a uma mímica variada e simiesca. Essa semelhança com o macaco era ainda mais flagrante quando êle se punha a correr de quatro, mal apoiado nos pés e ostentando uns membros superiores muito longos. E eu tinha, ali, bem perto, na gaiola dos coatás, o termo fácil para comparações. Todavia, se por muitas feições o seu aspecto era francamente pitecóide, outros caracteres o humanizavam, como certos gritos e sons que eu o ouvia emitir, ainda grosseiros e guturais, na verdade, mas onde se podia adivinhar um esbôço de linguagem articulada.

Quando eu ainda era todo olhos para o ser esdrúxula e inclassificável, surgiu no alpendre, vinda do interior da habitação, uma outra criatura, também das mais estranhas. Se as suas características somáticas e os seus modos lembravam os de uma criança de tenra idade, apresentava um porte agigantado e já devia ter seguramente a estatura de um homem mediano. O mais de admirar era que êsse crescimento excessivo e monstruoso não comportava anomalias e deformidades físicas e tôda a sua figura aparentava saúde e robustez. Vendo-a pouco depois, entregue a brincos e diabruras com o outro pequeno de aspecto lemuriano, e também dada a maneira pela qual a índia tratava a ambos, atenta às suas trampolinices, tive quase a certeza de que muito pequena, para não dizer nenhuma, devia ser a diferença de idade entre os dois.

Mas os meus olhos ainda tinham muito do que se esbugalhar. Chegada não sei de onde, veio juntar-se ao grupo uma outra criança, essa de proporções minúsculas, e, talvez, sem atingir dez polegadas de comprimento. Contudo, já andava e parecia ter um desenvolvimento psíquico nada inferior aos outros. Foi assim que a vi aproximar-se do pequeno de formas avantajadas, então acocorado junto da índia, e ambos começaram a contender, entre gritos e choradeira, por causa de uma frutinha com que se divertia o segundo. A índia teve de intervir na desavença e resolveu o caso indo buscar outra fruta com que contentou o primeiro.

Atentando aquele conjunto, lembrei-me das VIAGENS DE GULLIVER e vi-me a um só tempo nos reinos de Lilliput e Brobdingnag. Na verdade, dentro de poucos anos, se não me falhassem as conjecturas quanto às idades, teríamos naquelas duas crianças um gigante de alguns metros e um anãozinho de poucas polegadas.

De-repente, quando menos cuidava, tive a atenção solicitada pelo som de passos a distância e, voltando-me, dei com o alemão e o companheiro, que ainda vinham longe, mas já se encaminhavam resolutamente na direção da casa que era motivo de meu exame. Desta vez, ser-me-ia impossível fugir e, confiante na proteção das sapopemas, decidí ficar onde estava. Só uma fatalidade faria descoberto o meu esconderijo, em pleno mato e até onde não chegaria o alemão. Por outro lado, além de seguro, o meu abrigo era excelente mirante e, sem dúvida, eu não perderia o que ambos dissessem.

Não me iludira. Logo após, os dois estavam na varanda e começavam a trocar impressões acêrca das crianças. Sòmente, êles se colocaram de tal modo que, por vêzes, eu não os via. Então a sua conversa me chegava muito mal, sobretudo por causa da traquinada dos pequenos. Entretanto, fui testemunha do seguinte diálogo, iniciado pelo Sr. Hartmann, de quem reconheci a voz:

— Você não acha que estas crianças estão tendo liberdade de mais?

— Mas foi o senhor mesmo que quis, para que pudesse haver um contacto maior entre elas e o homínide.

— A questão é que elas assim podem sair do regime.

— Ah, disso não há perigo. Eu estou sempre atento. Depois das horas de recreio, eu mesmo as fecho na gaiola.

— E você tem dado lições ao homínide?

— Todos os dias... Ainda ontem estive aquí mais de duas horas. Êle já está articulando bem algumas sílabas e diz claramente *Mama*. Quer ver?

Neste instante, o alemão e o companheiro voltaram para um ponto da varanda bem ao alcance da minha vista e onde o pequeno de aspecto pitecóide tentava subir por um dos esteios do alpendre.

— Venha cá, dizia o alemão, mais moço, tomando-o nos braços e mostrando-lhe qualquer coisa. Diga: *Ma-ma...*

O pequeno, tentado pelo objeto, esticava os braços e jogava-se para diante, procurando apanhá-lo.

— Não... Você ganha depois. Diga primeiro. — *Ma-ma... Ma-ma...*

E, assim, por várias vêzes, até que o *bichinho* parecendo finalmente ter compreendido, pronunciou com grande esfôrço e depois de ter dado alguns guinchos: — *Mama.*

O rapaz deu-lhe logo a recompensa e o entezinho estranho escafedeu-se aos pulos, mordendo àvidamente a guloseima.

— Não há dúvida, faz progressos; mas é preciso não esmorecer, disse o Sr. Hartmann com ar satisfeito. O diabo é a confusão de línguas... Nós a falarmos o alemão, a índia a entender-se com êle em quíchua...

Não sei se, absorvido pelo desenrolar dessa cena cheia de imprevistos e da qual eu não queria perder um só pormenor, fiz qualquer gesto irrefletido ou tomei alguma posição mais em evidência, mas o fato é que, num dado instante, voltando-se brusca e inesperadamente, o Sr Hartmann deu de cara comigo. Embora eu me agachasse rápido, alapardando-me por trás da vegetação, pude ver, pelo seu ar de espanto, que me havia lobrigado. Ouvi imediatamente o ruído de passos apressados e, logo a seguir, pisando fôlhas sêcas e quebrando ramos e gravetos que lhe estorvavam a passagem, êle vinha surpreender-me ainda no esconderijo, onde eu me deixara ficar atônito e entibiado.

— O senhor está procedendo como um verdadeiro cavalheiro, disse êle, muito vermelho e com um sorriso sarcástico, que lhe mascarava a cólera íntima.

— Mas ninguém me proibiu de vir até aqui, respondi para dizer qualquer coisa e mal contendo o meu constrangimento.

— Se ninguém proibiu, não havia motivo para o senhor manter-se escondido e a espiar-nos de longe... Penso que o senhor ainda se recorda do que lhe disse há poucos dias...

— Lembro-me perfeitamente e foi isso mesmo que me deu vontade de vir até aqui. O senhor fazia um tal mistério a respeito da sua profissão e dos motivos que o trouxeram até a Amazônia...

— Mas, se o senhor se recorda bem do que eu lhe disse, não deve ficar espantado se eu o fizer agora meu prisioneiro, retendo-o aqui por largo tempo, até que possamos regressar juntos.

Esta frase foi pronunciada em tom de ameaça e com ar malévolo e jatancioso, que muito me irritaram.

Retruquei-lhe irado:

— Ah, não me espantarei, mas... veremos. Agora eu compreendo tôda a sua reserva. O senhor tem receio que eu vá denunciar os seus crimes.

— Crimes?

— Sim, crimes... afirmei resoluto. Eu já vi a criancinha que é tratada como um bicho e vive no fundo de uma jaula.

Notei que o alemão não tinha gostado nada dessa minha asserção, que o fez mudar de maneiras e perguntar-me com acento mais brando:

— Ah, então o senhor já andou a correr isso tudo?

— Tudo, não; mas o bastante para ficar mais que revoltado e poder julgá-lo um novo Dr. Moreau, e da pior espécie...

Pelo seu jeito de espanto, percebí que não compreendera a minha referência.

— Dr Moreau? inquiriu surprêso.

— Sim, repeti. O senhor nunca leu a A ILHA DO DR. MOREAU, de Wells? Pois é um romance muito conhecido. O Dr. Moreau era um médico que se meteu na cabeça transformar bichos em gente, ao passo que o senhor quer fazer justamente o contrário.

— Oh, mas êsse homem era um louco!

— Louco ou não, em todo o caso era menos nocivo do que o senhor.

Neste instante, vinha chegando o outro alemão e o Sr. Hartamann deu mostras de não querer entreter explicações na sua presença. Cortando rápido o diálogo, disse-me em atitude mais serena:

— O senhor volte para a sua casa que, dentro de pouco, irei procurá-lo, a-fim-de conversarmos com mais vagar.

Ganhei a habitação mais desapontado do que na véspera e sem saber que ilações tirar daquilo tudo. O pior é que pairava agora sôbre as nossas cabeças a ameaça de ficarmos detidos por alí, na inteira dependência dos caprichos do alemão. Sim, porque pelo que ouvira dizer, era impossível pensar no êxito de qualquer evasão, uma vez que o Reino das Amazonas estava cercado por todos os lados e as outras tribos não consentiriam na nossa passagem.

O Pacatuba, evidentemente sob a ação do ipadu, estava em maré de otimismo quando relatei o que acabava de me acontecer. Êle ouviu-me calado e a passear de um lado para outro, no copiar. Apenas quando lhe falei na situação da criancinha encafuada numa gaiola, parou diante de mim, e, com os olhos muito arregalados e brilhantes, observou-me:

— Eu não lhe dizia que aquele não sei que diga tinha de ser muito miserável? Aqueles olhos de xexéu não enganam. Lá nos meus mundos a gente já sabe, tipo de

ôlho azul não presta, tem temperamento muito sanguinário. *Seu* doutor entende como é? Não presta não...

E, como eu o interpelasse, a respeito do que pensava da nossa situação, caso tivèssemos mesmo de ficar prisioneiros, êle respondeu-me:

— Que é que eu penso? Eu não penso nada... E, depois de uma ligeira pausa em que parecia querer se recordar de alguma coisa: — Olhe! E recitou-me:

A desgraça do pau verde
É ter um sêco encostado,
Vem o fogo, dá no sêco,
E fica o verde queimado.

Logo a seguir, inquiriu-me: — *Seu* doutor entende como é? Fiz que não com a cabeça, e êle concluiu: — Pois é. O pau verde sou eu... O doutor foi vigiar as bruxarias dêsse barbaças e agora paga o justo pelo pecador.

Rosina veio surpreender-nos nesse ponto. Ela já sabia do que ocorrera comigo e mostrava-se pesarosa e reservada. Falando-lhe sôbre o mesmo assunto, perguntou-me:

— Mas, por que o senhor se excedeu tanto? Parece que a situação se agravou quando o senhor disse a meu marido que tinha visto o tal ìndiozinho, que vive num engradado.

— Disse, porque foi mais forte do que eu. Aquele quadro me tinha impressionado muito. Depois, êle também se excedeu e ameaçou-me de prisão, por quanto tempo quisesse.

— Meu Deus, como tudo isso é aborrecido! Se eu tivesse podido evitar... Às vêzes chego a ter remorsos de lhe ter feito conhecer o *aiquec* e vem-me o receio de que o senhor o haja usado uma segunda vez, tendo então a previdência do que foi verificar.

Convenci-a do contrário, e expliquei que a minha curiosidade fôra apenas despertada pelo mistério de que se

cercava o Sr. Hartmann quanto às suas ocupações, e também porque me vedavam o ingresso naquela parte da maloca. E recordei-lhe o passeio de poucos dias antes, quando chegamos até às suas imediações e justamente ela forçara-me a retroceder, alegando que por alí só havia casas velhas e já tomadas pelo mato.

— É verdade, eu me recordo agora. E não era melhor que o senhor tivesse acreditado na minha palavra, embora mentirosa? volveu ela com doçura. Dizem que as mulheres mentem fàcilmente e que sabem mentir com astúcia e convicção... Eu parece que não sei... E, depois, sorrindo e com voz ainda mais branda: — Tanto não sei que estou quase lhe dizendo uma coisa que não deveria dizer... E Rosina hesitou por alguns instantes, de olhos baixos e com os dedos enclavinhados sôbre o regaço.

— Vamos... Diga...

— E o senhor não se aborrecerá? Olhe que há muito egoismo da minha parte no que lhe vou confessar.

Insisti, dissuadindo-a de todo o constrangimento. Por fim animou-se e concluiu:

— É que não deixei de ficar um pouco satisfeita com o que lhe sucedeu. Se meu marido levar avante o seu desígnio, retendo-o aquí, vamos gozar por mais tempo a sua companhia.

Eu tencionava informar-me do que fazia o Sr. Hartamnn com aquele bicho e aquelas crianças, mas Rosina, mal pronunciou esta frase, despediu-se célere, pretextando que o marido devia vir procurar-me e ela não queria estar presente, nem lhe dissera que vinha visitar-nos.

Impaciente e macambúzio, deixei-me cair sôbre um tronco de árvore fronteira à nossa casinha, e aí fiquei silencioso, à espera do Sr. Hartmann, que nunca mais chegava. O Pacatuba veio fazer-me companhia. Êle já não parecia tão animado e, ao sentar-se junto de mim, teve uma das suas

freqüentes exclamações: — Ah, meu Deus, que saudades do meu povo!

A tarde começava a declinar e já se ouvia ao longe o grito dos socós e magoarís, que choravam à beira das lagoas. Sempre seguindo a mesma direção, mas destacando-se nítidas no azul do céu, como farrapos de nuvens muito alvas que o vento fosse propelindo brandamente, de espaço a espaço, cortavam o ar grande revoadas de pássaros. À imensa altura em que voavam, era de todo impossível reconhecê-los. Vendo que eu os observava, estirando o olhar pelo horizonte afora, o Pacatuba informou-me:

— Êsses diabos estão passando desde ontem e até parece agouro. Lá nos meus mundos, só as arribações viajam dêsse jeito, mas assim mesmo é muito diferente. São uns bandos tão grandes que chegam a fazer sombra. Aquí, só se forem garças, mas eu não sei pra que é que elas mudam de lugar, quando há água por todos os lados. Lá no sertão, sim, as arribações vêm varadas pela sêde e só aparecem quando a sêca está brava.

E eu aida acompanhava a lenta progressão de uma das muitas fitas brancas, esta extremamente comprida e disposta em linha ziguezagueante, quando o Pacatuba, mudando de tom, avisou-me:

— Parece que o barbaças vem por aí...

Voltei-me para o ponto em que contava vê-lo surgir ao longe, mas reconheci imediatamente ser Malila quem se aproximava em carreira desabrida.

— Olhe o que eu trouxe para você, — disse ela, ainda ofegante, mas com o rosto a transluzir contentamento. E, achegando-se mais de mim, abriu a mão direita e mostrou-me um passarinho morto.

— Que é isso?

— É o uirapurú...

Não pude conter um gesto de desaprovação:

— Oh, mas por que o matou? Um passarinho que só foi feito para cantar!

Malila, muito desapontada, balbuciou a mêdo:

— E' para você ser feliz. Êle é seu, porque caiu de papo para o ar. Se tivesse caído de borco, seria de *Mananchic*.

— Pra que é que ela trouxe êsse bichinho? inquiriu o Pacatuba, curioso daquela cena.

— Êsse é um passarinho que eu ouví, hoje, na mata, e que me fez ficar deslumbrado pela maneira por que cantava.

— Então, é a patativa daquí... E mata-se um passarinho dêstes? Mata-se nada!

— Pois é o que estou também dizendo... Mas que é que você quer? Êle passa por dar felicidade a quem o possue... Foi por isso que ela me trouxe êste.

— Agora que nós estamos presos? protestou o Pacatuba com vivacidade. Ah, mas então ela devia ter chegado muito mais cedo, antes que o senhor fôsse vigiar as bruxarias daquele não sei que diga.

E Malila, sempre muito ressabiada, deixou-se ficar ao nosso lado, alisando o corpinho hirto do uirapuru.

CAPÍTULO X

O PROFESSOR HARTMANN

O alemão só me veio procurar no dia seguinte. Bem cedo, Malila avisara-me da sua visita que, entretanto, não se realizou antes da tarde, quando o Pacatuba e eu, para passar o tempo e ouvindo as lições da índiazinha, experimentavamos o arremêsso de flechas.

Era quase inacreditável, mas, à falta de jeito, nenhum de nós conseguia distender certos arcos que Malila, tão franzina, manejava com a maior desenvoltura. É verdade que, conforme as suas próprias informações, todos os dias ela se adestrava longamente, uma vez que, dentro de poucos meses, contava ser recebida entre as Amazonas e devia submeter-se a provas de habilitação. A nossa bisonhice era ainda mais patente quando tentávamos soprar a zarabatana, cujas pequeninas setas só conseguíamos projetar a muito curta distância. E, no entanto, alí mesmo, mostrando-nos o manejo da dita arma, Malila visara e fôra ferir certo um passarinho que cantava nas ramagens mais altas de uma espadeira. Foi neste instante que o Sr. Hartmann chegou, ainda a tempo de apreciar-lhe a bela pontaria.

O alemão começou por desculpar-se de me não ter vindo procurar na véspera. Sobreviera, porém, um imprevisto. Logo após a minha partida, trouxeram-lhe a notícia de que uma Amazona, caçando ao longe, havia sido picada por jararaca e viria para ser medicada no aldeamento. Infelizmente, ela só chegara à sua presença algumas horas

depois do acidente e quando apresentava sintomas graves e indebeláveis. E, depois de me enumerar todos os recursos de que lançara mão, esforçando-se por salvar a pobre índia, o Sr. Hartmann concluiu:

— Já vê o senhor que eu não sou apenas o homem cruel de ontem, mas sei também dedicar-me à cabeceira dos doentes...

— Mas, então, o senhor é médico?

O alemão fez um gesto de assentimento e com voz grave e pausada, olhando-me bem nos olhos, prosseguiu lentamente:

— Sim, senhor... É isso mesmo que lhe venho explicar. Por uma série de razões, que o senhor compreenderá depois, eu não queria dar-me a conhecer, mas infelizmente, a sua imprudência... Chamo-me Jacob Hartmann e fui durante muitos anos o assistente preferido do professor Steinach, nome que não lhe deve ser estranho, uma vez que é também médico e já esteve na Europa.

Atento a tão inesperadas revelações, não disse nem sim, nem não, e continuei todo ouvidos às suas palavras.

Como sabe, o professor Steinach vem de longa data se preocupando com o estudo de certos assuntos curiosíssimos e do mais alto interêsse para a ciência, como sejam o problema de crescimento dos seres vivos, a sexualidade animal e a possibilidade de prolongar a vida pelo rejuvenescimento dos organismos já envelhecidos. Foi acompanhando o início dessas pesquisas, logo promissoras dos mais belos resultados, e pelas quais também me apaixonei, que me veio a idéia de demandar estas paragens. É que muitas vêzes o professor Steinach se lamentou na minha presença de não poder experimentar *in anima nobili*, pois a chave de certos problemas só poderia ser alcançada mediante penosa experimentação sôbre o homem. Já por êsse tempo eu tinha também os meus pontos de vista e, na verdade, uma

das questões que mais me preocupavam dependia exclusivamente da experiência direta sôbre o organismo humano O diabo é que essas experiências, além de delicadíssimas e expondo os indivíduos a sérios riscos de vida, deixariam lesões graves e irreparáveis.

A essa altura, o Sr. Hartmann, perfeito conhecedor do assunto e advogado em causa própria, fez uma larga digressão, comprovando que a ciência nunca prescindiu dêsse gênero de experimentação, insubstituível muitas vêzes, ainda que cruel e revoltante. E, fazendo um apanhado histórico, citou-me vários casos, a começar pelo de Cleópatra que, antes de suïcidar-se, quis conhecer os efeitos da áspide e fez algumas vítimas entre os seus escravos; até os últimos ensaios, já executados em pleno século XIX, e nos quais pobres condenados e doentes tidos por incuráveis foram inoculados com as mais horríveis doenças.

Apoiado nesses argumentos e sentindo cada vez mais forte a necessidade de levar avante os seus estudos, acorrera-lhe, então, o seguinte raciocínio. Em algumas partes do mundo, ainda existem tribos selvagens que se mantêm na mais completa barbaria e que, quando vizinhas, quase sempre se hostilizam, e, não raro, vivem num permanente estado de luta e extermínio reciproco. Entre êsses silvícolas, é de praxe o suplício dos prisioneiros, dificilmente escapos à morte, ainda mesmo quando não se vise a execução de práticas antropofágicas. Pois bem. Se um médico se transportasse a essas regiões e, penetrando numa tribo conseguisse certa ascendência sôbre os silvícolas, o que não seria difícil, dado que usasse de alguma habilidade, — teria uma vasto campo de experimentação uma vez que lhe seria facultado fazer todos os seus ensaios sôbre aqueles mesmos índios que, caindo prisioneiros, estavam fatalmente condenados à morte. E isso êle o faria sem crime e quase sem remorsos, pois a sua ação poderia ser benéfica e até favorável aos

condenados. Assim, não poucos haviam de ser os casos em que êle pudesse poupar a vida dos indivíduos, substituindo-lhes a morte imediata por uma enfermidade que, mesmo definitiva, poderia ter marcha longa e perfeitamente suportável. Foi com essa idéia que êle decidira a viagem, escolhendo preferentemente a Amazônia porque já lera Humboldt, Bates e outros e tinha um enorme desejo de conhecer a Hiléia. O que não lhe ocorrera jamais, fôra a possibilidade de cair em plena tribo das Amazonas, mas isso era obra de mero acaso e mostrava como aquelas paragens ainda estavam pouco exploradas.

— E o senhor tem executado fielmente o seu programa? — adiantei, para ver se apressava a sua narrativa e chegávamos ao ponto que mais me interessava.

— Não, como supunha. Em primeiro lugar, as tribos verdadeiramente selvagens parecem-me muito reduzidas, e as que existem já não têm êsse espírito combativo que me seria muito propício. Então, entre as Amazonas, é que eu não arranjaria nada por êsse lado. Estas índias vivem em perfeita harmonia com as tribos que as cercam e defendem e eu nunca vi aquí um único prisioneiro estranho. Tive, portanto, de lançar mão de outros recursos. Um dêles, foi o aproveitamento de uma das crianças oriundas das gestações gemelares. Como, talvez, o senhor não ignore, os índios vêem sempre com maus olhos os partos duplos. Êles não acreditam que as duas crianças possam ser do mesmo pai e, por isso, tratam com escárneo as mulheres que têm a desdita das concepções germanas, comparando-as maldosamente a ratos, capivaras e outros animais prolíferos. Daí o hábito, existente em quase tôdas as tribos e, às vêzes, executado pela própria mãe, da eliminação sumária de um dos recém-nascidos. Felizmente, eu ainda encontrei essa prática conservada entre as Amazonas. Digo felizmente, embora lhe possa parecer estranho, porque essa tem sido

uma das fontes do meu material de estudo. A outra, vem das crianças que nascem com algum defeito físico e que, como se usava em Esparta, são também imediatamente condenadas à morte. E' verdade que essas nem sempre me servem, pois na maioria dos casos, eu preciso agir sôbre organismos sãos ou que, pelo menos, não tenham grandes anomalias. Mas o meu campo de experimentação seria sempre muito parco se eu tivesse de esperar por essas contingências, ambas fortuitas e raras. Felizmente, entre as Amazonas — e isso só poderia ser conseguido entre elas — há um outro manancial, êsse riquíssimo e, por assim dizer inesgotável: são os filhos varões, que elas desprezam inteiramente, e tanto se lhes faz que eu os aproveite ou que sejem entregues aos Guacaris, quando êstes vêm aquí uma vêz por ano. E' essa a razão por que nunca me faltou material e tenho podido realizar tudo quanto planejara e desejava. O pior é que só posso pesquisar sôbre organismos jovens...

O Sr. Hartmann, inteiramente absorvido pelo assunto, dizia-me estas coisas com a maior serenidade e referia-se às crianças como se falasse de cobaias ou rãs com que trabalham os fisiologistas nos laboratórios. Eu, ainda que revoltado e contendo a custo os ímpetos de uma explosão imediata, decidira-me a ouví-lo também com a maior calma e até simulando estar perfeitamente irmanado às suas idéias. Só assim me seria dado conhecer-lhe todos os segredos. Para nosso sossêgo, o Pacatuba, sentado bem próximo, não entendia nada do que se conversava, do contrário eu não sei o que seria a sua indignação.

Mas o Sr. Hartmann começava a falar-me mais particularmente dos seus estudos. Êle viera para o Amazonas com um programa limitado e acreditando poder resolver tudo quanto lhe importava no prazo máximo de alguns meses. De tal ordem, porém, tinha sido o alcance das

suas primeiras pesquisas, ponto de partida para outras, cada qual mais interessante e absorvente, que estava ali desde alguns anos. Mas isso sempre fôra assim. Só deve fazer pesquisas científicas quem pode dispor de tempo e possue muita paciência e verdadeiro espírito de abnegação e sacrifício. Essas eram palavras freqüentes na bôca de Steinach, mas de cujo valor êle só viera ajuizar quando se vira a sós na Amazônia e lutando com toda sorte de dificuldades.

— Imagine o senhor quanto não me custou para trazer até aquí alguns caixotes com instrumentos frágeis e delicadíssimos. E' verdade que isto tudo não veio de uma vez. Depois de já estar aquí havia quase dois anos, foi que mandei à Europa um dos meus auxiliares.

— Ah, mas então o senhor trouxe mais gente consigo?

— Como não? Eu não podia trabalhar sòzinho. Acompanharam-me dois rapazes, que eram meus auxiliares de laboratório. Um dêles é aquele que o senhor viu... Foi justamente êsse que voltou a Viena e trouxe de lá tudo o de que eu precisava. Sim, porque, como disse, os meus planos se alargaram muito e há certos problemas que só me ocorreram depois de estar aquí. Quando partí da Europa, tinha por principal escopo estudar o momentoso problema da afasia, então trazido novamente ao debate com os estudos de Pierre Marie. Só depois, dada a situação excepcional em que me achava e na qual tudo me era fácil no terreno da experimentação sôbre o vivo, foi que me veio a idéia de abordar também os assuntos que interessavam a Steinach, todos ligados às glândulas de secreção interna, como a questão do crescimento, da sexualidade e da renovação das energias orgânicas. Hoje, que já tenho um sem número de observações e obtive resultados dos mais imprevistos e espantosos, nada me agradaria tanto como saber até que ponto pôde chegar o meu mestre.

Estou certo, porém, que êle ainda está muito longe das minhas conclusões, se é que as alcançará algum dia. E se eu lhe disser que conseguí a síntese biológica e acabei de vez com a teoria da fixação das espécies?

Ao fazer-me esta pergunta, o Sr. Hartmann, aquele mesmo homem frio e secarrão que já me habituara ao seu permanente ar de reserva, tinha a voz dominada pela emoção e os seus olhos, escancelados e febris, cujas pupilas pareciam de aço, chamejavam com fulgor estranho e intimidante.

— Mas venha... disse êle levantando-se precipitadamente. Se eu não comprovasse o que fiz, o senhor poderia supor-me algum louco.

E não andava muito longe daí o meu pensamento.

Já então, pela rua principal do aldeamento, corrida de casas de lado a lado, fomos caminhando a passo tardo, até chegar ao casarão das Amazonas. Êsse pequeno percurso, custou-me bem uma hora. E' que o meu interlocutor, cada vez mais loquaz e entusiasmado, obrigava-me a parar freqüentemente, para ouví-lo em largas explanações a respeito do objetivo das suas pesquisas.

Apoiado nos resultados colhidos pela transplantação de órgãos de um animal para outro, ao fim de pouco tempo êle se convencera de que por ligeira modificação no quimismo de uma dada espécie animal se poderia perturbar de tal maneira a sua constituição íntima que ela se tornaria apta à fecundação por outra espécie totalmente diversa e até, talvez, por animais de classes afastadas. Tudo era questão de uma sensibilização precoce e demorada do organismo por humores e secreções da espécie diferente que acabaria por preparar em organismo alheio um meio interno propício ao desenvolvimento da sua própria semente. Essa modificação, do quimismo, provocada, talvez, por diástases, hormônios e micélios coloidais, não

deixava de ter certa semelhança com as *mutações bruscas* observadas no reino vegetal e que foram tão bem estudadas por Hugo de Vries.

— As minhas experiências acabam de vez com a absurda fixação das espécies, pelo menos como a entendiam os pre-darwinianos, — afirmava-me convictamente o alemão. O protoplasma é um só da monera ao *homo sapiens*, e se circunstâncias alheias ao nosso conhecimento permitiram as lacunas hoje existentes na série animal, eu tenho os elos que faltavam a essa grande cadeia, primitivamente una e indivisa. Nada mais das coordenações sistemáticas com reinos, sub-reinos, classes, famílias... Infelizmente, até agora, a natureza só tem sido observada com espírito de análise e o tempo é pouco para as classificações complicadas e esdrúxulas. Eu encarei-a sob ponto de vista diametralmente oposto e cheguei à grande síntese biológica que há-de revolucionar o mundo.

Com o rosto afogueado, os olhos sempre fuzilando, e uma gesticulação desabrida, o Sr. Hartmann tinha mesmo qualquer coisa de desvairado e eu começava a ter dúvidas sôbre o seu equilíbrio mental.

Mas êle falava sempre e explicava-me que, como era de prever, essa sensibilização do organismo ao elemento germinativo estranho era tanto mais fácil quanto mais pròximamente se achavam colocados os animais na escala zoológica. Assim, se lhe fôra de pouco trabalho provocar o cruzamento entre espécies, gêneros e até ordens de uma mesma classe, muito mais árduo lhe fôra conseguir híbridos entre animais de classes diferentes. Isso não impedira, entretanto, que houvesse obtido um curiosíssimo produto pela fecundação artificial da cigana, uma ave, com o jacruaru, um reptil. Acudira-lhe essa lembrança porque a cigana é um tipo isolado na natureza. Forma de transição e único sobrevivente de grupos já extintos, essa ave, de

vôo canhestro e muito limitado, ainda conserva na asa um resquício da garra do reptil ancestral. Se tal congraçamento pudera ser realizado, outros haviam de ser possíveis entre as aves mais diferenciadas e os mamíferos ovíparos. Infelizmente, a região amazônica não lhe fornecia os equidnas e ornitorrincos de que carecia. Mas todos êsses resultados eram pálidos ante o interêsse que lhe despertava um tipo engendrado por êle e filho de uma índia com um macaco cuatá. Êsse homínide, nada "feito à imagem de Deus" e que trazia o rei da criação ao convívio dos outros animais, era o seu maior orgulho. Para conseguí-lo, é que êle ficara ali por quase oito anos, não medindo sacrifícios e repetindo experiências sôbre experiências. Felizmente, a sua obra se coroara de perfeito êxito e o pequeno ali estava, bem vivo e já com pouco mais de ano, esbôço flagrante do homem pitecóide da era neozóica.

Percebí logo que se tratava daquele ser estranho que o alemão mais moço, ainda na vêspera, tomara entre os braços e fizera pronunciar *Ma-ma;* mas, então, só a um temperamento cerebrino e doentio acudiria a lembrança de que se pudesse tratar de um híbrido de semelhante espécie.

— O que mais me espanta, é que o senhor houvesse encontrado uma índia disposta a se sujeitar a essa experiência, disse eu, quando o alemão me relatava minuciosamente, todos os tempos da fecundação artificial.

— Ah, mas ela não soube e, mesmo que soubesse, não teria o direito de reclamar, pois teve também as suas compensações. Se ela me deu êsse produto, em troca ficou remoçada e ganhou mais alguns anos de vida. Imagine o senhor que a mãe do homínide é uma índia com mais de sessenta anos, que eu rejuvenesci por um enxerto duplo de ovários de cuatá. Daí nasceu, sem dúvida, o êxito completo da minha intervenção. De fato, nada é mais importante do que a perfeita execução do enxerto.

E êle estabeleceu-me a diferença entre o enxerto pròpriamente dito e a simples transplantação. Até a sua partida da Europa, Steinach nunca conseguira realizar o primeiro e daí o caráter efêmero de todos os seus resultados visando o rejuvenescimento. O órgão transplantado leva apenas uma reserva de secreções que não se renovam e só podem agir enquanto o organismo receptor do transplante não consegue absorver ou eliminar êste último, que atúa na intimidade dos tecidos à maneira de um corpo estranho. Muito diversa é a ação do enxerto, que pressupõe circulação e inervação, permitindo uma verdadeira incorporação do novo órgão à economia, onde pode viver indefinidamente.

Mas chegávamos ao casarão das Amazonas. Contornando-o e passando uma tronqueira disfarçada por espesso bambual, penetrámos finalmente nos domínios do Sr. Hartmann e, por coincidência, bem nas vizinhanças daquele mesmo engradado que tanto me impressionara, quando da primeira incursão até a zona proibida. Lá estava, sempre chafurdando sôbre fôlhas, a criancinha franzina e molenga. Vendo que eu tinha os olhos cravados na gaiola, o Sr. Hartmann disse com ar displicente:

— Isso é um pequeno de que tirei a tireóide e o timo logo nos primeiros dias de vida, para acompanhar os distúrbios da ossificação. Não vê as posturas que êle toma? E' uma massa quase sem esqueleto... Contudo, não me deu os resultados que esperava. E, logo, tomando outra direção: — Vamos ver o homínide. A esta hora o *Hans* deve estar justamente com êle.

Já dávamos alguns passos, quando o alemão mudou de idéia e levou-me para outro lado, afim de que eu visse primeiro os outros híbridos. Por êsse ponto, veio ao nosso encontro e acompanhou-nos sempre depois, um magrizela esgrouviado e muito alto, de face angulosa e olhos vulturi-

nos. O Sr. Hartmans apresentou-mo como um dos seus auxiliares, de nome Adolfo.

Daí por diante, numa sucessão de gaiolas, jaulas e cercados, passaram aos meus olhos estuporados, numa verdadeira visão apocalíptica, as mais curiosas e imprevistas formas animais, a começar pelo inconcebível híbrido da cigana e do jacruaru, espécie de grifo fabuloso e desconcertante, com quatro patas, um esbôço de asas, a cabeça encristada de penas e o corpo pelancudo e áspero terminando por uma cauda de lagarto.

Para que melhor se pudessem estudar os produtos obtidos, entroncando-os na sua origem, o alemão mantinha, bem próximo de cada exemplar, os indivíduos que haviam sido acasalados. E assim surgiu a descendência bizarra da cutia com a preguiça, do macaco-prego com o tamanduaí, do peixe-boi com a anta. E isso sem falar no infindável cruzamento de aves de tôda espécie, na mais louca e inimaginável das ornitologias...

— E' ou não é a verdadeira síntese das espécies? inquiria a cada passo o Sr. Hartmann, possuído daquele mesmo entusiasmo de pouco antes, mas que já agora não me surpreendia tanto.

— Mas isso é o cáos na natureza, dizia eu, boquiaberto.

O cáos, não! a ordem... porque êsses cruzamentos nunca se poderão produzir espontâneamente. A ordem, porque assim nós temos a filogenia comprovada pela experiência.

E ouvindo-lhe uma longa tirada sôbre as teorias da evolução, fomos caminhando até a casa onde, na tarde anterior, eu vira a índia brincando com as criancinhas. O outro rapaz alemão já estava no copiar e trazia ao colo o entezinho estranho e de figura simiesca, que se debatia irrequieto, querendo, à viva fôrça, ganhar o chão.

— Deixe-o, dizia o alemão, e enquanto seu auxiliar punha o pequeno em liberdade, êle dirigia-se a mim e observava:

— Repare na sua mímica e nos esgares faciais em que já existe um esbôço de riso e chôro. Êsse talento de imitação, que êle possue em alto grau, conduz à onomatopéia, umas das origens da palavra. Aquí, o que estraga tudo é a confusão de línguas. Essa misturada de alemão com quíchua... Eu já pensei em separá-lo da mãe, mas a índia encheu-se de carinhos pelo filho e faz questão de amamentá-lo ao seio. Agora, avalie o senhor o que seria êste produto se eu dispusesse de um verdadeiro antropóide. Talvez nem fôsse preciso a fecundação artificial... Um senhor De la Brosse, citado por Buffon, contava o caso de uma negra de Angola que foi raptada por um orango e com êle passou três anos na floresta. A graça é que também aquí, na Amazônia, existem várias tradições de índias que tiveram relações com macacos.

E êle contou-me a lenda da tribo Ugina ou Cuatá-tá-peia, que habitava nas cabeceiras de um dos afluentes do Solimões e cujos índios tinham cauda, porque algumas mulheres se haviam propagado com os cuatás. Assim, do mesmo modo, para a tribo dos Guaribas-tapuios, das imediações do rio Branco.

Mas o homínide, que só agora eu reparava ter também um ligeiro apêndice caudal, começava a dar guinchos e fazer mil diabruras, agilitando-se em correrias pelo copiar. E' que a índia chegava e êle mal se continha de alegria.

— Veja o afeto filial, dizia o alemão e, através dos seus olhos azues e muito claros, eu também lhe adivinhava o contentamento íntimo.

— Mas é esta a índia que o senhor diz ter mais de sessenta anos?

— Por que não? Era preciso que o senhor a tivesse visto antes do enxêrto.

E eu quedei-me a contemplar a rapariga, que não aparentava mais de trinta anos, de feições muito moças e formas roliças, e com os seios em plena apojadura.

O pequeno, tão depressa a teve a seu alcance, saltou-lhe ao colo e começou a focinhar-lhe o peito, enquanto a índia o acariciava, afagando-lhe o corpinho versudo.

— E as outras crianças que eu vi ontem aquí, uma de porte agigantado, e a outra muito pequenina?

— Já sei, apressou-se de me responder o alemão. Aquilo são uns estudos que estou fazendo a respeito da ação dos ácidos aminados sôbre o crescimento. E' possível que me venha daí qualquer coisa de interessante para o problema da longevidade. E, mudando de assunto, mas muito bem humorado, o Sr. Hartmann perguntou-me sorrindo: — Então, o senhor ainda me compara ao tal doutor... Sobresteve-se em postura pensativa por alguns instantes: — Aquele de ontem...

— Dr. Moreau?

— Sim... êsse mesmo.

Procurei desculpar-me. Aquilo fôra uma expansão irrefletida e que não deixava de ser justificada. Eu tinha visto apenas um quadro horrendo e capaz de revoltar a qualquer que não soubesse da sua finalidade. Os altos interêsses da ciência, entretanto...

— Eu logo vi que o senhor me compreenderia, como me hão de compreender mais tarde todos os homens inteligentes e cultos, interrompeu-me o alemão com a fisionomia radiante.

Achei de bom alvitre mostrar-me de perfeito acôrdo com o seu ponto de vista, e, dali por diante, já de regresso, mas sempre conversando animadamente, só tive aplausos para os seus trabalhos. Aliás, êsses trabalhos eram de tal

relevância e tão grandes e inesperadas as novas aquisições trazidas à ciência que, tirante a desumanidade dos processos experimentais, não haveria quem os deixasse de elogiar. Elogiei-os, portanto, na certeza de que não comprometia de todo a minha sinceridade e com a esperança de que, assim, mais fácil, talvez, me fôsse a liberdade.

De fato, eu estava alí à discrição do alemão e atitudes de revolta e manifestações de protesto, além de resultarem inúteis, assinalar-me-iam, como um possível denunciante dos seus atos, motivo, talvez, por que êle já pensara fazer-me prisioneiro.

Não me enganara. Pouco depois, dizendo-se cônscio das suas responsabilidades e sem receio das acusações que, acaso, lhe pudessem fazer mais tarde, advertiu-me:

— Estou certo de que não haverá um só homem de ciência capaz de levantar a sua voz contra mim, uma vez que possa ter diante dos olhos o resultado das minhas pesquisas e o valor das minhas descobertas. E' por isso que o senhor vai ter paciência, mas não me sai daqui enquanto os meus trabalhos não estiverem terminados e pudermos regressar juntos.

— Mas, professor, eu creio que o senhor não tem o direito de duvidar da minha palavra, se eu assumir o compromisso de uma absoluta reserva.

— Não, meu amigo, não insista. Eu já meditei muito sôbre isto e a sua partida nunca me poderia deixar tranquilo. Uma coisa é eu apresentar-me ao mundo como o autor de descobertas importantíssimas e outra, muito diversa, poder ser surpreendido aquí como um sanguinário vulgar ou qualquer louco da pior espécie.

Mas eu não me conformava com a situação e insistia sempre:

— E se eu lhe disser que tenho necessidade absoluta de estar no Rio de Janeiro o mais breve possível?

— Qual! Não há-de ser tanto assim... Quem se aventura por estas paragens dispõe prèviamente os negócios e um mês a mais ou a menos, não conta.

— Quando se trata apenas de meses, mas o senhor já está aquí há quase oito anos e ainda não me disse quando pretende voltar.

O alemão acalmou-me, falando sempre com bonomia, por maneira a atenuar o descontentamento que me causavam as suas resoluções:

— Por êste lado, não tenha sustos... Estou aquí apenas por mais uns três ou quatro meses... Maio ou Junho. Tôdas as minhas experiências já estão concluídas e aguardo apenas que o homínide se desenvolva um pouco mais e possa ser separado da mãe.

— E o senhor pretende levá-lo?

— Mas sem dúvida... Então eu vou perder a sua observação? Êle está agora no ponto mais curioso e começa a querer falar.

Lembrei-me então, dos seus estudos sôbre a afasia e aos quais o Sr. Hartmann não se referira mais.

— E a questão da afasia?

Êle parecia não esperar por essa pergunta e só me respondeu após ligeira hesitação. Como sempre acontece com quem se dedica à pesquisa científica e nunca pode ter planos preestabelecidos, o meio não lhe tinha sido favorável à elucidação das suas idéias sôbre a palavra escrita e falada. E' que as experiências só podiam ser feitas nos cérebros já desenvolvidos dos adultos e, pelas razões expostas acima, nunca conseguira um único indivíduo nessas condições. Demais, ainda que os conseguisse, seriam sempre uns tipos broncos e falando apenas uma língua, o que não satisfazia às necessidades da sua experimentação. E explicou-me o seu ponto de vista. Em cada cérebro, na sua opinião, há um centro principal da palavra, reservado

à língua materna. Êste centro é muito desenvolvido e a fonte única de tôdas as associações de idéias. À medida que o indivíduo adquire novas línguas, formam-se novos centros, mas sempre tributários do primeiro e de muito menor importância, pois que sem êle não conseguiriam a prefiguração das imagens. Os centros secundários superpõem-se ao centro principal como repetidos envoltórios que o cercassem inteiramente. E o Sr. Hartmann, a essa altura, para tornar mais compreensível a sua idéia, comparava o centro da palavra a uma esfera que pudesse ser posteriormente revestida de várias capas de pano. A esfera central maciça, seria o centro da língua materna e cada capa de pano representaria uma nova língua adquirida pelo indivíduo. Era isso o que êle queria provar pela experiência, mostrando que essas capas poderiam ser destruídas gradativamente e sem nenhum prejuizo das que se achavam abaixo. Assim, num indivíduo poliglota, poderiam ser eliminados sucessivamente, e à nossa vontade, tôdas as línguas que êle conhecesse, mas sempre, já se vê, começando pela que fôra adquirida mais tàrdiamente, e até chegar à esfera central, a última a ser destruída.

— Infelizmente, disse o Sr. Hartmann com pesar, faltam-me aquí os poliglotas. E... por falar nisso, o senhor estaria mesmo nos casos. Fala o alemão, o português, o francês... E logo, dominado pelo seu pensamento: — Qual foi a última língua que o senhor aprendeu?

— Foi justamente o alemão, respondí meio desajeitado.

— Pois eu era capaz de fazer o senhor esquecer por completo o alemão, guardando, entretanto, intacto o conhecimento do francês e do português. Mas parece que êle percebeu a expressão de aborrecimento na minha fisionomia, e, supondo-a causada pela pena de aprisionamento que me havia sido imposta, procurou animar-me: — Já basta de experiências e vamos falar noutra coisa. Olhe, meu amigo,

não se preocupe com a perspectiva de passar aqui mais algum tempo. O senhor, uma vez que já conhece os meus segredos, poderá gozar agora de muito mais liberdade e fazer passeios, caçadas e pescarias ao longe. Garanto que lhe não faltarão distrações. Já, para começar, o senhor poderá assistir, amanhã, ao cerimonial muito curioso do sepultamento da índia de que lhe falei. Depois, em Abril, será a grande Festa das Pedras Verdes, com a visita anual dos Guacaris, que se vêm congraçar com as Amazonas...

CAPÍTULO XI

SOB AS INGAZEIRAS

O cortêjo ia partir e quase toda a tribo estava reunida numa grande praça, à volta do catafalco em que repousava o cadáver da índia. Pela noite a dentro, à luz de fachos resinosos, fizera-se vigília à sua cabeceira, entremeada de danças e libações, cuja algazarra não nos permitira dormir.

O Pacatuba, impressionado com o acontecimento, não quisera assistir ao saimento fúnebre, mas eu bem cedo estava de pé, e, na companhia de Rosina, não perdia nenhuma das suas cenas.

Ao lado da morta, que sofrera uma espécie de embalsamamento e cujo corpo fôra ungido com mel e essências vegetais, tinham sido reunidas as suas armas e petrechos de caça e pesca. Enfeites vistosos, como cocares, tangas e braceletes, encobriam-lhe a nudez, e, sôbre a esteira de palmas em que descansavam os seus restos, não se via mais do que uma alcatifa de penas frouxeladas e multicores. As Amazonas traziam também os mais ricos ornamentos e, entre tôdas, dirigindo a cerimônia, destacava-se a figura da *Coia*, que ostentava à cabeça o garboso acangatar de penas rajadas. Foi ela quem soprou uma longa trompa, dando início ao desfile do cortejo e chamando a postos as seis Amazonas que deveriam carregar o ataúde. Passado o estrado para o ombro destas, que se distinguiam das outras porque tinham os rostos inteiramente pintados de preto, o préstito seguiu a passo vagaroso pelas principais ruas do aldea-

mento, até chegar a uma estrada larga e já aberta em plena mata.

Aí, fez-se ligeira alta, enquanto uma índia velha, abeirada do cadáver e dirigindo-se a todos, entrou a fazer uma fastidiosa oração, sempre na mesma toada e com voz arrastada e plangitiva.

— Ela faz o elogio da morta e recorda as suas virtudes, que a conduzirão à bemaventurança das montanhas altas e azues, — disse-me Rosina, que até então quase não falara e tinha o olhar empanado pela melancolia.

— E se ela não tivesse essas boas qualidades?

— Ah, então a sua alma vaguearia por aquí, até se encarnar no corpo de qualquer raposa ou outro animal daninho.

Mas a *Coia* soara novamente a trompa e o desfile recomeçava, agora mais cerrado, por entre as grandes árvores da floresta. O sol mal quebrara as barras e a mata ainda silenciava imersa numa luz tênue e difusa, que permitia a reverberação dos tocheiros.

Sempre a passo lento e cada vez mais internados no mato, já havíamos feito um bom percurso quando ouvimos, ao longe, os sons vibrantes de qualquer instrumento de sôpro. Imediatamente, e na maior das confusões, como se um grande perigo pesasse sôbre as nossas cabeças, todas as índias do séquito começaram a dar gritos lamentosos e partiram em fuga desabalada, retomando pelo caminho já percorrido. Junto dos despojos da morta, cujo ataúde ia ainda ao ombro das seis índias, só restava a *Coia*, que não parecia contagiada do pânico coletivo e marchava impávida à sua frente.

No meio de semelhante balbúrdia, estive também para desandar numa corrida louca, tanto mais louca quanto não sabia a que riscos estava exposto, mas a calma de Rosina, indiferente à aflição geral, dominou-me o impulso instintivo.

— Mas, afinal, por que foi tudo isso? inquiri, ainda um tanto desassossegado.

— Esta debandada foi por causa do jurapari, um instrumento sagrado e que só pode ser ouvido pelos iniciados. O senhor não ouviu aquêles sons ao longe? Pois são dele. E' que o sepultamento não deve ser assistido por ninguém e algumas índias dão êste aviso para que o cortejo se desfaça a tempo de não ser conhecida dos presentes a árvore em cujo tronco deve ser depositado o corpo da morta. E, diante da minha surpresa, Rosina prosseguiu os seus esclarecimentos: — Ah, o senhor ainda não conhece o ritual das Amazonas... Não, aquí não se enterra ninguém. Os cadáveres são sepultados em pé, no ôco do tronco de algumas árvores, preferentemente naquelas sôbre as quais já se implantou o apuizeiro, um mata-pau muito comum por aquí.

— Oh! mas eu quero ver isso, exclamei num entusiasmo mal contido.

E diante dos meus olhos, numa visão dos bosques votivos da Grécia, prefigurei a imagem dessas novas hamadríades, de longas cabeleiras verdes esparsas ao vento e que sensificavam com a sua seiva o corpo das virgens mortas.

— E' inútil. Elas não deixam, dissuadiu-me Rosina. Eu já fiz tudo para ver se acompanhava uma dessas cerimônias até o fim, mas nunca obtive o consentimento da *Coia*. Parece que isso iria ferir fundo certas superstições arraigadas às tradições da tribo.

— Mas, então, nós temos que voltar? concluí, mal disfarçando o meu descontentamento e acompanhando com o olhar o pequeno cortejo, que se sumia a distância, cada vez mais embrenhado no mato.

— Temos, mas não faz mal. Daquí, já é meio caminho para um outro ponto que lhe quero mostrar. E' um recanto

muito pitoresco, à beira de um igarapé todo cercado de ingazeiras, e onde costumo tomar banho.

Daí por diante, freqüentemente repetí o mesmo passeio. Às vezes, ia só com Rosina, de outras acompanhavam-nos o Pacatuba ou Malila, quando não os dois. O sítio era, na verdade, encantador e, não raro, levávamos um farnel, de maneira a fruir-lhe as delícias por mais tempo.

O alemão, conquanto irrevogável no propósito do nosso aprisionamento, permitia-me a vida mais independente possível e facilitava-me meios e modos de passar dias alegres e distraídos. Nisso, talvez, houvesse um pouco de conveniência da sua parte, pois que, assim, eu o deixaria mais desembaraçado para o prosseguimento das suas pesquisas. Parecia-me mesmo que usava dêsse estratagema para manter-me afastado do seu campo de experimentação, onde nunca mais me levara, desde a primeira e única vez em que o visitáramos juntos.

O gôzo dessa ampla liberdade, que me facultava passeios e excursões a grande distância, levava-me a ajuizar, entretanto, de como o alemão estava seguro do meu cativeiro. De fato, êle não consentiria jamais que eu me alongasse tanto das suas vistas, se não tivesse certeza de que fracassaria por completo tôda e qualquer tentativa de fuga que, acaso, eu viesse a fazer.

O Pacatuba, cada vez menos conformado com a perspectiva de "morrinhar" por aquelas paragens, já várias vezes me apontara essa solução, como a única capaz de resolver o nosso caso. Todavia, como fruto das minhas muitas conversas com Rosina e Malila, não me escapavam os múltiplos perigos a que seríamos arrastados se experimentássemos realizar de afogadilho um lance tão arriscado como aquele e, por isso, quando o meu companheiro me falava em semelhante assunto, eu limitava-me a pedir-lhe

calma e reflexão até que encontrássemos algum alvitre garantidor do pleno êxito dos nossos desígnios.

Sem dúvida o Pacatuba ainda mais pressa teria de fugir àquela situação, se conhecesse a natureza dos trabalhos a que se dedicava o professor Hartmann. E' que se a sua alma rústica tinha sensibilidade bastante para compreender o horror das experiências sôbre o vivo, a instrução não lhe abrira clareiras por onde o espírito pudesse descortinar os altos interêsses da ciência.

Foi por isso que me fechei à sua curiosidade e, depois da visita aos domínios do Sr. Hartmann, quase nada lhe disse do que me fôra dado ver e observar. A enfiada das suas interpelações, cada qual mais estapafúrdia e desconcertante, respondi com uma fórmula geral, explicando que o alemão, como eu já supunha, era mesmo um sábio que a exemplo de outros, tinha vindo do estrangeiro para estudar as nossas plantas e os nossos bichos.

— E a tal criancinha que o senhor viu numa gaiola?

Fiquei um pouco desapontado com esta pergunta, mòrmente porque não me lembrava mais que lhe houvesse feito semelhante revelação. Contudo, arranjei uma resposta aceitável:

— Ah, não era uma criança. Só depois que cheguei mais perto, foi que vi o meu engano; era mesmo uma preguiça.

— Ora, *seu* doutor! E o senhor tomou uma preguiça por uma criança? E depois de aplicar as mãos sôbre os joelhos e romper numa gostosa gargalhada, êle concluiu: — Engraçado!

— Que é que você quer? Eu estava muito distante...

— E êsse homem vem de lá, de tão longe, só para lidar com preguiças?

— Não, com preguiças e outros bichos. A preguiça, porém, deve interessar-lhe muito, porque não existe no seu país.

Mas êle, sem dar tento às minhas palavras, teve a seguinte reflexão:

— Qual! Há gente pra tudo neste mundo. Pois, então, um homem dêsses, que já não é moço, e até já está na idade de gozar do seu descanso, vir perder-se nestes cafundórios só pra lidar com preguiças, quando podia estar tão bem lá na sua terra, comendo, todos os domingos, um frango assado na sombra do arvoredo?!

Para a simplicidade do Pacatuba, não havia *otium cum dignitate* sem o frango dominical à sombra do arvoredo.

O que foi reserva junto do meu companheiro, transformou-se em vasta parolagem ao lado de Rosina. Dei-lhe as impressões de tudo o que me mostrara o Sr. Hartmann e ressaltei a surprêsa que tivera com a importância das suas descobertas.

— Mas deve ter também ficado horrorizado, seja franco... E' por isso que eu nem vou lá e prefiro viver na ignorância do que êle faz, — disse-me ela, depois que lhe relatei todos os trâmites da visita.

— Sim, na verdade, é êsse o primeiro sentimento que se experimenta e foi por isso que não me contive no primeiro dia. Mas depois que a gente se convence do alcance dos seus estudos e sabe que êle só se aproveita de crianças irremediàvelmente perdidas...

— Ah, bem se vê que o senhor é médico.

Diante do seu protesto, busquei tornar-me mais preciso:

— Não, eu não quero dizer que esteja de acôrdo com êle... A experimentação sôbre o homem sempre me revoltou e tem a minha mais formal condenação. Contudo, há outros exemplos na ciência e êle parece ter argumentos e coragem bastante para defender o seu ponto de vista.

— Isso é em que eu não acredito — volveu Rosina ainda cheia de indignação. O senhor acha, então, que êle se poderá defender de ter inutilizado um homem forte e

sadio, que não apresentava coisa nenhuma, mas que teve a infelicidade de lhe cair entre as mãos?

Hesitei, perplexo, sem saber a quem se referia.

— Mas quem é?

— O sírio... Aquele em quem êle está fazendo estudos de afasia. O senhor não o viu? Ah, é porque não lhe convém. Êle sente tanto a sua culpa, que não teve coragem para lhe mostrar êsse.

E Rosina referiu-se a um regatão sírio que, como nós, fôra, por engano, trazido até a tribo e do qual o marido se aproveitara para fazer umas experiências sôbre a localização dos centros da palavra. Trepanado à fôrça, o Sr. Hartmann conseguira produzir-lhe o esquecimento completo do português, que êle já falava com certo desembaraço, e o pobre homem ficara reduzido a expressar-se apenas na língua materna, ganhando, ainda por cima, como conseqüência da intervenção, uma paralisia do braço direito.

Nada me surpreendera tanto como esta revelação, sobretudo porque o alemão, quando inquirido sôbre o mesmo assunto, me afirmara não ter podido dar solução ao problema da afasia pela falta absoluta do material que lhe era indispensável. E veio-me logo à lembrança a sua tão triste idéia de me tomar como exemplo de um dos tipos que seriam necessários à comprovação das suas teorias. Disso dei conhecimento a Rosina, narrando-lhe, pormenorizadamente, toda a conversa que tivera com o marido. Longe de afastar as dúvidas e receios que começavam a me ensombrar a imaginação, Rosina advertiu-me:

— E pensa que êle já não se lamentou muitas vêzes por não poder fazer com o senhor o mesmo que fêz com o sírio? E como eu a fixasse em ar de dúvida, ela confirmou: — Posso-lhe garantir que sim. Êle é um homem que só enxerga os interêsses da ciência. E se eu disser

que êle quis fazer comigo o tal produto que conseguiu depois pelo cruzamento de uma índia com o macaco?

— Não é possível! protestei com violência.

— Ah, agora o senhor se revolta. Pois quis. Êle achava que a índia é uma mulher muito bronca e fêz tudo para que eu me submetesse à fecundação artificial, alegando que, assim, o produto sairia melhor e com outras qualidades de inteligência.

Rosina tinha os olhos faülhantes e vibrava de indignação ao referir-me estas coisas. Depois, numa transmutação brusca, calou-se e as lágrimas escorreram-lhe quentes pela face abaixo.

Estávamos, então, sob as ingazeiras. Malila, que viera conosco, andava por longe, correndo as praias, à cata das frutinhas do guajará. Sentados bem juntos, passei o braço pela cintura de Rosina e trouxe-a mais a mim, num gesto carinhoso:

— Não se aflija tanto... Eu estou agora a seu lado.

Ela suspirou fundamente e envolveu-me num olhar compassivo e terno:

— Foi mesmo uma felicidade o senhor ter sido trazido até aqui. Depois da sua chegada, eu me senti logo outra e criei alma nova.

Filtrava-se-me no sangue a exultação da natureza ambiente e as minhas narinas arfavam sentindo um aroma delicioso. Seria o perfume do seu corpo ou a fragrância das corolas recém-abertas, da erva tenra e dos frutos maduros? E os nossos lábios se colaram num longo beijo...

Quando Malila apareceu, já nos encontrou voltados à palestra e concertando com mais calma os planos de regresso. Rosina dissuadia-me de pensar em qualquer projeto de fuga e repetia-me o firme propósito em que estava o marido de partir dentro de três a quatro meses. Mais

valia, portanto, ter um pouco de paciência e esperar até aquela época.

— E se êle adiar mais uma vez a viagem?

— Não, desta vez eu não creio. Há muito que êle pretende regressar em Maio ou Junho.

— Se não lhe surgir, de repente, um novo problema a resolver, insisti, sempre desconfiado.

— Ah, mas, então, eu tambem não esperaria por êle e seria a primeira a acompanhá-lo na fuga, afiançou Rosina, encarando-me bem a fito.

Malila, sempre irriquieta, logo depois chamava a nossa atenção para a copa de uma das muitas ingazeiras que se debruçavam sôbre o rio, e onde um lindo casal de araras azues, de papo muito amarelo, mutuava carícias no aconchego das franças verdes. E ela, a sorrir, olhava maliciosamente para nós. Seria que a índiazinha, espreitando-nos de longe, tivesse lobrigado alguma cena do nosso enlêvo de pouco antes?

Êsse sítio, à sombra das ingazeiras, passou a ser o recanto preferido para os nossos encontros. A pretexto de banhos que, na verdade, muitas vezes, tomávamos juntos, os passeios se tornavam muito fáceis e nunca despertaram a menor suspeita no alemão. Aliás, já sucedera que eu passasse dois e mais dias sem o ver, tanto o homem andava azafamado com os seus estudos. Não resta dúvida, também, que nós, por vêzes, fazíamos verdadeiros piqueniques, saindo de manhã, bem cedo, e só regressando ao aldeamento já ao escurecer.

Nessas ocasiões, o Pacatuba e Malila acompanhavam-nos sempre e, então Rosina e eu usávamos de mil cautelas para que nenhum dos dois se apercebesse dos sentimentos que nos uniam.

Junto ao igarapé, nunca nos faltavam distrações, se é que estas fôssem precisas, e, conforme a hora do dia, já

sabíamos os espetáculos que poderíamos apreciar. Assim, de manhãzinha, era comum ver um grupo de lontras que foliavam no riacho, saltando fora dágua e, depois, deslizando mansamente sôbre a corrente, tão chatas que simulavam verdadeiros peixes; ou, então, as antas que vinham focinhar num barreiro próximo, à cata de sal. Ao pino do sol, apareciam os mutuns que, saindo cautelosos da mata, desciam até as praias, onde se vinham dessedentar. À tardinha, já ao lusco-fusco, tínhamos a visita infalível das borboletas crepusculares, de vôo divagante e grandes asas oceladas. E havia ainda a revoada dos japins, que iam e vinham numa faina pertinaz, trazendo as fibras do açaí com que construíam os seus longos e balouçantes ninhos sob as árvores ribeirinhas.

Foi aí, depois que se fizera a nossa intimidade, que Rosina me contou as circunstâncias do seu casamento. Com menos de dezoito anos e quando apenas terminara a educação num colégio de freiras, ela se vira na contingência de aceitar a côrte do Sr. Hartmann, tido por todos os seus como um excelente partido, que fôra loucura desprezar. Aproximara-a do professor, um dos seus irmãos, também médico, e que com êle fizera relações de amizade, durante uma viagem à Áustria. Mais tarde, o Sr. Hartmann, vindo à França, tivera oportunidade de freqüentar a casa de sua família e, em pouco, dando mostras de estar muito apaixonado, pedira-a em casamento.

A diferença de idade entre ambos, a diversidade de raças, as esquisitices do alemão, homem maduro e maníaco da ciência, — tudo estava a indicar o desacêrto daquela união. Infelizmente, ela era inexperiente demais para enxergar o que só os seus poderiam ter previsto. Depois de dois anos de uma vida tristíssima em Viena, pois o marido, sempre entregue às suas pesquisas, passava a maior parte do tempo nos laboratórios e deixava-a inteiramente

sòzinha, foi que viera ao Sr. Hartmann a idéia daquela viagem, que logo lhe alvoroçara o ânimo, na esperança de dias mais alegres e felizes. Ela mal sabia, entretanto, do pior degrêdo que a esperava, quando se visse ainda mais longe dos seus e perdida por longos anos entre as florestas da Amazônia.

— Foi por isso que eu me senti renascer, quando meu marido me disse que os índios, por engano, haviam trazido até aquí um rapaz civilizado e que falava bem o alemão e o francês, — disse-me Rosina ao finalizar a sua narrativa. Não sei por quê, mas tive logo o pressentimento de que nos haveríamos de entender muito bem, caso você se demorasse aquí por algum tempo.

— Mas, então, foi você que arranjou para que eu ficasse prisioneiro, observei a gracejar.

— Oh, não diga isto. E ela achegou-se mais de mim e tomou-me as mãos com brandura. Eu não sou tão egoista assim. Diga antes: há males que vêm para bem... Não é verdade?

*
* *

Uma tarde, quando retornávamos do passeio habitual, Rosina parou de súbito, para mostrar-me uma árvore à nossa direita.

— Olhe, isto é que é um apuizeiro.

Voltei-me e vi uma grande árvore, de folhagem larga e tronco noduloso e encodeado, a prolongar-se em longas sapopemas.

— Mas aquí eu só vejo uma árvore e você me disse que é um mata-pau que se parasita sôbre outra...

— Sim, mas é justamente porque êste é muito velho e matou completamente a árvore que estava por baixo. Olhe, venha ver dêste lado. E ela apontou-me um pequeno

trecho de tronco onde ainda se podia lobrigar o lenho podre do madeiro que fôra totalmente abarcado pela parasita: — E esta parece já ter servido de sepultura. Não vê o mato como está limpo à sua volta? Mas deve ter sido há muito tempo, quando ainda era possível chegar ao oco do pau pobre. E, logo, olhando as redondezas: — Oh, mas isto está cheio de apuizeiros! Olhe mais um aquí, outro alí, dois lá adiante, outros ainda mais no fundo. Eu aposto que isto já foi um cemitério das Amazonas e que dentro de cada um dêsses troncos, verdadeiras urnas funerárias, deve haver o esqueleto de uma índia.

Veio-me novamente a imagem das hamadríades e, se me pedissem, eu não encontraria fôrças com que arrancar uma só fôlha daquelas árvores, de cujas ramas se me afigurava que a seiva deveria escorrer de mistura com sangue.

Rosina, calada por alguns instantes, acrescentou por fim:

— Se eu morresse por aquí, queria ter um túmulo dêstes. Assim, ao menos, parece que a gente não se acaba de todo e ainda fica a viver no verde dessas fôlhas.

Percebí que a emoção lhe estrangulava a voz e enlacei-a pela cintura:

— Mas o melhor é não morrer. Não vale a pena pensar nisso.

— Por que não? Depois que estou aquí, já estive muito doente uma vez e pensei que não me levantaria mais. Foi, então, que mandei chamar a *Coia* e lhe pedí me prometesse que eu seria sepultada como as Amazonas.

E silenciosos e muito unidos, começávamos a caminhar por entre aquelas árvores, quando estremecemos de súbito, ouvindo um ruído estranho e impressionante, como o clamor confuso de muitas vozes que, entre gemidos e lamentações abafadas, se houvessem concertado para uma mesma prece, balbuciada em surdina. Mas não era nada. Apenas o vento fremia entre a folhagem dos apuizeiros.

CAPÍTULO XII

PASSATEMPOS

Continuava a migração das aves e, de norte a sul, como cirros muito alvos, bandos plumosos riscavam o azul do céu. Notando que eu me deleitava com aquele aspecto, o professor Hartmann sugeriu-me:

— Por que não vai surpreendê-los a meio caminho? E' muito interessante. As Amazonas sabem dos seus pousos preferidos e costumam ir caçá-los.

— Mas são garças?

— Não, são principalmente passarões ou *cabeças de pedra*, as cegonhas daqui. Essa migração dá-se todos os anos e é um sinal certo de que as águas do Orinoco já estão subindo. À proporção que os lagos e baixios começam a desaparecer naquelas paragens, êles transvoam a outras regiões, ainda em vasante, e onde mais fácil lhes seja a procura do alimento. Em Setembro, com a descida do Orinoco, êles voltam novamente ao norte.

Na tarde seguinte, depois de um agradável percurso, em montaria, pelo rio abaixo, fui ter com Malila e outras índias a um espraiamento, cortado de baías e poções, onde o peixe piriricava, quase a sêco. Era aí uma das etapas habituais das longas transmigrações e à qual acudiam sempre as aves viajeiras, atraídas pela fácil mariscação à beira das lagunas.

Chegámos com dia ainda claro e o sítio estava deserto. Todavia, a conselho das índias, pusemo-nos logo de tocaia,

embuçados pelo mato alto e ao sopé de um comprido açacuzeiro, para que a nossa presença não afugentasse as primeiras revoadas.

Horas depois, quando o sol entrava a descambar, assisti ao mais belo espetáculo que imaginar-se possa.

De espaço a espaço, mas sempre em imensas chusmas, os passarões calavam-se serenamente do azul e de asas ao pairo, revoluteando em lindos vôos espiralados, vinham ter às nossas vizinhanças. Era tal a profusão dos corpos brancos que se diria uma abundante e singular nevada, caindo de chofre sôbre as galas da natureza verde. E, para que maior ainda fôsse a ilusão, à medida que as aves baixavam, as árvores iam-se vestindo de uma nívea florescência, que lhes tomava, a pouco e pouco, os troncos e os galhos e, surgindo aquí em pequenos flocos, rompendo alí em largas manchas, alastrava-se pelos ramos acima até assenhorear-se de tôda a copagem, que se enfunava então no mais esplendente dossel de arminho branco. E, assim, por todos os lados, uma alcatifa de penas cândidas e frouxeladas, que afestoava a vegetação, cobria o solo, coalhava os lagos e se estendia pelas ribanceiras além, branquejando as perspectivas.

Não foi preciso deixar o esconderijo para que a caçada resultasse proveitosa. Sopradas hàbilmente pelas índias, às ramas do açacuzeiro, também repletas de passarões, iam ter as setas sutis e envenenadas das zarabatanas, e as pobres aves malferidas tombavam uma a uma aos nossos pés, sem que as suas companheiras desconfiassem do inimigo que as atraiçoava.

*

* *

A flor dágua, percebia-se um ponto escuro e imóvel. Eu diria uma pedra, se Malila não me afiançasse que era um jacaré.

— Quer ver como eu vou pegá-lo?

Sorri incrêdulo, mas ela, sem esperar resposta, recomendou-me que ficasse por alí mesmo e logo desapareceu da minha vista.

Passados alguns instantes, ei-la que surge entre o capim da beirada oposta. Marchava cautelosa e trazia um longo fio, provàvelmente qualquer embira de cipó, a escorrer-lhe dos cantos da bôca. A cada passo, redobrava de astúcia e já andava de rasto, cosida aos pedrouços da ourela do poção. Assim conseguiu chegar até um grande lajedo, que se adentrava pelo rio, em respaldo íngreme e sobranceiro. Foi aí que se acocorou, bem no tôpo do alcantil, mas velada por uns esgalhos, e ficou a atentar longamente para a sua prêsa, o mesmo ponto imóvel e escuro, já então pertinho.

De repente: catrapuz! Malila jogara-se sôbre o jacaré. Mal tive tempo de desferir um grito, enquanto a água espadanava por todos os lados e ela surtia a meio busto, abraçada ao dorso do enorme sáurio. A luta era feroz e o monstro, tomado de surprêsa, rabeava enfurecido, de cabeça aprumada e fauce hiante. Mas foi só um momento e ambos mergulharam rápido, sumindo-se num turbilhão de espuma. Logo a seguir, já nas minhas vizinhanças, nova agitação da água e Malila que aparecia outra vez, sempre às carranchas no animal. Aí, porém, a fera já não estava tão impetuosa, pois que a indiazinha conseguira voltear-lhe fortemente a mandíbula com a corda levada entre os dentes.

— Êste está pronto, disse-me ela com o rosto aclarado por um sorriso de satisfação. E puxando a sua prêsa pela ponta da embira, pôs-se a nadar calmamente em direitura a mim.

— Mas, como é que você faz uma coisa destas, perguntei, boquiaberto, quando ela alcançou a praia e já estava a salvo de qualquer perigo.

— Isso não é tão difícil como o senhor pensa. Basta um pouco de fôlego que dê para passar o laço enquanto o jacaré está debaixo dágua e tem a bôca fechada. Tudo é se ter as pernas bem prêsas à volta do seu corpo, para ficar com os braços livres e poder trabalhar ligeiro, porque êste bichinho é muito mau, e, às vêzes, quando mergulha, faz manha e não quer mais voltar à tona. Então, é preciso não perder tempo e calcar fundo nos seus olhos, o que só se pode fazer com a mão esquerda, porque a direita já deve estar ocupada no arrôcho do queixo. Também, quando a fisgadela é boa, êle vem direitinho pra cima, que nem peixe tinguijado.

E o que lhe parecia coisa tão simples, avultava aos meus olhos como façanha incrível, ante a figura do horrendo sáurio, com mais de dezoito pés de comprimento.

*
* *

Outra vez, vi caçarem-nos em sêco.

Sob a torreira do sol, os jacarés aletargavam-se em bandos, na putrilagem de um lagoeiro enxuto. Por êle enfiaram as Amazonas, dispostas ao embate com as feras e todas armadas de igual maneira: longas varas na mão esquerda e toletes de pontas bem aguçadas à dextra.

Os sáurios eram despertados a golpes de vergasta e quando se enfureciam e vinham sôbre as índias, estas lhes metiam o braço pela guela a dentro, até que as duas fisgas do tolete se lhes cravassem no céu da bôca e fundo da garganta. Isso acontecia no mesmo instante em que os animais, no auge do exaspêro, buscavam contrair as man-

dibulas e rilhar os dentes sôbre a pitança que lhes viera ter espontâneamente aos gorgomilos. Então, já desqueixados, e quase inofensivos, outras índias os iam matando, com fortes mocadas na cabeça.

*
* *

Era cada vez mais dócil o meu paladar. Na véspera, as índias serviram-me carne de jacaretinga, e, poucos dias antes, não me soubera mal certo guizado preparado com as larvas brancas, que são encontradas no ôlho de algumas palmeiras. Agora, sôbre a trempe de um pequeno moquém, Malila acabava de preparar-nos um mexido de ovos de lagarto com farinha dágua.

O Pacatuba careteava à vista do acepipe e avisava de antemão que não o provaria.

— Diga-lhe que não é tão ruim assim e que vale a pena experimentar...

Transmiti-lhe o conselho de Rosina, mas êle não quis voltar atrás, embora sentisse fome.

— Você, Pacatuba, com estes luxos, me está lembrando a história de certa índia velha que, doente e muito enfastiada, torcia o nariz a tudo quanto lhe ofereciam. Vendo que ela se finava de inanição, os parentes lhe perguntaram o que, acaso, poderia agradar ao seu paladar, e a velha respondeu que, com o estômago fraco como estava, só se fôsse o bracinho tenro de uma criança recém-nascida. Você estará nos mesmos casos?

*
* *

O lago sobejava em peixe e de instante a instante a água piriricava.

De pé, sôbre o banco da proa, Malila empunhava um longo arpão e alerta aos mais leves movimentos da superfície líquida, boquejava-me baixinho o nome dos peixes, que, dentro em pouco, estariam cravados na sua fisga:

— Pirarucu... Peixe-boi... Tucunaré... Tambaquí... Pirapitinga...

E sem que houvesse possibilidade de engano, sucessivamente iam sendo apressados os pirarucus de escamas rubras, monstruosos peixes-bois, carnudos tambaquis, saborosos tucunarés.

— Mas como é que você pode adivinhar o peixe que está debaixo dágua?

— Eu não adivinho nada, mas estou vendo e ouvindo. O pirarucu, quando vem boiar, mostra a fita vermelha das costas; o peixe-boi dá um assobio abafado...

E sempre na pequena montaria, nós proejavamos para a orla de vegetação, onde os cetáceos gostam de vir pastar, comendo os brotinhos novos.

Às vêzes, o lago estava saru e as suas águas se encrespavam, batidas por uma brisa ligeira.

Então, sem perder tempo, Malila recolhia os petrechos de pesca e observava-me com ar tristonho: — Hoje não se apanha mais nada: é a mãe da canarana que já anda por aquí.

E ela apontava-me a margem fronteira, onde o *vento de baixo* começava a ziziar entre as franças do matupá.

De uma feita, quando nos preparávamos para uma dessas pescarias, surpreendí-a amarrando um môlho de fôlhas verdes na proa da embarcação.

— São ramas de tajurá, disse-me ela. Isto chama o peixe e não deixa que a gente volte panema.

*
* *

O alagadiço secara e a vasa imunda atraía o bando ligero e gracioso dos pernaltas. Do agigantado tuiuiu à minúscula jaçanã, ia o alvorôço de mil asas. Eram colhereiras coralinas, magoaris e garças brancas, socós pedreses, guarás flamantes e arapapás pardacentos. Entre todos, porém, a destacar-se pela esbelteza do porte e linda plumagem rósea, surgiam os esguios flamingos ou *gansos do norte*.

Por astúcia de Malila, tive um dêles, bem vivinho, entre as mãos, e pude soltá-lo depois, para apreciar de perto o seu alor pela praia afora, até que se alçasse no ar diáfano, com a forma perfeita de uma cruz, de asas retesas e pernas longamente estiradas para trás.

*
* *

Um leve riço nas águas, que se sombreavam a distância, numa mancha quase imperceptível, e a flecha partia certeira, em tiro de elevação. Atingida, a tartaruga mergulhava logo, mas já levando na carapaça a fisga da sararaca. Então, era só impelir a canoa e procurar a haste leve, que ficara de bubuia. Esta, conquanto desligada do arpéu pelo choque de encontro ao casco do quelônio, permanecia unida ao mesmo por um fio longo e resistente, que se ia desenrolando à medida dos movimentos do animal. Uma vez achada a haste e recolhida a linha com manobras ágeis e delicadas, trazia-se a tartaruga até o rebordo da embarcação, onde já a esperava a ponta aguçada e mais forte de um outro chuço, o *itapuá*.

E como eu me espantasse do tamanho de uma dessas tartarugas, Malila observou-me:

— Foi pena que você chegasse aquí tão tarde, pois, do contrário, iríamos juntos às praias de viração, quando elas vêm desovar e, então, é que você ia ver o que é pegar tartarugas aos montes.

*
* *

Dava gôsto viajar com as Amazonas. A natureza pertencia-lhes e tanto na terra firme, varando as grandes florestas, como sôbre as pequenas ubás, cruzando e recruzando os rios caudalosos ou a rêde dos lagos e igarapés, não havia perigos e escolhos que se lhes antolhassem.

Elas conheciam e imitavam o pio de todas as aves, liam na superfície das águas o nome do peixe que ainda estava submerso, tinham engodos e armadilhas especiais com que atrair e apanhar as suas embiaras, nadavam ligeiras como lontras, subiam à grimpa das árvores mais linheiras e agigantadas e, às vêzes, ùnicamente pelo olfato, adivinhavam os animais que se acantoavam à distância.

De uma feita, só porque eu lhe elogiasse a beleza da florada, Malila, com rapidez extranha, subiu pelo tronco polido de um pau-mulato e, em pouco, lá do alto, era uma chuva de pétalas sôbre as nossas cabeças.

*
* *

Mas como se demorou!

— E' que as índias se afastaram muito e tivemos de dormir na mata.

— Cheguei a recear que houvesse fugido...

— Sem você?

E tomei-a entre os braços, beijando-a longamente.

Isso era à sombra das ingazeiras, num instante em que o Pacatuba nos deixara a sós.

— E gostou? inquiriu ela, com o rosto ainda achegado ao meu.

— Sim... Tive o *frisson* e vi a Amazona que deu a primeira zagaiada, quando a onça chegou acossada pelos cães. Mas eu não corria risco algum e estava sôbre um mutá bem seguro. Já vê você que podia ter ido comigo.

— E pensa que foi por mêdo que o não acompanhei? Não! Foi porque meu marido não quis. Êle já previa que o passeio ia ser longo e eu lhe faço falta nos arranjos domésticos.

*

* *

Compensando a sua ausência durante a caçada de onça, dois dias depois Rosina acompanhou-me num outro passeio.

Com o Pacatuba e Malila, fomos à apanha da castanha e passámos o dia todo à sombra de uma espêssa floresta, por onde andavam também as Amazonas, à cata dos preciosos ouriços. Como as índias, todos nós, ao penetrar no castanhal, protegemos a cabeça com grandes rodelas de madeira. Assim ficaríamos ao abrigo da pancada dos volumosos frutos que, caindo de considerável altura, muitas vêzes são causa de graves acidentes.

Felizmente, as fortes chuvas do início do inverno, alternadas com horas de sol intenso, tinham abatido os ouriços mais maduros e foi só esmiuçar o chão e dar trabalho aos machados, para que pudessemos encher muitos aturás com as saborosas castanhas.

Resguardados pelos enormes chapeirões de pau, tínhamos a figura de monstruosos cogumelos deambulantes, e não era à-tôa que as cutias, também já no farejo da guloseima, se escapuliam aos saltos, mal nos avistavam.

Nessa tarde, quando regressávamos, uma formidável

tempestade surpreendeu-nos na mata. O mar de frondes verdes encapelara-se de súbito, estopetado por ventania louca, que ululava com voz rugidora e ameaçante. Os pegões eram contínuos e ia no ar a zanguizarra das franças atritadas e o remoinho das fôlhas sôltas e dos galhos partidos. Por vêzes, tinha-se a impressão de que as árvores não resistiriam às lufadas mais fortes, que lhes vergavam os troncos e torciam as ramas, abrindo clareiras por onde se divisavam nesgas de um céu de chumbo. E fêz-se a noite na floresta, uma noite espessa e tormentosa, entrecortada apenas de onde a onde pela fosforescência lívida dos relâmpagos. As bátegas caíam pesadas enquanto os trovões restrugiam sôbre as nossas cabeças, aumentando a atoarda do furacão em que se ouvia o alarido de mil bôcas em rinchavelhadas histéricas, úivos, urros e assobios. Não seria maior a algazarra se uma multidão de gigantes andasse às soltas, resfolegando uma pocema de guerra.

Encolhidos entre as sapopemas de uma sumaumeira, tínhamos as caras de quatro náufragos e olhávamos uns para os outros. Malila, mais calma, observou-nos: — Isto é a mãe do mato que está zangada.

A seguir, abrindo a cestinha a tiracolo, começou a esfregar-se pacientemente com a tinta vermelha do carajurú, que a protegeria da ação do raio.

*
* *

À orla do lago, entre os taxizeiros em flor, uma pequena feitoria, onde as Amazonas espostejavam o pescado.

Vendo aquelas índias, todas de "ledo aspeito e risonha vista", como diria o padre João Daniel, perguntei ao meu companheiro:

— Então, Pacatuba, não te agradaria uma destas índias?

E êle, logo, muito formalizado:

— Qual, *seu* doutor! Deus me defenda de uma miséria destas. Eu sou o homem da família e não sei comer um doce de tostão longe dos meus.

* *
*

Por vêzes, nas noites escuras, fazia-se piraquera e à luz de grandes fachos, com as montarias bem unidas, entrávamos pelas lagoas e igarapés. Melhor do que na lenda cristã, reproduzia-se, então, o milagre de Tiberíade e o peixe encandeado, saltando às tontas fora dágua, vinha abarrotar as nossas canoas.

*
* *

Malila pusera-me qualquer coisa na mão, e que eu não conseguia reconhecer.

— Isto é ôlho de bôto vermelho, disse o Pacatuba, vindo em meu auxílio.

— Ôlho de bôto vermelho? E pra quê serve?

— Então, *seu* doutor não sabe? E êle fêz uma visagem maliciosa.

— ?

— E' que essa bugrinha está embeiçada pelo senhor...

— Ora, Pacatuba!

— E seu doutor duvida? Não duvide não... Ela não lhe trazia êsse presente se não gostasse do senhor. E' que o ôlho do bôto vermelho tem mundruga e faz pegar paixão por quem o deu.

Contei a Rosina o que Pacatuba me disse. Ela sorriu: — Quem sabe lá? Depois corrigiu-se: — Mas seria difícil... Não há maior crime entre as Amazonas do que

fugir às tradições da tribo e eu não conheço exemplo de nenhuma índia que se houvesse desviado, quer quebrando a virgindade antes do tempo, quer entregando-se a outro homem que não um Guacari. Então a um homem branco?!

*
* *

De manhã, a *Coia* reunia as Amazonas, para determinar-lhes os serviços e distribuir-lhes comissões.

Umas iam à caça ou à pesca e, depois de convenientemente apetrechadas, partiam em várias direções. Outras recebiam tarefas especiais e, ora marginavam os furos e igarapés, à procura da baunilha, ora enfiavam pelos grandes rios, até chegar às cachoeiras, onde viçasse o cururú; ou já embrenhadas pelo mato, iam ainda à cata do mel, dos frutos silvestres e do óleo de umiri.

Então, não havia mais do que acompanhá-las para que os meus dias derivassem alegres e distraídos, sobretudo quando Rosina era do grupo e, já afastados da tribo e bem longe das vistas do alemão, eu me esquecia do seu laboratório.

CAPÍTULO XIII

A FESTA DAS PEDRAS VERDES

Abril findava e nos lagos, com a volta das águas, começavam a aparecer as grandes flores da vitória-régia.

Naquela manhã, despertara-me desde logo a atenção o desusado movimento da maloca. Eram índias que iam e vinham de um lado para outro sempre na mesma dobadoura e entregues a ocupações diversas. Muitas delas, saídas das matas mais próximas, passavam arrastando grandes fôlhas de palmeira; outras sobraçavam longas varas de taquara, esteios, galhos ainda com rama e, também, volumosos feixes de sacaís. Algumas, e estas como se partissem do *tambo* em que a *Coia* me fora apresentada, traziam cuiambucas e igaçabas à cabeça ou, então, surgiam acurvadas ao pêso de balaios transbordantes e alçados às costas por meio de uma faixa de embira, que lhes cingia a fronte. Tôdas se encaminhavam em direitura ao casarão das Amazonas, diante do qual, na larga praça, parecia-me lobrigar outras índias, de igual maneira azafamadas.

— Que furdunço será êste? inquiria o Pacatuba, achegando-se de mim, no copiar, e também curioso daquela cena.

— Oh! seu dorminhoco!

— E *seu* doutor pensava que eu dormia? Dormia nada! Eu trago mas é o corpo muito moído e não tinha coragem de me levantar.

— Com essa cara? Você ainda está com os olhos sumidos e empapuçados...

— Qual, *seu* doutor, dormia não... Eu vi quando o senhor saltou da rêde e veio cá para fora.

— E por que não me falou?

— E' porque eu hoje amanheci abichornado e sem vontade de conversar. O Pacatuba hesitou por alguns instantes, depois concluiu, meio vexado e com voz trêmula: — Não vê o senhor que hoje faz doze anos que me casei e tôda a manhã estive a remexer saudades, lembrando-me do meu povo e da festa que seria lá em casa se eu não andasse perdido neste meio de mundo.

Dei-lhe uma animação:

— Pois é isto, Pacatuba. Por aquí vai mesmo um furdanço formidável e, desde cedinho, estou a postos, apreciando o movimento destas índias, que fazem hoje de formigas carregadeiras e passam levando coisas de um lado para outro.

— Não vão essas não sei que diga estar de mudança. Olhe que índio não esquenta lugar e hoje está aqui, amanhã ali. Seria bonito se nós ainda tivéssemos de ir para mais longe. E a bugrinha, que é que diz a isso tudo?

— Não sei, ela já tinha sumido quando me levantei e, até agora, ainda não voltou. Por sinal que estou com fome.

Mas Rosina chegava e deu-nos a explicação de tudo. Os Guacaris eram esperados naquela tarde e aquilo eram os preparativos da grande festa.

— E você tão caladinha não nos disse nada?

— Como poderia dizer, se também só soube ontem e vocês, com a tal caçada de onça, levaram mais de três dias no mato?

Passamos o resto do dia atentos e à espera dos visitantes, mas a noite desceu sem que os mesmos aparecessem. Apenas, já ao escurecer, ouvimos ao longe o som soturno

do trocano, repetido por várias vêzes e com tonalidades diversas. Malila teve um riso alegre e avisou-nos:

— São êles que estão chegando e vão agora para o lago.

— Como, para o lago? Pois êles não vêm até aquí? interroguei curioso.

— Não. Hoje êles dormem junto do lago e só amanhã, à hora da festa, é que entram no aldeamento.

Na tarde seguinte, pouco depois do meio-dia, Rosina veio buscar-nos. Era preciso não perder o desfile dos Guacaris, que estavam sendo esperados a cada instante.

A praça central, apinhada de gente, tinha um ar festivo e por todos os lados se viam grinaldas de flores, festões de trepadeiras e grandes tufos de palmas. Bem ao seu centro, soerguida num nicho de fôlhas verdes, destavaca-se a figura da *Coia*. Sentada em atitude hierática, dir-se-ia um ídolo bramânico, tal a profusão e riqueza dos adôrnos que lhe exornavam o corpo, sumido sob um frouxel de penas multicores e refulgente de pedrarias e amuletos bárbaros. Todas as outras índias traziam também os seus enfeites mais vistosos e era de ver a louçania com que as Amazonas pròpriamente ditas, empunhando escudos e longas lanças, prestavam guarda ao sólio da rainha.

De repente, ouvimos o clamor de algumas trompas e fêz-se logo um grande borborinho entre a multidão. Eram os Guacaris que se aproximavam. Deviam ser uns duzentos e tantos homens, cada qual mais forte e desempenado, que marchavam sob o comando de um índio velho. Neste, embora um longo acangatar de penas rubras lhe disfarçasse as feições, reconheci logo o cacique que nos arengara à partida do vale dos gigantes. Iurau era também do grupo e a sua figura distinguia-se entre tôdas, não só pelo vulto desmedido, como pelo porte recachado e altaneiro.

Uma vez chegados à praça, os índios, de armas ao ar e amagotados num único pelotão, quedaram-se acurvados diante da *Coia*. Depois, dispartidos em dois grupos e entoando uma pocema alegre, foram ladear-lhe o trono, postando-se imediatamente atrás das Amazonas.

Neste instante, o professor Hartmann veio surpreender-nos e deu-nos algumas explicações sôbre as várias cerimônias a que iríamos assistir. As Amazonas aproveitavam a mesma ocasião para realizar todas as formalidades dos seus ritos tradicionalistas e, assim, durante uma só e grande festa, efetuavam as praxes com que as raparigas púberes passavam à classe das *cossanac* ou Amazonas pròpriamente ditas, recebiam a visita anual dos maridos fortuitos, e entregavam-lhes os filhos varões. Naquele ano, porém, a festa ainda se revestia de maior importância, dado que a *Coia* atual, já com dez anos de regência, devia passar a chefia da tribo a uma de suas companheiras. Assim, seríamos testemunhas de duas provas muito curiosas, que o alemão só conhecia de outiva. Uma para a escolha da nova rainha e outra em que os Guacaris disputariam entre si a honra suprema das núpcias com a virgem abdicante.

Mas ia ser executada a primeira parte do programa. Marchando com desenvoltura e empunhando arcos e flechas, um grupo de trinta e poucas raparigas, entre as quais Malila, veio ter ao centro da praça. Aí fizeram alto e cada uma por sua vez, mas tôdas na melhor ordem, prestaram o compromisso da virgindade e entregaram os braços ao suplício das tocandiras.

— Isso é uma prova bárbara e a que eu não gosto de assistir, disse-me Rosina, desfitando os olhos da índia velha que oferecia a uma das raparigas as longas luvas inquisitoriais, feitas dum tecido de palha e repletas das terríveis formigas. Eu já fui picada por duas ou três

tocandiras e sei o que sofri. Agora, imagine o senhor o que não é a ação de algumas dezenas. Também só vendo como ficam os braços delas.

Todavia, Malila, aliás como todas as companheiras, resistiu impávida à crueldade dessa prova e quando passou por nós, embora os olhos lhe chorassem, ainda esboçou um ligeiro sorriso.

Depois, como eu me interessasse por ver todas as virgens, uma a uma, irem-se sentar, passageiramente, sôbre um banquinho baixo e de forma especial, Rosina deu-me outro esclarecimento.

— Isso também se prende ao compromisso da virgindade. Aquele tamborete está revestido por uma pele de jurutaui, ave a que as crendices indígenas emprestam o poder de preservar as donzelas de seduções e desonestidades.

Logo a seguir, passou-se à eleição da nova rainha. Das muitas *cossanac* em idade de participar do prélio, só nove, dentre as melhores, vieram à competência, dado que as outras já haviam sido afastadas por várias provas eliminatórias.

As concorrentes, de arcos retesados e prontas a desferir a flecha, foram distribuidas por pontos diferentes da praça. Então, a *Coia* levantou-se e de braços ao alto, com o auxílio de um croque, começou a retirar, pacientemente, uma a uma, tôdas as varas que fechavam um grande engradado situado à fronteira do seu nicho. Houve um momento de ansiosa expectativa, mas quando o último batoque caiu e à saída do garajau assomou a figura de uma grande harpia, de cabeça encristada e bico recurvo, toda a multidão rompeu num formidável alarido. O falcão parecia hesitante e atarantado, talvez por efeito da bulha infernal, mas a *Coia* fustigou-o com a ponta do croque e êle, de um ímpeto, batendo as asas possantes, rompeu para o azul em

lindo vôo de altaneria. Imediatamente as flechas assobiaram, uma, duas, três, até que a um golpe certeiro, a ave mal-ferida rodopiou nos ares e veio ter à terra em queda súbita e desamparada. Correram logo todos, a ver, pelas características da flecha fatal, a quem caberia o título de rainha e, alí mesmo, entre aclamações gerais, a Amazona vitoriosa retirou das asas da harpia as duas penas rajadas que, pouco depois, lhe guarneceriam a fronte, espetadas ao turbante real. Isto, porém, só se daria depois que um dos Guararís, em justa renhida, houvesse conquistado a honra insigne de se congraçar com a rainha resignatária, que com êle permearia a macieza da sua maqueira de penas alvas. Era o que nós íamos presenciar agora.

O concurso consistia numa longa corrida e, como o trocano já soara, anunciando o início do páreo, a atenção geral voltava-se para o extremo da rua principal e conducente em reta até a praça. De fato, não tardou muito que tôda a multidão ululasse aos gritos de *"Atum Sisac!"* *"Atum Sisac!"* (1), quando os primeiros contendores surgiram ao longe, ainda perdidos numa nuvem de poeira. Eram muitos e aproximavam-se velozmente, embora a distância os fizesse num só plano, não permitindo se lobrigasse quem chegava à dianteira.

— Iurau! Êste nome saltou-me da bôca quando julguei divisar, entre os corredores mais em evidência, a figura do índio já meu conhecido. Era êle mesmo e os seus membros longos e elásticos dir-se-iam trazer os talares de Mercúrio, tal o elance com que se desmedia na carreira. Já na linha de frente, ainda ombreava com alguns companheiros, mas, a breve trecho, se lhes avantajava de muito para, num arranco supremo, saltar sôbre o marco galardoado e, alando-se pelo tronco acima, ir colhêr a flor da vitória-régia

(1) Em quíchua: *grande flor*, nome por que é conhecida a flor da vitória-régia.

consagrada à rainha. Depois, já sereno, dominador, soberbo, quase indiferente às ovações gerais, atravessou a praça e foi colocar a flor votiva aos pés da *Coia*, que o recebeu também com um sorriso. Então, enquanto os circunstantes o vitoriavam, todos os Guacaris romperam num epinício com que heroificavam o feito do companheiro triunfante.

— Isso tudo é novo para mim e eu nunca pensei que fôsse tão interessante, observava-me Rosina, que quase não falava, tão atenta estava àquilo tudo.

E' verdade que o alemão não nos deixava e falava por ela, dando-me freqüentes explicações a respeito das cerimônias.

— Olhe, disse-me êle, é melhor nos aproximarmos mais um pouco. Parece-me que é o instante em que a *Coia* vai ceder o trono à nova rainha e eu quero que o senhor veja o seu manto mais de perto.

— Ah, é uma verdadeira maravilha. Repare...

E Rosina foi a primeira a partir em direção ao centro da praça.

A *Coia*, de fato, já se levantara e descia os primeiros degraus do estrado arrastando um longo manto de penas amarelas.

— Imagine o senhor, prosseguia o professor Hartmann, que a maioria daquelas penas provêm de araras vermelhas, das quais as Amazonas conseguem mudar a côr por um processo curiosissimo e extremamente lento. As araras são depenadas vivas e em cada folículo piloso esvaziado, elas instilam a secreção peçonhenta da pele de certo sapo. Então, por efeito do tóxico, as novas penas, em vez de vermelhas, nascem com aquele belo tom amarelo alaranjado. Agora, avalie o senhor o tempo e a paciência que não são precisos para aguardar essa muda artificial e conseguir todas as penas necessárias a um manto daqueles.

Mas a *Coia*, já em plena praça e auxiliada por algumas índias, começava a despojar-se das suas insígnias que iam, a pouco e pouco, paramentando a nova rainha. Foi-se-lhe o rico manto amarelo, e, depois, o martinete real encristado pelas penas da harpia e, ainda, gargantilhas, sendal plumoso, colares, pulseiras e amuletos, até que o seu corpo, apenas sob a fíbula de argila que lhe abrochava o pubis, esplendeu aos olhos de todos, inteiramente nu.

Vendo-a assim tão bela, o colo amplo e túmido, a carne palpitante e fresca, suave a arqueadura dos rins, lembrei-me de certas orquídeas cujas flores devem ser poupadas à fecundação para que por mais tempo conservem os seus encantos, e tive por sacrílego quem maculasse o viço daquela mocidade, levando-lhe ao seio casto a semente de vida nova. Mas assim não pensaria Iurau que, mais do que ninguém, se extasiava ante as graças da sua eleita.

*

* *

Horas depois, já à luz do luar, realizava-se a grande Festa das Pedras Verdes. Era, então, à beira de um lago, bordado de vitórias-régias e do qual as Amazonas surdiam com os cabelos enastrados pelas flores do mururé.

Diante daquele cenário mágico, eu pensava sonhar acordado e mal sabia como pudera chegar até ali. E' que logo após à coroação da rainha, fizera-se larga distribuição de licores ebriáticos e viera-me um súbito aturdimento dos sentidos.

Rosina, que se apercebera da minha perturbação, dizia-a motivada por certo vinho de tucumã a que as índias costumavam juntar o *caapi*. Foi por ela que eu soube ter executado um longo trecho de marcha através da mata, acompanhando o cortejo dos índios que, entre cânticos, se

encaminhavam para o lago consagrado à mãe dos Muiraquitãs.

Felizmente, o ar da noite fizera-me bem e eu agora, já voltado a mim, era todo olhos para o espetáculo inédito e atraente.

O Pacatuba também sofrera os efeitos do traiçoeiro tóxico e, ainda assustado com o que lhe acontecera, confessava-me pouco depois:

— *Seu* doutor, não foi só o senhor que se sentiu mal. Eu também andei leso da cabeça e houve uma hora em que estive vai não vai para cair na dança com os índios.

— E teria graça! Você, então, que tem estado hoje tão jururu.

— Jururu, não senhor! Eu estou é um pouco abichornado e tenho razão para isto. Quando me lembro que é o primeiro aniversário que passo longe da minha cabocla. E depois de um longo suspiro: — Ah, meu Deus, que saudades do meu povo!

Voltei a mexer com êle:

— Olhe, Pacatuba, que essa idéia de você se meter na dança não era de todo má. Assim as índias podiam tomá-lo por um Guacari e você estava com a noite arranjada.

— Mas êle protestou logo:

— Lá vem o senhor com a mesma brincadeira. Eu já disse a *seu* doutor que sou um homem de bons costumes e não sei comer um doce de tostão longe dos meus.

— Quem sabe lá? Olhe que para quem anda nestas paragens há atenuantes para tudo.

E contei-lhe o relato de Yves d'Evreux a respeito de certo capitão francês, que com êle convivera no Maranhão. Acusado de mancebia com uma índia, êsse militar, pouco afeito às coisas da religião, desculpava-se junto do missionário, alegando que o Papa não tinha nenhum poder sôbre o mar, uma vez que Deus, em conversa com S.

Pedro, havia dito que só a terra era de seu domínio. Ora, sendo assim, todo aquele que atravessasse o oceano em busca de outros continentes, ficava a salvo dos mandamentos da Igreja e podia com tôda a liberdade arranjar uma rapariga que, além de concubina, lhe servisse para tirar os bichos de pé.

— Isso era um tipo esfarinhado e muito miserável, retrucou-me o Pacatuba, e eu até admiro como *seu* doutor repete uma história dessas. Então Deus nosso Senhor não tinha poder sôbre as águas? E a pesca milagrosa?

— Olhe, a pesca milagrosa é a que os Guacaris vão fazer hoje. E voltei-me para o lago e apontei as Amazonas.

A natureza parecia magnetizada aos eflúvios do plenilúnio e aquela *água redonda*, dormindo no quiriri, entre a fragrância dos uapés em flor, era bem o lago *Iaciuaruá* ou Espêlho da Lua. Engastado num escrínio de pelúcia verde, dir-se-ia mesmo um disco de cristal polido, onde a meiga *Iaci*, a "deusa das noites serenas", se narcizava lá do alto, qual outra nívea corola de vitória-régia aberta em pleno firmamento.

Nele mergulhavam as Amazonas, em demanda do Reino Encantado dos Muiraquitãs, e os seus corpos leves e flexuosos, sob a poalha do luar, tinham coruscações de prata líquida. Depois, rompendo por entre as ninféias, já sentadas na areia alva das praias, era de ver a graça e a habilidade com que trabalhavam o barro dúctil e modelavam os preciosos amuletos. E assim, tal como me descrevera o alemão, iam surgindo aos meus olhos pasmados as mais belas e perfeitas joias de arte a que o sol, dentro em pouco, emprestaria formas definitivas, consolidando-as nas famosas *pedras verdes*.

Enquanto isto, o festim se animava e dançava-se por todos os lados, principalmente à orla da mata, cheia de solidão e mistério, e onde reverberava o clarão das grandes

fogueiras. Bem junto a nós, dois grupos de raparigas se enfrentavam em longas filas e aos coleios e desengonços, torcendo-se e distorcendo-se em várias direções, executavam a dança da serpente. Mais adiante, era um bando de Guacaris que simulava um puracé de guerra. Alguns dêsses índios estavam inteiramente pintados de vermelho e dir-se-iam demônios em delírio; outros traziam uma máscara de tabatinga branca ou, então, os longos acangatares e as tangas tufosas lhes davam o aspecto de aves bisonhas e agigantadas. Os seus movimentos eram nervosos e tacapes e tangapemas entrechocavam-se no ar, ritmando a agitação dos atabaques e maracás. Em outros pontos, homens e mulheres congraçavam-se para as rondas de paz e aliança e aí a melopéia era suave, ainda que muito monótona.

O professor Hartmann chamou-me a atenção para certo bailado muito gracioso, no qual as Amazonas se entrelaçavam com uma longa guirlanda de fôlhas verdes. Para êle, aquilo talvez ainda fôsse uma reminiscência de sua origem incáica. E contou-me que, segundo as crônicas, o Imperador Huiana Capac, a fim de festejar o nascimento de seu filho Huascar, mandara fazer uma extensa e grossa corrente, tôda de ouro, julgada indispensável aos passes e figurações de algumas danças. Várias dessas índias, que eu agora examinava de mais perto, apresentavam-se completamente nuas, mas tinham os corpos tomados por um mosáico caprichoso e multicor, conseguido pela aplicação direta de pequeninas penas sôbre a pele prèviamente untada de tucujá e outros visgos.

As libações recomeçavam e à volta dos moquéns, onde se acocoravam os selvagens, ia intenso o vozear e as cuias de caxiri passavam de mão em mão. A mais rica cerâmica da tribo, cântaros de formas caprichosas e igaçabas luxuosamente decoradas, que já tinham feito a minha admiração durante a visita ao *tambo*, — surgiram outra vez aos meus

olhos, mas agora cheios de líquidos espumantes e bebidas fermentadas, sôfregamente sorvidos pelos índios.

O cômico bailado do jacamim-cunhã provocava a hilaridade geral, sobretudo quando as raparigas iam ao chão, depois das fortes encontroadas, nádega a nádega.

— E Malila? inquiri de Rosina, notando que a não via em parte alguma.

— Ah! ela não veio. As *cossanac* não podem assistir a esta festa. O senhor vai ver como isto acaba.

De fato, pouco depois, já era a orgia e um sôpro de luxúria endemoninhava a todos. Generalizara-se a temulência e as cuiambucas esvaziavam-se emborcadas de jato. Aos cérebros aturdidos, as juremas misteriosas traziam a escandescência dos sentidos e as alucinações eróticas. Era a hora das correrias loucas e das sarabandas desenfreadas, com abraços bestiais e o corpo a corpo em posturas lascivas. Então, cada Amazona tinha o olhar aceso e os Guacaris, com o sangue em fogo, já andavam no farejo da fêmea que lhes quebrantasse os estos da carne.

Mas, por aí, as estrelas desmaiavam e da superfície do lago fôra-se de vez a face pálida da lua.

CAPÍTULO XIV

PLANOS DE FUGA

Com a partida dos Guacaris, o aldeamento voltara à mesmice dos seus dias. A enchente, entretanto, cerceava-nos os passos e já não fazíamos um só passeio sem o auxílio das canoas. E' que a água nivelara tudo e da margem dos grandes rios aos lagos mais internos, estendia-se agora o lençol sem fim dos igapós.

Então, eram os meses famintos e morrer-se-ia à fome se não fôssem as provisões do *tambo*. A caça escasseava, refugiada, ao longe, nas ilhas de terra firme, e a fartura de peixe não era nada ante a vastidão da massa líquida que o furtava aos ardís do pescador mais paciente.

Todavia, logo aos primeiros repiquetes da cheia, tivéramos o espetáculo das piracemas. Jaraquis, pirapitingas, pacus e curimatãs abandoam-se por essa época e, descendo dos lagos e igarapés, enfiam pelas correntes caudalosas em demanda das suas cabeceiras, onde vão talvez à procreação. Surpreendê-los durante o percurso quando os cardumes esfervilham prateando as águas, eis uma tarefa a que jamais se esquivavam as Amazonas. Acompanhei-as muita vez nesse mister e não houve dia em que as nossas ubás não voltassem desbordantes da apetecida embiara.

Mas foi muito rápido o tempo das piracemas e não tardou que para obter algum pescado fresco, só houvesse o recurso dos igapós sombrios, onde o peixe se demora a pasto de certas frutas silvestres, àvidamente disputadas, tão depressa caem nágua.

Aí, acocoradas sôbre pequenos mutás e usando de mil embustes, as índias o esperavam por horas a fio, até que qualquer tucunaré, acaçu ou arauaná se viesse oferecer à pontaria infalível das suas flechas. Malila era também exímia nesse gênero de pescarias e eu não me cansava de admirar a habilidade com que ela, para atrair os tambaquis e já de anzol iscado, batia repetidamente com a gaponga sôbre a água, imitando a queda das frutas dos catauaris e taperibazeiros.

Foi ao voltar de uma dessas pescarias que encontrei Rosina à minha espera. De longe, só pelo seu ar, vi logo que qualquer coisa a preocupava.

— Que é que há? Alguma novidade?

Ela aparentou surprêsa: — Como sabe, se ainda não falei?

— Mas os seus olhos estão dizendo tudo...

— Você parece que adivinha.

Mas Malila se aproximava e Rosina disse-me que não queria falar na sua frente.

— E se fôssemos dar uma volta? Quer ir até as ingazeiras?

— Até as ingazeiras? retrucou ela espantada. Pois você não se lembra que há cinco dias nós já chegamos lá com muita dificuldade? Hoje ainda deve estar pior, as águas têm subido muito.

Para conversar com mais calma, fomo-nos sentar junto da mongubeira e aí Rosina expôs-me as razões do seu aborrecimento. Por um trecho de conversa entre o professor Hartmann e um dos seus auxiliares e que ela pudera ouvir sem ser pressentida, ficara-lhe a convicção que seu marido não pensava mais em partir tão cedo, pois estava projetando repetir a experiência do homínide. Assim, na melhor das hipóteses, seria, pelo menos, mais um ano e tanto de permanência ali.

— E você tem certeza disso?

— Tôda. Êle falava claramente com o *Hans* e mostrava-se entusiasmado por uma nova idéia que lhe ocorrera. Do que pude depreender, parece-me que êle quer tentar agora a experiência de uma outra maneira, fazendo a fecundação da macaca pelo homem.

— Mas êle está louco...

Rosina deu de ombros: — Eu é que acabo ficando louca. Ainda esta noite, perdí o sono, só de lembrar-me que de um momento para outro você pode sentir um dêsses desesperos que eu sinto às vêzes, e resolver fugir deixando-me aquí.

— Ah, mas eu nunca faria uma coisa destas. Nós não combinamos voltar juntos?

— Sim, mas... E agora?

E os seus olhos se voltaram para mim com uma interrogação que era ao mesmo tempo uma súplica.

— Agora, o melhor é fugir, respondí resoluto. Já basta dos caprichos dêsse homem. Se fiquei aqui e suportei a humilhação do aprisionamento, foi só por sua causa.

Rosina sorriu com brandura, agradecendo-me a confissão. Depois, disse em tom mais baixo:

— Eu também já pensei na fuga, mas não tinha coragem de vir propô-la em primeiro lugar. São tantos os riscos que nos esperam...

E ela apontou-me todas as dificuldades que se lhe antolhavam para abandonarmos o Reino das Pedras Verdes e vermo-nos livres das tribos que o cercavam e defendiam. Além dos Guacaris, teríamos certamente de nos haver com os Apautos e Taguaús, estes últimos ferocíssimos, quando se tratava de zelar pela segurança das Amazonas. Tudo estava em poder transpor o domínio dêsses silvícolas antes que os mesmos houvessem sido avisados da nossa fuga e tivessem tempo de nos atocaiar em certas passagens

obrigatórias. A não ser que se evitassem os grandes rios, mas isso seria uma viagem ainda mais cheia de acidentes e talvez com piores riscos, mòrmente quando não poderíamos contar com uma boa reserva de provisões de bôca.

— E Malila não nos poderá auxiliar?

— Qual! respondeu-me Rosina. Ela é antes de tudo uma Amazona e só fará o que a *Coia* mandar.

— Não, não é isso... Eu digo é que ela talvez quisesse fugir conosco.

— O quê? Uma Amazona abandonar a tribo? Você ainda as não conhece...

— Mas se ela lhe tem uma afeição tão grande...

— Não... nem é bom pensar nisso. E' preciso não esquecer que a *Coia* prestou fidelidade a meu marido e isso seria bastante para que Malila se visse forçada a nos trair.

E Rosina, sem dúvida depois de muito ter meditado sôbre o mesmo assunto, passou a delinear a maneira pela qual devíamos tentar a perigosa jornada. Parecia-lhe da maior importância partir o mais depressa possível e antes que o professor Hartmann lhe comunicasse os seus novos projetos. O marido sabia do desagrado com que ela havia de receber essa notícia e, depois, mais fácil lhe seria conjecturar sôbre a possibilidade de uma evasão, quando começasse a estranhar a nossa maior demora em qualquer passeio. Sim, porque nós deveríamos pretextar alguma excursão e, partindo com o seu beneplácito, só dar início à fuga depois que estivéssemos bem afastados do aldeamento. Destarte ganhar-se-ia muito tempo e, talvez, a notícia da traição só lhe pudesse chegar quando andássemos bem longe, a salvo da sua cólera e das providências que certamente havia de tomar para surpreender-nos ainda em caminho. A nosso favor, tínhamos então a cheia e era só lançar o barco em qualquer igarapé e deixá-lo partir ao léu da correnteza.

Rio abaixo e em época de enchente, todos os santos ajudam e não haveriam de ser muitos os empecilhos até chegar a algum rio maior, onde ainda mais fácil seria a viagem. Rosina falava-me animada e nos seus olhos eu lia o contentamento que lhe ia nalma por se libertar enfim daquela situação, de dia para dia mais angustiosa.

— E você sabe onde vamos sair? Olhe que eu não conheço nada desta região.

— Não tenha receio. Todos os igarapés dêste lado — e apontou para a sua direita, — vão ter a um dos afluentes do rio Negro e não pode haver engano possível.

— E afinal, quando é que você quer partir? perguntei, também contagiado da ânsia de liberdade.

— Eu acho melhor ser depois de amanhã. E' preciso preparar um passeio e, sob o pretêxto de passar todo o dia fora, levar bastantes gêneros na canoa. Eu tive uma idéia. As Amazonas já começaram a colheita do arroz bravo e nós vamos alegar uma ida até os lagos.

De repente, Malila surgiu ao nosso lado. Viera tão de manso que nem a percebeeramos. Contudo, Rosina não se perturbou:

— Sabe, Malila, estamos combinando um passeio para depois de amanhã. Queremos ir aos arrozais. Você prepare tudo como tem feito das outras vêzes.

— E *Mananchic* vai de manhã?

— Sim, de manhã bem cêdo e almoçaremos lá.

Neste instante, Rosina fixou demoradamente a entrada do nosso copiar e, depois, voltando-se para mim:

— Sim, senhor, meus cumprimentos, já está de uirapuru, na porta...

— O quê? perguntei espantado e sem compreender bem a alusão.

— Sim, uirapuru...

E ela indicou-me qualquer coisa que se dependurava por um fio da platibanda do copiar.

— E' verdade, parece mesmo um passarinho. E eu que ainda não tinha reparado.

— Parece, não, é mesmo um uirapuru.

— Isso há-de ser obra de Malila, disse eu a procurar com os olhos a índiazinha. Malila tinha um ar ressabiado e respondeu-me a mêdo:

— E' pra dar felicidade... Você não quis ficar com êle e eu o pendurei alí.

Rosina sussurrou-me entre dentes:

— Deixe estar... Isso será um *porte-bonheur* para a viagem.

Mais tarde, quando já a sós com o Pacatuba, dei-lhe a boa nova dos nossos planos. Ao contrário do que esperava, êle ouviu-me calado e sem dar mostras de nenhum contentamento. Por fim, não me contive:

— Então, você não diz nada?

— Não, senhor, *seu* doutor, está tudo muito bem. Há-de ser o que Deus quiser, — disse êle, engulindo em sêco e botando uns olhos muito arregalados para mim.

— Como há-de ser o que Deus quiser? Pois você não vivia por aí a se lamentar e não falando noutra coisa que não fôsse a nossa volta?

— Sim, senhor, é isto mesmo...

— Pois, então? E agora você toma um ar de vítima e parece até que vai fazer um sacrifício!

Êle estava cada vez mais contrafeito, mas acabou por desembuchar:

— Não é, *seu* doutor, eu até estou muito satisfeito, mas só não queria é que o senhor me desse esta notícia hoje. *Seu* doutor entende como é? Não vê o senhor que há três noites eu ouço a acauã cantar e isso é sinal de desgraça certa...

— Ora, Pacatuba!

CAPÍTULO XV

RIO ABAIXO

Fôra-se a última visão dos arrozais e a canoa começava a deslizar serena pela água barrenta do igarapé. Tudo correra bem até então e, nas suas linhas gerais, o nosso plano havia sido fielmente cumprido. Todavia, a expectação do perigo fazia-nos ainda silenciosos e preocupados e nenhum de nós se sentia com ânimo para exteriorizar os seus sentimentos. Apenas, logo ao partir, Rosina lembrara-se do uirapuru e ficara muito apreensiva quando tive de confessar que o havia esquecido.

— Não me diga isto! O nosso *porte-bonheur*

— Qual — corrigí sorrindo — o nosso *porte-bonheur* é êste paneiro de farinha. Sem êle é que não poderíamos viajar.

Ela, porém continuava inconsolável e acabou por me dizer:

— Estou tão supersticiosa que até era capaz de adiar a viagem se soubesse que você não o tinha trazido.

E lá íamos igarapé abaixo, quase sem o auxílio dos remos, usando sòmente das longas varas com que evitávamos o choque de encontro a alguns troncos de árvores, também em desgarro sôbre a corrente.

De súbito, partindo dos arredores, um silvo agudo cortou os ares. Todos estremecemos e ainda procurávamos o ponto de onde parecia ter vindo o mesmo som, quando ouvimos distintamente uma voz que gritava: *"Mananchic! Mananchic!"*

— Malila! exclamou Rosisa com o rosto pálido e o olhar aflito. Mas será possível?

— Deve ser ela. Olhe alí... E o Pacatuba apontou uma grande árvore, implantada na margem esquerda, e cujas ramas se debruçavam sôbre as águas.

De fato, entre a folhagem, distinguia-se um vulto, que nos fazia repetidos acenos, como a pedir que nos aproximássemos.

— Mas não é possível que seja Malila, — continuava Rosina. A estas horas ela só pode estar no aldeamento, executando as ordens que lhe dei.

— Vamos até lá, disse eu. E pedí ao Pacatuba que me auxiliasse a remar.

— Isto é que não! Pode ser alguma cilada e depois que nós chegarmos mais perto, está tudo perdido.

O vulto parecia ter percebido a nossa hesitação e recomeçou a gritar: *"Mananchic! Mananchic!"*

— E' ela mesma. Agora reconhecí a sua voz e não tenho mais dúvidas. E Rosina ordenou imperiosa: — Vamos encostar.

O Pacatuba ainda resmungou qualquer coisa, mas teve de ceder aos nossos desejos.

Em pouco, viamos nìtidamente a figura de Malila, escanchada num dos galhos da folhuda ingazeira que dominava o jarazal da margem esquerda. O entrançado das palmas dificultava-nos o ingresso no igapó e tivemos de interpelá-la mesmo de longe.

— Mas, Malila, como é que vieste parar aquí? — perguntou Rosina.

— Foi pra dizer adeus a vocês!

— Como, para dizer adeus? Eu não tinha recomendado que nos esperasse no aldeamento?

— E'... mas eu quis dizer adeus...

— Eu não compreendo. Dizer adeus por quê? insistia Rosina, mas já com a voz trêmula e mal disfarçando a sua emoção.

— Porque eu sei que vocês vão se embora.

— Que tolice! E porque nós havíamos de ir embora? contravim resoluto e para pôr têrmo a tão desagradável situação.

— Porque sim... E depois, de olhos baixos. e torcendo entre os dedos um punhado de fôlhas verdes: — Eu ouví a conversa junto da mongubeira...

Tive palavras de espanto diante de tão inesperada revelação e o Pacatuba soube assim do que se tratava.

— Eu não dizia que esta bugrinha era capaz de dar bolo em rato catita? Agora é que estamos mesmo perdidos. Sou capaz de apostar que o barbaças já sabe de tudo...

Acalmei o nosso companheiro e voltei-me para Malila:

— Você ouviu mal a nossa conversa. Nós estamos apenas dando um passeio e vamos voltar para o aldeamento.

Malila fêz-se séria:

— Vocês não precisam me enganar... Malila é amiga e não contou nada a ninguém. Eu só quero é que vocês sejam felizes e foi por isso que quis vir até aqui.

E explicou-nos que se continuássemos a descer por aquele igarapé, corríamos o risco de passar muito perto da maloca dos Apautos. Era melhor, portanto, quebrar por um outro braço, que nascia mesmo daquele lado, logo que acabassem as palmeiras.

Rosina tomara a face entre as mãos e parecia chorar. Pouco depois, voltava-se para mim e pedia-me com a voz entrecortada de soluços:

— Diga a ela que venha conosco. Tive agora uma idéia horrível. Lembrei-me que meu marido pode querer aproveitá-la para prosseguir os seus estudos sôbre a afasia. Quem sabe se não foi com êsse intuito que êle me sugeriu que lhe ensinasse o francês?

Aquela idéia golpeou-me o cérebro.

— Malila, vem cososco... Nós vamos mesmo embora e não queremos deixar-te aqui.

— Não, eu não posso.

— Vem! E' *Mananchic* quem pede...

— Vem, Malila, é *Mananchic* quem pede, — repetiu Rosina, abrindo os braços de longe.

— Não, eu não posso... Adeus! E enquanto nos acenava com as duas mãos: — Olhe! E' preciso que vocês sigam já e ganhem bastante distância, antes que sopre o vento de baixo. Adeus!

E o seu corpo escorregou lesto pelo tronco da ingazeira, sumindo-se entre as palmas do jarazal.

Ainda ficámos por ali algum tempo, a gritar repetidamente pelo seu nome, mas Malila desaparecera de vez e a nossa canoa teve de retomar o fio da corrente.

Aquela cena fizera-nos ainda mais tristes e pensativos e agora só tínhamos um grande desejo: fugir ao âmbito estreito do igarapé, cada vez mais espremido pelo palmeiral sombrio, que nos cercava de todos os lados, impedindo os golpes de vista a distância. Por fim, sempre atingimos o desvio apontado por Malila e onde as perspectivas começaram a ser mais amplas e agradáveis. Contudo, a natureza já não se engalanava como nos meses de estio e eram raríssimas as árvores que apresentavam as frondes floridas. Apenas as faveiras punham grandes nódoas roxas sôbre a vegetação desluzida dos igapós.

Tínhamos combinado jornadear pela noite a dentro e assim o fizemos, na esperança de que mais fàcilmente escapar'amos das tribos que defendiam o Reino das Pedras Verdes. Um luar muito claro facilitava-nos o govêrno do barco, aliás muito pouco trabalhoso, tão grande era a correnteza. Rosina, mais animada depois que fizéramos uma ligeira refeição, manejava agora um marà e estava atenta

aos óbices que, acaso, pudessem prejudicar o nosso percurso. Foi ao preparar essa primeira refeição e quando só contávamos com um magro xibé, que nos veio a plena segurança de que Malila estava mesmo senhora de todos os nossos planos. Assim, tivemos a agradável surprêsa de encontrar, ao lado do paneiro de farinha e disfarçado sob o banco de pôpa, um pote contendo mixira de peixe-boi, que ela colocara alí independentemente de qualquer recomendação nossa. Só mais tarde bendiríamos o desvêlo dêsse seu gesto, quando conhecemos o agro período das provações e estivemos quase a morrer de fome.

Já por noite alta, sobressaltou-nos a impressão de ter ouvido o trocano. No ar silente as pancadas reboavam surdas, mas pareciam inconfundíveis.

— Não é o tal tambor? — inquiriu Pacatuba com voz baixa.

— Psiu... Fiz-lhe do meu lugar, e apurei mais o ouvido.

Não havia dúvida. Era mesmo o trocano que soava e, àquela hora, só podia ser por motivo grave e muito urgente. Provàvelmente, fôra dado o alarma da nossa fuga e ordens estavam sendo transmitidas para que os selvagens nos viessem cercar em qualquer ponto.

— E se nos escondêssemos no mato por uns dois ou três dias, até que êles cansassem de nos procurar? — alvitrou Pacatuba.

— Não! Isso ainda seria pior.

— Mas agora, que descobrimos a mixira, não há mais perigo de nos faltar o que comer.

— E você pensa que um pote de mixira é muita coisa quando ainda não sabemos quantos dias teremos de viajar assim? E dei para trás na sua idéia: — Não. O melhor é não perdermos nem um minuto e procurarmos nos afastar

o mais depressa possível. Tudo é ver se ainda saímos dêste igarapé, antes que nos possam alcançar.

Rosina era do meu aviso e alimentava a esperança de que não levaria muito atingiríamos um rio mais largo e onde mais segura nos correria a viagem.

Infelizmente, logo depois e por trecho que se diria interminável, o igarapé tornou-se acidentado. Grossos pedrais e maciços periantãs estorvavam-lhe o leito a cada passo e a ubá só vencia caminho à custa de manobras demoradas e perigosíssimas.

Foi justamente por aí, quando o dia começava a amanhecer, que os silvícolas nos surpreenderam. De súbito, algumas flechas assobiaram no ar e vieram chofrar a água bem junto da nossa canoa. Seguiram-se logo outras muitas, em verdadeira saraivada e como que partidas de vários pontos. Fez-se um instante de confusão extrema e todos dávamos ordens desencontradas, procurando sobretudo fugir da margem direita, de onde nos atacavam. Rosina, com o susto, pusera-se de pé, mas eu só percebi a extensão da nossa desgraça depois que ela, dando um grito agudo, já ia arrastada pela correnteza.

— Ela foi ferida! — avisou-me o Pacatuba. E antes que eu me lançasse nágua, já êle nadava com afoiteza e ia em sua direção.

Felizmente, ganháramos o largo e nenhuma flecha chegava mais até as nossas imediações. Rosina, que sabia nadar, lutava contra a fôrça das águas e parecia visar uma ilhota próxima.

Para aí abiquei a canoa o mais ligeiro possível, ouvindo sempre os seus gritos, de momento a momento mais lancinantes, e que eu não sabia como interpretar. Seria que o ferimento lhe causasse tanta dôr?

Mas eu estarreci pasmado e lágrimas quentes jorraram-me dos olhos, quando a vi, já desfalecida, entre os braços

do Pacatuba, com as vestes todas em sangue e um enorme rasgão na parede do ventre, de onde bolsavam os intestinos.

— Foram as piranhas, *seu* doutor! A flechada talvez não fôsse nada, mas isso é um bicho que não pode ver sangue. Imagine o senhor que quando eu a puxei de dentro dágua, ainda umas quatro ou cinco vinham abocadas na ferida.

— Rosina! E eu tomei-lhe a face pálida entre os dedos trêmulos, mas os seus olhos, já vidrados, não se voltaram mais para mim.

— Beije! *seu* doutor... Pode beijar! Não se agonie por minha causa... E ajudando-me a manter o rosto da morta, com os olhos também amarados pelo pranto, o Pacatuba concluiu: — E *seu* doutor pensava então que eu não sabia? Sabia de tudo... Paixão de amor não se esconde... E' como o mel de pau lá do nosso agreste, mesmo metido no oco das árvores, êle está cheirando de longe.

ELUCIDÁRIO

Quase todos os vocábulos e locuções trazidos a êste elucidário já foram averbados pelos lexicógrafos mais modernos, mas em se tratando de regionalismos adstritos a determinadas regiões do nosso imenso território e por isso pouco conhecidos, não será demais que para aqui se traslade o seu significado. Todavia, de permeio a essa coletânea, ressaltará, talvez, um ou outro termo ainda não inventariado nos dicionários, embora de uso mais ou menos corrente no linguajar nordestino, conforme verificou o próprio autor durante uma estada no Norte. Este léxico se enriquece ainda de algumas indicações científicas aditadas aos nomes vulgares de animais e plantas. Deve-se essa valiosa contribuição à nímia gentileza dos Srs. Drs. Cândido de Melo Leitão, Adolfo Ducke e Alípio de Miranda Ribeiro, três figuras de real valor entre os cientistas patrícios e às quais se presta aqui a mais sincera homenagem e o penhor de muita gratidão.

A

Abiorana — Árvore de fruto comestível. *Lucuma*, diversas espécies. Fam. das Sapotáceas.

Abuso — Nojo, asco.

Açaçú — Peixe. *Acara ocellata.*

Açacuzeiro — Árvore — *Hura crepitans* L. Família das Euforbiáceas.

Açaí — Palmeira — *Euterpe oleracea* Mart, e *Euterpe precatória* Mart.

Acauã — Ave — *Herpetotheres cachinnans.* Gavião da família Falconidae. Subfam. Aquilnae.

Agreste — Faixa do território nordestino situada entre o litoral e o sertão. E' zona de bons campos para a criação e rica de vegetação. Aí vicejam as laranjeiras, jasmineiros, açafroa e outras plantas de flores perfumadas, motivo pelo qual as abelhas dessa região passam por produzir o melhor mel.

Agua redonda — lago.

Algodoeiro bravo — Planta de diversas famílias botânicas.

Amundiçado — Sujo, sem educação, que tem má conduta.

Anacá — Ave. *Deroptyus accipitrinus* — papagaio da região amazônica (margem esquerda).

Anambé — Ave — Nome comum a grande número de espécies de pássaros da família Cotingidae.

Andiroba — Árvore — *Carapa guianensis* Aubl. Família das Meliáceas.

Anhanga — Nome genérico do diabo na língua tupi, Ente fantástico, habitante das nossas florestas.

Anhuma — Ave. *Palamedea cornuta*, ordem Palamiforme.

Aninga — Planta paludícola. *Montrichardia arborescens* Schott. Família das Aráceas.

Apragatado — Prevenido, desconfiado.

Apuizeiro — Árvore — *Ficus*-subgênero *Urostigma.* Família das Moráceas.

Araçari — Ave. Nome pelo qual são conhecidos todos os Rhamphastidae (ordem Scansores) do gênero *Pteroglossus.*

Arapapá — Ave. — *Cancroma cochlearia.*

Araparí — Árvore — *Macrolobium acaciaefolium* Benth. Família das Leguminosas.

Araticú — Fruto comestível. *Anona*, várias espécies, família das Anonáceas.

Ardoso — Ácido, picante.

Arraia — Peixe — Nome vulgar pelo qual são conhecidos todos os *Elasmobranchios Batoidea.*

Arribação — Ave — *Pombo de bando* ou *avoante. Zenaida auriculata*, Columbiforme da família Peristeridae.

Arroz bravo — Erva — *Oryza subulata.* Família das Gramíneas.

Aruanã — Peixe — *Osteoglossum bicirrhosum.*

Arubé — Massa de mandioca misturada com sal e muita pimenta malagueta.

Arumã — Arbusto. Espécie de Marantácea.

Aturá — Cesto cilíndrico que os índios trazem às costas suspenso por uma embira passada à volta da cabeça.

B

Bacaba — Palmeira — *Oenocarpus distichus* Mart. e *Oenocarpus bacaba* Mart.

Baixio — Enseada marginal aos rios e onde a água se empoça por ocasião da vasante.

Barreiro — Terreno onde há depósito de sais naturais, sendo, por isso, muito procurado pelos animais.

Baquité — Cesto, balaio que os índios trazem às costas.

Beijú — Bolo de massa de mandioca ou tapioca.

Beijuaçú — Grande beijú.

Bicudo maquiné — Ave — *Oryzoboros angolensis*, pássaro da família Fringillidae.

Boré — Instrumento músico, espécie de trombeta.

Bôto-vermelho — Mamífero — *Steno tucuxi*, Cetácio da família Delphinidae.

Bubúia — *De bubúia*, boiando, flutuando. Diz-se: *estar de bubúia, ficar de bubúia.*

E

Caamembeca — Vegetal. *Polygala spectabilis*. Família das Poligaláceas.

Caapi — Cipó. *Banisteria Caapi*, da família das Malpiguiáceas. Pela maceração desta planta os indígenas conseguem uma bebida de efeito ebriático e alucinatório.

Caapora — Gênio maligno. Ente fantástico habitante das nossas florestas.

Caatinga — Região de mato ralo e árvores de pequeno porte, quase sempre fronteira a zonas de campo.

Caatinga do igapó — Espaço de terras inundadas durante a cheia e coberto de vegetação mofina. E' comum na região do rio Negro.

Caba — Nome por que são conhecidas as vespas na Amazônia.

Cabeça de pedra — V. *passarão.*

Cabido — Sabido, saliente, metediço.

Caboré — Ave — Pequeno môcho do gênero *Glaucidium* (3 espécies: *brasilianum, pumilum* e *jardinii*). Ordem Estrigiformes, família Bubonidae.

Cacaui — Árvore — *Theobroma speciosum* Spreng. família das Sterculiáceas.

Cachoeirista — Indivíduo que tem prática de viajar nos rios encachoeirados.
Brasil: Tayassuidae.

Caïdor de anta — Caminho de anta. Trilha que conduz ao rio e pela qual se entra mais fàcilmente na mata.

Caitetú — Mamífero — *Tayassus tayassu*, porco do mato pertencente a uma família própria do

Cajuaçú — Árvore. *Anacardium Sprucreanum* Benth. Família das Anacardeáceas.

Camará — Subarbusto. *Lantana camara* L. Família das Verbenáceas.

Candirú — Peixe. *Hemicetopsis candirú*. Teleósteo Ostariófiso da família Cetopsidae.

Canarana — Erva. *Panicum spectabile* Nees. Família das Gramíneas.

Capim membeca — *Paspalum repens* Berg. Família das Gramíneas.

Cará — Túbara comestível. *Dioscorea*, espécies diversas. Família das Dioscoreáceas.

Caraca — Bainha persistente no caule de algumas palmeiras.

Caragoatá — Gravatá grande. Família das Bromeliáceas.

Carajuru — Vegetal. *Arrabidae chica* Verl. Família das Bignoneáceas.

Carão — Ave. *Aramus scolopaceus*, grou da América do Sul.

Carapanã — Mosquito. Nome pelo qual são conhecidos na Amazônia os Culicídeos.

Caraxué — Ave. Nome pelo qual os sabiás são conhecidos na Amazônia. Família Turdidae.

Carimã — Certa qualidade de massa de mandioca.

Carnaúba — Palmeira — *Copernicia cerifera.*

Carrasco — Campo de má qualidade. Carrascal.

Cajuru — Planta da família das Podostemáceas.

Casa grande — A casa principal de um aldeamento de índios e e na qual os mesmos se reünem para conciliábulos e práticas religiosas.

Castanheira — Árvore — *Bertholletia excelsa* H. B. K. Família das Lecitidáceas.

Catauari — Árvore dos igapós. *Crataeva Benthami* Ech. Famílias das Caparidáceas.

Catimbozeiro — Feiticeiro.

Cauim — Bebida conseguida pela fermentação da mandioca.

Caxiri — Bebida fermentada preparada com a mandioca.

Cebola brava — *Clusia*, diversas espécies, epífitas e trepadeiras. Família das Gutíferas.

Cedro — Árvore. *Cedrela odorata*, L. Família das Meliáceas.

Cerrado — Savana. Mato ralo composto de vegetação herbácea e subfruticosa.

Chavascal — Charravascal. Zona intermédia entre o campo limpo e a mata. E' coberta de arbustos sempre muito agregados.

Cigana — Ave. *Opisthocomus cristatus.* Ave primitiva da Amazônia, cujos filhotes nascem com unhas nas asas.. Tipo de uma ordem especial: Opistocomiformes.

Cipó dágua — Sobretudo o *Dolliocarpus* e outras Dileniáceas.

Cipó escada — Também chamado *cipó de jaboti. Bauhinia*, diversas espécies. Fam. das Leguminosas.

Copiar — Varanda, alpendre.

Corredeira — Trecho do rio em que as águas, por desnivelamento, correm mais ligeiras, dificultando o trânsito de canoas e expondo-as a perigo.

Cuatá — Macaco. *Ateles paniscus.* Família Cebidae, subfamília Cebinae.

Cuiambuca — Vasilha feita com a fruta da cuieira, em cuja parte superior se abre um orifício. Serve para depositar ou carregar água e outros líquidos.

Cujubim — Ave. *Cumana cumanensis.* Galiforme da família Cracidea; pelo mesmo nome conhecem no Baixo-Amazonas outra espécie de jacutinga: *Cumana cujubi.*

Cumarú — Árvore. *Dipteryx*, diversas espécies. Família das Leguminosas.

Cumatê — Arbusto cujos cavacos dão uma tinta roxa. *Macara glabrescens* Pilg. Família das Melastomáceas.

Cunhapuiara — Grande senhora. Sinônimo de Amazona ou Icamiaba.

Cupana — Guaraná. *Paullinia* H. B. K. Família das Sapindáceas. O nome *cupana*, servindo de sinônimo a guaraná, só é empregado no Alto Amazonas.

Curicaca — Ave — *Plegadis guaraúna*, ave como o guará, da família Ibididae, mas de tons escuros.

Curimatã — Peixe. *Prochilodus reticulatus.*

Curupira — Gênio malígno. Ente fantástico que habita as matas.

Cururu — Sapo, *Bufo acqua.* Anuro da família Bufonidae.

D

Dendê — Palmeira. *Elaeis guineensis* L.

Desadorado — Extraordinário, desesperado.

Dibará — Liberal, pródigo, Mulher dibará, mulher que se entrega prontamente, que é fàcilmente conquistada.

E

Embiara — A presa, o que se colheu na caça, na pesca ou na guerra.

Empernado — Bem — de cara, mal — de cara; de boa ou má catadura.

Encandear — Deslumbrar, ofuscar.

Enxerida — Metediça, espevitada.

Esfarinhado — Sabido, ladino, Tipo já muito vivido e viajado.

Espigaitado — Embriagado, empiteirado.

Espraiado — Expansão de um rio. É quase sempre de leito raso e margens arenosas.

Estirão — Trecho em que o rio se estende numa longa reta.

Esturro — Ronco, rugido.

F

Farinha dágua — Farinha de mandioca obtida após a imersão dos tubérculos em água durante três a quatro dias, até o seu amolecimento.

Faveira — Árvore dos igapós. *Vatairea guianensis* Aubl. e outras leguminosas.

Feitoria — Pequena habitação à margem de rio ou lago e onde vivem os pescadores.

Flecheira — Planta paludícola. *Gynerium sagittatum*. Gramínea.

Folhiço — Lençol de fôlhas sêcas sôbre o chão das matas.

Forquilha — Longa vara aforquilhada em uma das extremidades. Serve para propulsionar a canoa, tomando um ponto de apôio na margem do rio.

Forquilheiro — Indivíduo que maneja a forquilha durante um percurso fluvial.

Fragoído — Ruído, barulho, alarido.

Furdunço — Reboliço, azáfama, briga.

Furo — Canal estreito pelo qual dois rios ou um rio e um lago se comunicam.

G

Galo da serra — Galo do Pará. *Rupicola rupicola*, pássaro da fam. Cotingidae.

Gameleira — *Árvore*. É a *guaxinguba* amazonense. Chamam-na *gameleira* os nordestinos. (*Ficus*, diversas espécies). Família das Moráceas.

Gancho — Croque de embarcadiço. É peça rústica e feita tôda de madeira.

Gancheiro — Indivíduo que trabalha com o gancho, à proa da canoa.

Ganso — Ganso do Norte, Maranhão, Flamingo. *Phenicopterus ruber*, ordem Fenicopteriformes.

Gaponga — Instrumento de pesca. Seixo redondo ou bola pequena feita com a costela do peixe-boi. Com esta bola, presa à ponta de um caniço, o pescador bate a água, simulando a queda de certos frutos de que são ávidos os peixes.

Gapuiar — Pescar nos baixios e um pouco ao acaso, lançando o arpão, flecha ou fisga.

Garajau — Cercado, engradado de madeira, gaiola.

Gorgulho — Pedra miúda de que é formada, por vêzes, o leito dos rios.

Guajará — Fruto comestível. Nome de muitas espécies de Sapotáceas da mata, principalmente dos gêneros *Chrysophillum* e *Lucuma*.

Guará — Mamífero. *Canis (Chrysocyon) jubatus*, grande lôbo brasileiro. Fam. Canidae.

Guará — Ave de bela plumagem vermelha. *Eudocomus ruber*. Família Ibididae, ordem Ardeiformes.

Guariba — Macaco. *Alouata seniculus*, família Cebidae, subfamília Mycetinae. O nome *guariba* é dado também a outras espécies de *Alouata*.

Guaxe — Ave. *Cacicus haemorrhous*, pássaro da família Icteridae. Em certas regiões, principalmente em Minas, chamam também assim ao *Cassicus cela*, japim, ou xexéu.

H

Harpia — Ave. *Thrasaetus harpya*. Grande e imponente falcão do Brasil. Fam. Falconidae, subfam. Buteoninae.

I

Iací — Jací, a lua.

Icamiaba — Sinônimo de Amazona. Cunhapuiara.

Igaçaba — Pote; cântaro de barro para guardar água e outros líquidos.

Igapó — Mato alagadiço. Trecho de floresta invadido pela água dos rios durante a enchente.

Igarapé — Ribeiro, riacho, caminho de canoa.

Igarité — Canoa grande, quase sempre com tolda de madeira.

Ilha de terra firme — Elevação de terreno, geralmente poupada durante as enchentes.

Iludimento — Artifício, afetação.

Imbaúba — Árvore. *Cecropia paraensis* Hub., *Cecropia robusta* Hub, e outras espécies. Família das Moráceas.

Imbé — *Cipó*. E' também conhecida por ambé. *Philodendron*, diversas espécies. Fam. Aráceas.

Inajá — Palmeira. *Maximiliana régia* Mart.

Ingazeira — Árvore. *Inga*, muitas espécies. Família das Leguminosas.

Ipadu — Nome por que é conhecida a *coca*, *Erytroxylon coca*, no Alto Amazonas.

Ipoméia — Trepadeira. Nome científico de um gênero de Convolvuláceas.

Itapuã — Instrumento de pesca. Espécie de arpão curto e forte.

Itauba — Árvore, *Silvia itauba* Mez. Família das Lauráceas.

J

Jacamim — Ave. Nome vulgar das aves do gênero *Psophia* (esp. *crepitans*, *leucoptera*, etc.) da família Psophilidae (ordem Gruiformes).

Jacamim-cunhã — Nome de um bailado dançado por certas tribos do Alto Amazonas. *Jacamim-cunhã* quer dizer *mulher-jacamim*. Nesse bailado, que é só dançado por mulheres, os figurantes fazem roda e, a um dado sinal, se juntam aos pares, mas dorso a dorso, cada qual procurando jogar ao chão o seu companheiro, por meio do choque de nádega contra nádega. Dizem que os jacamins não têm cauda porque se esfregam uns nos outros e daí o nome da dança.

Jaçanã — Ave. E' também conhecida por *piaçoca*. *Parra jacana*, Charadriforme (fam. Parridae).

Jacaretinga — Réptil. *Caiman niger*.

Jacitara — Palmeira trepadeira. *Desmoncus*, diversas espécies.

Jacruarú — Lagarto. *Tupinambis nigropunctatus*. Sáurio da família Tejidae. O nome *jacruarú* é também dado a outra espécie de Tupinambis (V. *tejuaçu*).

Jacumã — A pôpa da canoa e, por extensão, o remo largo que é manobrado à maneira de leme.

Jandiá — *Peixe*. *Rhamdia sebae*. Ostariófiso da família Siluridae.

Japá — Esteira tecida de fôlhas de palmeira; serve de tolda à canoa, de porta à casa, de teto à barraca.

Japim — Ave. *Cacicus cela*, pássaro da família Icteridae. V. *guaxe e xexéu*.

Jará — Palmeira. *Leopoldinia pulchra* Mart.

Jaraqui — Peixe. *Prochilodus binotatus*.

Jauari — Palmeira. *Astrocargum jauary* Mart.

Jenipapo — Fruto do jenipapeiro. Árvore. *Genipa americana* L. Fam. das Rubiáceas.

Juçara — Palmeira. Açaízeiro de um só tronco: *Euterpe precatória* Mart.

Jupati — Palmeira. *Raphia taedigera* Mart.

Jurema — Beberagem enfeitiçada. Filtro, amavio.

Jurubeba — Erva. *Solanum*, diversas espécies.

Jurupari — Instrumento músico. Espécie de longa trompa usada por algumas tribos do Alto Amazonas.

Jurutauí — Ave. *Nyctibius grandis*, Coraciiforme da família Caprimulgidae.

Jutaicica — Resina do *jutaí*, árvore; *Hymeneae courbaril*.

L

Laguna — Expansão de rio.

Lajeiro — Lajedo, grande pedra.

Leso — Tolo, bobo, tonto.

M

Macaco-prego — Nome comum às espécies do gênero *Cebus*. Fam. Cebidae, subfam. Cebinae.

Maçaranduba — Árvore *Mimusops Huberi Ducke*. Família das Sapotáceas.

Maculo — Doença peculiar ao Estado de Mato Grosso e também conhecida por *Corrução* e *Bicho*. Parece tratar-se de uma disenteria grave com tendência à protocele e gangrena do intestino.

Magoari — Ave. *Ardea socoi*, Ardeiforme da família Ardeidae.

Malícia de boi — Erva do Nordeste.

Mamorana — Árvore. *Bombax* (*Pachira*) *insignis* Sav. (?)

Maniva — A planta da mandioca. *Manihot utilissima*, Na Amazônia, só a raiz é conhecida por mandioca.

Maqueira — rêde.

Marã — Vara de empurrar a canoa; qualquer vara usada em serviços de navegação.

Maracá — Instrumento músico dos indígenas, espécie de chocalho.

Maracajá — Felídeo, *Felix pardalis* ou *Felix macrura*. Gato selvagem.

Maracujá — Fruto comestível de diversas *Passifloras*.

Marinheiro — Nome por que são conhecidos os portuguêses em certas localidades do Norte.

Maruim — Sob êste nome são compreendidas várias espécies de insetos pertencentes aos gêneros *Culicoides*, *Ceratopogon* e outros.

Matupá — Nome vulgar dado ao capim aquático que se encontra à beira dos rios e lagos.

Meio de mundo — Lugar desértico e longínquo.

Miriti — Palmeira. *Mauritia flexuosa.*

Mixira — Conserva de carne ou peixe em manteiga de tartaruga ou azeite de peixe-boi.

Mocó — Pequeno mamífero. *Cavia rupestris.* Roedor. Histericomorfo, da família Cavidae.

Mongubeira — Árvore. *Bombax monguba* Mart. Família das Bombacáceas.

Montaria — Pequena embarcação construída apenas com cinco tábuas.

Moquém — Assadouro ou grelha, geralmente de forma triangular, com cada ângulo descansando sôbre uma pedra ou sôbre uma forquilha de madeira.

Moqueada — Assada no moquém, a fogo lento.

Morrinhar — Aborrecer-se, entediar-se. Ficar quieto, tristonho, jururú.

Mundiça — Corruptela de imundicia? pessoa sem educação, suja, de maus costumes.

Mundos — Lugar onde se nasceu ou onde se mora.

Mundrunga — Feitiçaria.

Murucu — Arma indígena. Espécie de clava chata, esquinada, para ser brandida com as duas mãos.

Mururé — Planta aquática. *Pontederia rotundifolia* L. e *Eichornia azurea* H. B. K. Família das Pontederiáceas.

Murucututu — Coruja, também chamada *jacurutu. Bubo Magellanicus,* grande mocho. Família Bubonidae.

Mutá — Espécie de palanque sôbre o qual se espera a caça no mato ou o peixe à beira dágua, para flechá-lo.

Mutuca — Inseto. Nome pelo qual são conhecidos vulgarmente os Tabanídeos.

Mutum — Ave. Nome comum às aves dos generos *Crax, Nothocrax* e *Mitu,* Galiformes da família Cracidae.

Muiraquitã — Pedra das Amazonas. Amuleto que fabricavam as mesmas índias.

N

Niopo — Nome do Paricá, no Alto Amazonas, *Piptadenia peregrina* Benth. Família das Leguminosas. *Rapé de niopo,* rapé preparado com as sementes dessa árvore.

O

Oirana — Planta paludícola. *Salix* Martiana Leyb. Família das Salicáceas.

Ouriço — Fruto da castanheira do Pará, *Bertholletia excelsa* H. B. K.

P

Pacova — Banana, muitas variedades.

Pacú — Peixe. *Pseudopimelodus zungaro,* Ostariófiso da família Siluridae.

Pai d'égua — Garanhão, cavalo loteiro, semental.

Palheta — V. *Sapopema.*

Pancada — Salto ou cachoeira a pique, nos rios.

Paneiro — Cesto.

Panema — Infeliz, desditoso. Aplica-se principalmente àquele que, tendo ido à caça ou à pesca, nada colheu.

Paranamirim — O menor dos dois braços em que se divide um rio por efeito de alguma ilha implantada no seu seio. O

paranamirim pode ser também um canal ligando dois rios.

Paricá — Árvore, *Piptadenia peregrina* Benth. Suas sementes fornecem o *paracá*, certo rapé muito usado pelos indígenas. V. *Niopo*.

Pari — Tecido de talas ou de varas finas, com o qual se constroem as tapagens usadas em certas pescarias.

Passarão — Ave. *Cabeça de pedra, cabeça sêca, jaburu. Tantalus americanus*, espécie de cegonha comum em toda a América.

Patativa — Ave. *Sporophyla plumbea*, pássaro da família Fringillidae.

Patauá — Palmeira. *Oenocarpus Pataua* Mart.

Pau d'arco — Árvore. *Tecoma sp.* Família das Bignoniáceas.

Pau mulato — Árvore dos igapós. *Calycophyllum Spruceanum* Benth. Família das Rubiáceas.

Pé de pau — Sinônimo de árvore.

Pedra verde — Muiraquitã, amuleto das Amazonas.

Pedral — Amontoado de pedras no leito dos rios.

Peixe-boi — Mamífero. *Trichechus manatus*. Sirênio da família Trichechidae.

Periatã — Aglomeração de canarana que se desprega das margens e, arrastada pela corrente za, desce os rios como ilhas flutuantes.

Piaçaba — Palmeira. *Leopoldinia piassaba* Wallace.

Pipira — Ave. *Rhamphocelus nigrogularis*, pássaro da família Tanagridae.

Piquiá — Árvore. *Caryocar villosum* (Aub.) Pers. Família das Cariocaráceas.

Piracuí — Nome de uma preparação de peixe, a qual consiste em reduzi-lo a pó depois de sêco, e neste estado serve de alimento.

Piracema — Bando de peixes. Cardume.

Piraíba — Peixe. *Brachyplatystoma filamentosum* Ostariófiso da família Siluridae.

Piranha — Peixe. *Pygocentrus piraya*.

Pirapitinga — Peixe *Brachyplatystoma rousseauxi*. Ostariófiso da família Siluridae.

Piraquera — Pescaria feita à noite com o auxílio de fachos e usando a flecha, a zagaia, e, sobretudo, a fisga.

Piriricar — Estremecer, esfervilhar, borbulhar.

Pitiú — Cheiro peculiar do peixe; mau cheiro. Cheiro de coisa apodrecida.

Pitomba — Fruto comestível da pitombeira, espécie de *Talisia*. Família das Sapindáceas.

Pium — Inseto. Nome pelo qual são conhecidos na Amazônia os nematóceros da família Simulidae.

Pocema — Canto selvagem; algazarra, gritaria.

Pomboca — Ingênuo, bobo.

Poraquê — Peixe elétrico. *Electrophorus electricus*, Ostariófiso da família Electrophoridae.

Porta de abelhas — Entrada de colmeia.

Praia de cambão — Também chamada *praia de duas cabeças;* sistema formado por duas praias comuns, situadas na mesma margem, e separadas por um pequeno trecho de barranco.

Praia de viração — Praia em que se faz a viração das tartarugas, logo após a sua postura. A captura da tartaruga é chamada *viração* porque consiste em imobilizar prèviamente os quelônios, voltando-os de costas, para passar-lhe um fio pelas quatro patas.

Puçanga — Medicamento caseiro. Mèzinha.

Pupunha — Palmeira. *Guilielma speciosa.*

Puracé — Dansa dos índios.

Q

Quaruba — Árvore. *Vochysia,* tôdas as espécies; mais raramente algumas espécies de *Qualea.*

Quatipuru — Mamífero. Nome comum às espécies do gênero *Guerlinguetus,* vulgarmente chamados *caxinguelês.*

Queixada — Mamífero. *Tayassus labiatus,* outra espécie de *Tayassuidae* (V. *caitetú*).

Quiriri — Silêncio, calada, sossêgo noturno; mudez da natureza à noite.

R

Rato catita — Camondongo. *Mus musculus,* roedor, da família Muridae.

Rebique — Arrebique, enfeito, adôrno.

Regatão — Negociante e especulador. Mascate, mercador ambulante.

Reimoso — Que produz reima? *Fruta reimosa,* a que provoca urticária, eczema, etc.

Repiquete — Enchente brusca e passageira que é observada no início e no fim das cheias.

S

Sacaí — Graveto, galho sêco; lenha boa para o fogo.

Sacatrapo — Supositório feito de algodão ou outro fio enrolado na extremidade de um suporte de madeira. Era empregado na cura do *maculo.*

Salto — Desnivelmento abrupto das águas de um rio.

Sapopema — Expansão tabular da raiz junto do coleto de árvores florestais. No Amazonas também lhe chamam *palheta.*

Sararaca — Instrumento de pesca. Compõe-se de três partes: a flecha pròpriamente dita, o fuso ou suúmba e a espoleta ou virote.

Sarú — Expressão usada pelos pescadores para indicar a calada de um lago, a sua perfeita tranqüilidade, quando êsse estado significa falta de pescado. Estar calado; não ter nada; não bater nada (falando do peixe).

Serviço de gancho — Serviço pesado, trabalho árduo. Coisa perigosa.

Socó — Ave. Nome comum a várias aves da família Ardeidae. Na Amazônia existe principalmente o *Tigrisoma lineatum.*

Sorveira — Árvore. *Couma macrocarpa* Bar. Rodr., *Couma guianensis* Aubl., *Couma utilis* Mull, Arg.

Sucuriju — *Eunectes murinus,* cobra da família Boidae.

Sucuúba — Árvore. *Plumiera,* várias espécies.

Sumaumeira — Árvore gigantesca. *Ceiba pentandra* Gaertn. Família das Bombacáceas.

Surucuá — Ave. Nome pelo qual são conhecidas tôdas as aves da família Trogonidae (gêneros *Pharomacrus e Trogon*).

T

Tabatinga — Argila mole e untuosa, de côr esbranquiçada.

Taboca — Bambú, *Guadua sp.*

Taboleiro — Extensa planície, geralmente arenosa e de vegetação acanhada.

Tacape — Arma de guerra. Longa haste de madeira forte talhada à maneira de clava.

Taioca — Formiga de côr pardo-avermelhada. (Eciton?), muito nociva aos canaviais do Nor-

deste. No Norte chamam também *taiocas* aos cafusos.

Tajurá — Certa espécie de tinhorão. Família das Aráceas.

Talhadão — Rocha escarpada à margem de um rio.

Tamanduaí — Mamífero. *Cyclopturus didactylus*, pequeno tamanduá. Desdentado da família Myrmecophagidae.

Tambaquí — Peixe. *Myletes macropomus.*

Tanpapema — Arma indígena; espécie de espada ou alfange de madeira.

Taperibazeiro — Árvore. Cajazeira. *Spondias lutea* L.

Tapiri — Pequena cobertura de palha sbre travessas escoradas por quatro paus.

Tauá — Argila vermelha carregada de óxido de ferro.

Tauari — Árvore. *Couratari sp.* Fam. das Lecitidáceas. Da casca se extraem fôlhas finas, que servem para envoltório de cigarros.

Taxizeiro — Árvore. *Triplaris surinamensis* Cham, e *Tachigalia*, várias espécies, além de outras árvores mais raras.

Tejuaçú — Lagarto. *Tupinambis tejuixin*, sáurio da família Tejidae, também conhecido pelos nomes vulgares de *lagarto, teju, temapara e jacruaru.*

Tembetá — Batoque com que os indígenas adornam os lábios.

Terra firme — Terreno ao abrigo da cheia dos rios.

Teso — Elevação de terreno onde não chega a água das enchentes.

Tijupar — Palhoça de duas águas, que tocam no chão.

Tinguijar — Envenenar o peixe por meio de plantas tóxicas lançadas à água.

Tipiti — Cilindro tecido de palmas de palmeira usado para espremer a mandioca ou outro corpo qualquer, cujo caldo se queira extrair.

Tocandira — Formiga cuja picada é dolorosíssima e muito venenosa. *Dinoponera grandis.*

Tocari — Árvore. Sinônimo de castanheira do Pará: *Bertholletia excelsa.* H. B. K.

Tolda — Coberta da embarcação.

Toré — Instrumento músico; espécie de trombeta.

Traquejar — Conquistar, seduzir.

Travessão — Queda dágua. Pedras que encachoeiram as águas de um rio.

Treloso — Ardiloso, irrequieto, travêsso.

Trocano — Grande tambor de guerra usado pelos indígenas.

Tucujá — Vegetal. *Zschokkea arborescens* Mull. Arg. Família das Apocináceas.

Tucum — Palmeira. *Astrocaryum sp.*

Tucunaré — Peixe. *Cichla ocellaria.* Acantopterígio da família Cichlidea.

Tucupi — Caldo de mandioca usado como môlho, para caça ou peixe.

Tururi — Árvore cuja entrecasca serve aos índios para o fabrico de carcazes, calças, saias, trombetas.

Tuiuiu — Ave. *Mycteria mycteria.* Ord. Ardeiformes. Fam. Ciconidae. É também conhecido por *jabiru, jabiru e jaburu moleque.*

Tuxaua — Cacique, o maioral de uma tribo.

U

Uapé — Plantas aquáticas. *Nymphaea Rudgeana My.* e outras espécies.

Ubá — canoa feita com a casca inteiriça de uma árvore.

Ubim — Palmeira. *Geonoma*, muitas espécies.

Ubuçú — Palmeira. *Manicaria saccifera* Gaertn.

Ucuúba — Árvore. *Virola surinamensis* Warb; mais raramente espécies da afinidade desta.
Uirapuru — Ave. *Leucolepia musica*, pássaro da família Troglodytidae.
Umiri — Árvore. *Humiria floribunda* Mart. Família das Humiriáceas.
Urú — espécie de cabaz, cesto ou bolsa com tampa.
Urupema — Peneira.
Uxi — Fruto comestível do uxizeiro: Saccoglottis *uchi* Hub.

V

Vantagem — Prosa, gabolice, mentira.
Varação — O ato de arrastar a canoa por terra, quando o rio se torna inavegável.
Varadouro — Caminho pelo qual se arrasta a canoa, para fugir aos acidentes da corrente.
Vento de baixo — Vento soprado de leste, da foz do Amazonas.
Vitória-régia — Planta aquática. *Victoria regia* Lindl. É também conhecida por *forno, forno de jacaré, forno de jaçanã*.
Vigiar — Observar, reparar, inteirar-se.
Vontadoso — Desejoso.

X

Xerimbabo — Animal doméstico, animal criado em casa.
Xexéu — Ave. V. *japim*.
Xibé — Bebida preparada com farinha e água. É a *jacuba* do Sul.

Z

Zarabatana — Arma de arremêsso. Consiste num longo tubo pelo qual se impelem com o sôpro pequenas setas ervadas.
Zagaia — Lança curta.

ÍNDICE

I — As últimas páginas do diário 7
II — Perdidos 25
III — O vale dos gigantes 40
IV — *Puesto* de caucheiros? 58
V — As Amazonas 72
VI — Venenos 89
VII — O Inca 104
VIII — Revelação 117
IX — O uirapurú 131
X — O professor Hartmann 146
XI — Sob as ingazeiras 163
XII — Passatempos 175
XIII — A festa das pedras verdes 187
XIV — Planos de fuga 199
XV — Rio abaixo 205
Elucidário 213

☆

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, PARA A "*ORGANIZAÇÃO SIMÕES*" — RIO EM 1953

☆

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura